

O BRASIL NA CRISE ACTUAL



BIBLIOTECA PEDAGÓGICA BRASILEIRA

SERIE V — BRASILEIANA

VOLUMES PUBLICADOS

- I — **Baptista Pereira:** FIGURAS DO IMPÉRIO E OUTROS EN-
SAIOS (2.^a ed. 50).
- II — **Pandá Calogeras:** O MARQUEZ DE BACACENA (no prelo
a 2.^a ed. 50).
- III — **Aclides Gentil:** AS IDEIAS DE ALBERTO TORRES (syn-
thèse com índice remissivo).
- IV — **Oliveira Vianna:** RAÇA E ASSIMILAÇÃO (2.^a edição) —
aumentada.
- V — **Augusto de Sabóia-Franco:** SEGUNDA VIAGEM DO RIO DE
JANEIRO a MINAS GERAES e a S. PAULO (1822) — Tradução
e prefácio de Afonso de E. Taunay.
- VI — **Baptista Pereira:** VULTOS E EPISÓDIOS DO BRASIL.
- VII — **Baptista Pereira:** DIRECTRIZES DE RUY BARBOSA (Segun-
da textis escalhidos).
- VIII — **Oliveira Vianna:** POPULAÇÕES MERIDIONALES DO BRASIL
(1.^a edição).
- IX — **Nina Rodrigues:** OS AFRICANOS NO BRASIL (Revisão e pre-
fácio de Honório Pinheiro Profusamente ilustrado).
- X — **Oliveira Vianna:** EVOLUÇÃO DO POVO BRASILEIRO (2.^a
edição) — Profusamente illustrada.
- XI — **Luis da Camara Cascudo:** O CONDE FEU (illustrado).
- XII — **Wanderley Pinho:** CARTAS DO IMPERADOR PEDRO II AO
BARÃO DE COTEGIPE (vol. illustrado).
- XIII — **Vicente Licínio Cardoso:** A MARGEM DA HISTORIA DO
BRASIL.
- XIV — **Pedro Calmon:** HISTORIA DA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA.
- XV — **Pandá Calogeras:** DA REGENCIA A QÜEDA DE ROZAS
(3.^a volume da serie: Relações Exteriores do Brasil).
- XVI — **Alberto Torres:** O PROBLEMA NACIONAL BRASILEIRO
- XVII — **Alberto Torres:** A ORGANIZAÇÃO NACIONAL.
- XVIII — **Visconde de Taunay:** PEDRO II.
- XIX — **Afonso E. de Taunay:** VISITANTES DO BRASIL COLONIAL.
(Seculos XVI-XVIII).
- XX — **Alfredo de Faria:** MAUA* (com tres illustrações fóra do texto).
- XXI — **Baptista Pereira:** PELO BRASIL MARIT.
- XXII — **E. Roquette-Pinto:** ENSAIOS DE ANTHROPOLOGIA BRA-
SILEANA.
- XXIII — **Evaristo de Moraes:** A ESCRAVIDÃO AFRICANA NO
BRASIL.
- XXIV — **Pandá Calogeras:** PROBLEMAS DE ADMINISTRAÇÃO.
- XXV — **Marlo Marroquin:** A LINGUA DO NORDESTE.
- XXVI — **Alberto Rangel:** RUMOS E PERSPECTIVAS (2.^a edição).
- XXVII — **Alfredo Ellis Junior:** POPULAÇÕES PAULISTAS.
- XXVIII — **General Couto de Magalhães:** VIAGEM AO ARAGUAYA.
- XXIX — **Josué de Castro:** O PROBLEMA DA ALIMENTAÇÃO NO
BRASIL.
- XXX — **Cap. Frederico A. Rondon:** PELO BRASIL CENTRAL.

BIBLIOTHECA PEDAGOGICA BRASILEIRA
Serie V BRASILIANA *Vol. XXXI*

AZEVEDO AMARAL

O BRASIL NA CRISE ACTUAL



1934

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
RUA GUSMÕES. 24-A, 26, 28, 30 - S. PAULO

I N D I C E

Prefacio	7
I — O methodo revolucionario	11
II — Illusões do após-guerra	51
III — Individualismo e collectivismo	85
IV — A paz e a guerra	105
V — Realidade e ficção na crise brasileira	137
VI — O Brasil real	171
VII — A nação, a Provincia e o Municipio	201
VIII — Conflictos de culturas	227

SOC. IMPRESSORA PAULISTA
Rua Scavero, 22 - São Paulo

*O*s ensaios reunidos neste livro fixam algumas observações e commentarios criticos, suggeridos ao autor pelos problemas que se apresentam de um modo geral a todas as nações e aas quaes o Brasil não pôde permanecer mais indifferente. O nosso desenvolvimento historico distinguu-se no passado pela falta de synchronismo entre a marcha do progresso brasileiro e o rythmo geral da evolução do mundo civilizado. As forças que plasmavam as configurações organicas das outras sociedades só faziam sentir a sua influencia entre nós, quando em outros meios já se ia esgotando a sua capacidade creadora. Fomos sempre imitadores de cousas que começavam a decahir, copistas de formas que iam ficando fóra de moda. Agora as influencias exteriores do dynamismo das civilizações mais evoluídas repercutem no Brasil immediatamente. Em um mundo que se torna de dia para dia menor pela multiplicação dos vínculos de approximação internacional, já não temos tempo de meditar na attitude de meros espectadores sobre o que se passa no longe e somos forçados a examinar como nossos todos os problemas, que surgem nesta phase de transição e de conflicto de tendencias contradictorias. Os problemas brasileiros são os problemas

mundiões, o que não implica em dizer-se que as peculiaridades do nosso ambiente não refractem os aspectos nacionaes daquellas questões, ao ponto de dar-lhes por vezes uma physionomia essencialmente differente.

Nestes estudos o autor procurou traçar simultaneamente as linhas geraes de cada uma das questões focalizadas, enquadrando em seguida nellas o caso particular que ora se apresenta na experiencia brasileira. Embora se trate de ensaios até certo ponto autonomos, formam elles contudo uma cadeia logica de observações e de idéas, na qual os estudos aqui reunidos podem ser considerados como capitulos de um livro.

Como explicação prévia ao leitor convem assignalar o character essencialmente critico destes estudos, em cuja feitura houve por certo a inspiração dos sentimentos de brasilidade do autor, mas que não obedecem a um proposito finalista de natureza especifica. Fazendo o estudo de problemas que interessam vitalmente o Brasil, a preocupação predominante de quem escreveu estes ensaios foi a analyse objectiva da realidade. E como esta é sempre contradictoria em consequencia da propria complexidade, é possivel que o leitor tenha por vezes a impressão, aliás falsa, de alguma inconsistencia entre affirmações contidas nestas paginas. Entretanto, se a leitura dellas fôr feita levando-se em consideração o ponto de vista critico e objectivista em que se collocou o autor, verificar-se-á a coherencia que coordena todas as idéas e opiniões aqui expressas.

O prisma através do qual foram analysados os problemas aqui postos em fóco, tornou o autor necessariamente indifferente aos preconceitos que poderia ferir. Indo assim contradictar conceitos e opiniões, não obedeceu por certo a um desejo pueril de irritar sentimentos alheios; mas foi apenas coherente com a orientação objectivista e critica que se traçara como norma nestes estudos, em obediencia aliás ás tendencias espontaneas do seu espirito.

Rio de Janeiro, 24 de Julho de 1931.

AZEVEDO AMARAL.

O METHODO REVOLUCIONARIO

QUEM observa á distancia uma cordilheira, recebe a impressão de uma continuidade na qual os accidentes orographicos se apresentam como excepções, perturbando a homogeneidade cohesa da massa montanhosa. Ao approximar-se, entretanto, e começando a galgar a encosta serrana, bem differente é a realidade que se depara ao alpinista. O que lhe parecia de longe um desenvolvimento ininterrupto, não passa agora de uma serie de volumes separados uns dos outros por traços divisores profundos, que individualizam blocos autonomicos, transformando a homogeneidade apparente da serra em uma cadeia cujos elos são mais ou menos inconfundiveis. Não é outra a situação do estudioso do desenvolvimento historico de qualquer grupo humano, conforme se contenta com um exame summario do conjuncto evolutivo ou procede á analyse minuciosa das differentes etapas percorridas pela collectividade, em apreço através das vicissitudes da sua aventura politica. Assim, dois pontos de vista oppostos podem servir de base ao estudo dos phenomenos da sociogenia de qualquer grupo humano.

Com a perspectiva panoramica que permite descor-

tinhar syntheticamente a historia de uma nação, temos a idéa illusoria do progresso alcançado pela evolução lenta, pela successão gradual de durações quasi identicas umas ás outras, imprimindo á personalidade collectiva unidade e cohesão perfectas. Mas se o estudioso substitue o methodo da apreciação synthetica do conjuncto do desenvolvimento historico pelo processo mais rigoroso da analyse paciente desse conjuncto, as suas conclusões são muito diversas. O progresso, a elaboração de elementos expressivos de etapas cada vez mais adeantadas de civilização não se opéra pelo encadeamento pacifico e sorrateiro de formas completamente entrosadas de organização economica, social e politica. Examinado por um prisma analytico, o processo historico torna-se fragmentario. As successivas etapas que, observadas panoramicamente, se solidarizavam em uma continuidade homogenea, adquirem aspecto inequivocamente individualizado, separando-se umas das outras pelos vestigios caracteristicos de episodios mais ou menos violentos, que em determinadas epochas interromperam o fluxo do desenvolvimento sociogenico, de modo a assegurar a autonomia da phase subsequente em relação á que a precedera. O que parecia homogeneo, é na realidade heterogeneo; onde se tinha a illusão da continuidade, ha de facto uma serie descontinna de etapas autonomicas. Antes de passarmos a outras considerações, cumpre desde já assignalar que a descontinuidade das phases do desenvolvimento historico não implica na quebra de unidade total do processo evolu-

tivo, nem envolve negação de uma continuidade superior, que transcende e coordena como elos de uma mesma cadeia os episodios fragmentarios. Esse fio unificador dos multiplos e successivos cyclos de desenvolvimento de uma sociedade é a tendencia orientadora de todas essas etapas. E' o que foi apprehendido com inexcedivel clarividencia por Keyserling na sua genial concepção do sentido, como elemento individualizador de um typo de civilização, independentemente das formas peculiares de organização material que ella apresenta. A este ponto de inexcedivel relevancia teremos de voltar depois do exame das consequencias immediatas do contraste entre a homogeneidade apparente do desenvolvimento historico e a descontinuidade real que o caracteriza.

Os homens e as cousas, bem como as attitudes dos primeiros em relação ás segundas polarizam-se sempre, dando lugar á natureza essencialmente combativa de todas as situações que encontramos tanto no meio cosmico, como na ambiencia social. Não seria, portanto, possivel que os pontos de vista mantidos em todos os tempos e em todos os lugares acerca do processo historico não correspondessem á opposição inevitavel no apreço dos phenomenos de qualquer categoria. Sob a influencia da impressão da illusoria continuidade homogenea ou abordando a realidade do encadeamento evolutivo em espirito de maior objectividade e verificando assim o seu character descontinuo, os homens, ora no plano intellectual ora no terreno da acção politica, divi-

diram-se respectivamente em evolucionistas e revolucionistas. Estas duas classes vêm sendo representadas no mundo através dos tempos históricos e certamente seriam encontrados os seus especimens typicos nas nebulosas sociaes da phase proto-historica, senão mesmo desde o alvorecer ainda mais remoto da humanidade. Em nossos dias, as duas attitudes tornaram-se mais conscientes, vinculando-se cada uma dellas a um systema doutrinario definido e claro. Mas em periodos anteriores as tendencias respectivamente personificadas em evolucionistas e revolucionistas, apresentavam-se sob outros aspectos e com denominações diversas, significando sempre os mesmos pontos de vista no apreço dos factos occorridos no jogo do dynamismo social.

A opposição permanente entre o conservantismo e a corrente progressista, manifestada em todas as epochas nas circumstancias mais diversas e por formas determinadas pela ambiencia particular de cada caso, assignala a polaridade do espirito humano quanto ao modo de encarar o dynamismo social e ás attitudes praticas provocadas pelos factos occorridos no dominio sociologico. Sob a influencia de idéas mais precisas e de conceitos mais claros formados em torno daquelles factos, como effeito da applicação a elles dos principios estabelecidos na biologia acerca da interpretação das transformações especificas dos seres vivos, as tendencias que já subsistiam de modo impreciso na consciencia politica de todos os povos tomaram aspectos mais nitidos, traduzindo-se em uma doutrina systematizada do desen-

volvimento historico, a partir do seculo XIX. Por muito tempo, a ascendencia do evolucionismo concebido como um processo de desenvolvimento lento e de transformação gradual dos organismos, reflectiu-se tanto na sociologia como nas actividades praticas da politica em uma crença no progresso incessante das sociedades pelo effeito cumulativo de forças que propelliam o movimento sociogenico no sentido do aperfeiçoamento incessante das instituições creadas pelas necessidades organicas do proprio metabolismo social. A idéa do desenvolvimento dialectico, levada por Hegel a um alto nivel de systematização logica, veiu ainda concorrer poderosamente para robustecer a confiança na efficacia do movimento evolutivo das sociedades, movimento determinado pela pressão irresistivel de uma tendencia innata na propria essencia das cousas e cujo curso apenas de modo superficial e occasional poderia ser influenciado pela acção voluntaria dos individuos e mesmo das collectividades.

Coincidindo com a orientação intellectual tendente a inculcar nos espiritos a convicção da possibilidade de realizar-se o aperfeiçoamento gradual das sociedades por um processo evolutivo isento da intercorrença de crises de transformação violenta, entrou em jogo outro factor determinante tambem do abandono gradual de methodos revolucionarios pelos povos civilizados. As conquistas alcançadas no terreno politico pela Inglaterra, a partir do fim do seculo XVII, em que se accentuaram desde principios do seculo XIX, fizeram com que se diffundisse pelo mundo uma fé que chegou a ser quasi su-

persticiosa na efficacia do sufragio e dos methodos do governo representativo. Tão forte foi essa influencia que a Revolução Franceza, embora tivesse uma base ideologica profundamente differente dos conceitos de organização politica inspiradores das instituições inglezas, assumilou, tornando parte integrante das formas de governo surgidas sob a sua orientação, o systema que ia dando resultados tão satisfatorios entre os povos anglosaxonios. Um pouco adiante, retrocederemos a este ponto, afim de mostrar o erro a que foram levados os imitadores do constitucionalismo inglez, não dando a devida importancia a um facto que, apropriadamente apreciado, mostraria como no caso britannico não se encontrava argumento em favor da possibilidade do desenvolvimento politico por una acção exclusivamente evolutiva.

Até os primeiros annos do seculo actual, o evolucionismo politico dominou incontrastavelmente as sociedades mais avançadas e cultas, considerando-se os methodos revolucionarios como processos grosseiros de promover o progresso social, apenas utilizados por povos inferiores ou atrasados. A propria concepção do desenvolvimento dialectico da sociedade, formulada por Marx, apesar de postular uma crise revolucionaria final, que asseguraria ao proletariado o exercicio da dictadura como instrumento de transformação definitiva da ordem economica e social, era essencialmente evolucionista. A revolução no plano marxista constituia um episodio final, simples epiphonemeno do processo dialectico que gra-

Qualmente deveria conduzir a sociedade da etapa capitalista ao estado synthetico da socialização integral. Sómente na obra de Georges Sorel apparece a primeira systematização logica da ideologia revolucionaria, como base doutrinaria de um methodo caracteristico de acção social transformadora e creadora. O grande espirito do autor de "Réflexion sur la Violence" foi o introductor da idéa da descontinuidade na interpretação do processo sociogenico. As tres idéas fundamentais do extraordinario pensador francez — caracter descontinuo do progresso social, função da vontade na determinação das directrizes desse progresso e o papel da illusão mythica como propulsora das actividades revolucionarias — formam a trilogia ideologica do revolucionismo contemporaneo. A influencia dessa triplice fundação dogmatica faz-se sentir de modo inequivoco na mentalidade dos dois grandes revolucionarios praticos do seculo XX, Lenine e Mussolini. Sobre o primeiro o cuiho do pensamento soreliano destaca-se com tal nitidez, que não nos parece exaggerado affirmar ter elle neutralizado e mesmo em alguns pontos sobrepujado a formação cultural marxista do creador da Russia Sovietica. Não é sómente em aspectos praticos da acção constructiva de Lenine que transparece com inconfundivel clareza a influencia de Sorel; é no proprio conceito global do phenomeno revolucionario que sentimos o protagonista do Outubro russo mais perto do revolucionismo activo do pensador francez que da majestosa concepção dialectica do autor de "O Capital". No Duce fascista depara-se-

nos caso ainda mais evidente da mesma influencia, não obstante as divergencias profundas e irreconciliaveis entre as finalidades politicas da revolução italiana e o sentido da transformação revolucionaria idealizada por Sorel.

Outros factores intellectuaes concorreram ainda, logo no principio do seculo actual, para deslocar o pensamento sociologico e a acção politica das posições decorrentes da attitude evolucionista, em que se haviam mantido as gerações immediatamente precedentes. A influencia de Bergson irradiando por toda a Europa e fazendo-se sentir na corrente pragmatista americana, trouxe uma contribuição notavel ao encaminhamento do pensamento politico no sentido de uma preferencia pelos methodos revolucionarios. O conceito evolucionista bergsoniano, attribuindo á idéa de tempo uma significação realística e por assim dizer concreta, que não lhe era dada na accepção mathematica em que fôra até então entendido e sobretudo pela introdução do impeto vital como causa efficiente do desenvolvimento evolutivo, fez resurgir na philosophia contemporanea uma forma de néo-vitalismo que logicamente tendia a accentuar o valor da acção voluntaria no processo sociogenico, em detrimento dos factores de um determinismo expressivo da convergencia de forças isoladas e de circumstancias occasionaes.

De alcance ainda maior foi a influencia exercida durante os ultimos decennios pelo pensamento pragmatista, sobre o qual aliás, como acabamos de observar,

foi profunda e decisiva a repercussão exercida no espirito de William James pela philosophia de Bergson. O conceito da evolução como acção creadora do impeto vital e o anti-intellectualismo envolvido por essa interpretação do processo evolutivo formaram de facto a base metaphysica do pragmatismo de James, cuja característica individualizadora é a substituição da idéa do Absoluto pelo conceito do Bem e da Verdade como expressões da idealização das tendencias dos seres. No universo interpretado pragmatisticamente desaparecem as noções de infinito e de solidariedade necessaria dos elementos constituintes da totalidade cosmica. Subordinação do bom e do verdadeiro ás contingencias peculiares da entidade em apreço, abandono de um plano intellectual de desenvolvimento cosmico e interpretação do progresso, como effeito da acção creadora da energia vital inherente ao proprio ser, representam as bases em que assenta toda a estrutura pragmatista. Desses fundamentos metaphysicos decorrem as idéas de um universo pluralistico e descontínuo, da superioridade da intuição como instrumento da pesquisa do conhecimento e da efficacia da vontade na alteração das re'ações entre os seres e, portanto, na propulsão do desenvolvimento evolutivo. Passando ao plano da acção pratica, o pragmatismo fixou dois pontos de incalculavel alcance como estimulantes do revolucionismo contemporaneo.

Um delles foi o criterio de apreciação do bom e do verdadeiro pela coincidência com as inclinações espontaneas e authenticas da entidade que procura attingir

aquelles objectivos. O outro é a noção de que as transformações profundas e definitivas têm sempre o character de episodios bruscos e dramaticos. Esta idéa originariamente fixada por James no seu estudo da psychologia da conversão (1), reflectiu-se em toda a extensão do pensamento pragmatista por uma forma subconsciente que lhe imprimiu tendencia perceptivelmente revolucionista.

Se é certo que o pensamento philosophico de William James não persiste actualmente como força efficiente na plasmagem da mentalidade contemporanea, nem por isso é menos incontestavel que a concepção geral do pragmatismo não sómente continúa a constituir a base ideologica da cultura hodierna, como representa sobretudo o mais poderoso agente orientador da acção social e politica. Durante o ultimo quarto de seculo as directrizes do pensamento politico se vêm emancipando cada vez mais das limitações de qualquer concepção intellectualista, para se encaminharem segundo a pressão das tendencias peculiares de cada grupo, em obediencia a um criterio rigorosamente pragmatista do apreço dos problemas e dos methodos mais efficientes para resolvel-os. Ainda a influencia geral do pragmatismo deve ser attribuida a crescente confiança na acção da vontade exercida por processos directos, como meio preferivel de transportar os obstaculos oppostos á avancada das aspirações, em que se manifesta o impeto vital

(1) William James — "Some varieties of religious experience".

plasmador das formas evanescentes das sociedades humanas.

Menos flagrante, mas de não menor alcance que a influencia exercida pelo pragmatismo na criação da mentalidade revolucionista dos dias actuaes, foi o papel desempenhado na formação dessa tendencia pelas novas idéas que alteraram radicalmente os fundamentos metaphysicos da sciencia desenvolvida desde o seculo XVII. Tanto a philosophia cartesiana como a sciencia promanada da physica de Newton, adoptavam como base o triangulo metaphysico demarcado pelos conceitos de substancia, materia e natureza. Todo o pensamento dos tres ultimos seculos gira em torno da noção de existencia associada á de substancia, qualquer que fosse a forma peculiar por esta ultima assumida, e do postulado de que a ordem phenomenae era a expressão de relações mais profundas que poderiam ser ou não investigadas conforme a attitude intellectual adoptada em face de uma natureza cuja realidade objectiva era implicitamente admittida. Um plano evolutivo concebido dentro da configuração traçada por essas idéas fundamentaes tinha forçosamente de apresentar o character de desenvolvimento operado em função de dois factores distinctos embora concomitantes, o espaço e o tempo. A philosophia scientifica do seculo XX postula uma base metaphysica essencialmente differente. A' investigação do phenomeno como expressão de propriedades da substancia, o novo pensamento scientifico oppõe o estudo do phenomeno em si mesmo como unica realidade obje-

ctiva, substituindo assim a idéa de existencia substancial pelo conceito de duração e dando apenas realidade ao acontecimento, não mais encarado em função do espaço e do tempo como factores distinctos, mas coordenados e interdependentes na noção unica do espaço-tempo.

O reflexo da nova metaphysica scientifica no dominio sociológico e através delle nas actividades praticas da politica, vinha reforçar a acção dos outros elementos que deslocavam o pensamento politico do evolucionismo para o revolucionismo. Uma vez admittido que o conjunto da realidade era apenas uma successão de durações, um encadeamento de acontecimentos, cada um destes, não obstante a sua solidariedade com a realidade total, tinha a sua autonomia dinamica nitidamente caracterizada, dependendo apenas dos seus antecedentes immediatos e projectando-se em effeitos peculiares que se traduziriam na duração immediatamente successiva. Assim, em vez de um processo de desenvolvimento concatenado de origens inaccessiveis a finalidades indeterminaveis, o progresso historico pôde ser interpretado como uma serie de durações individualizadas e concretizando cada uma dellas a acção determinante de factores immediatamente precedentes. Não é preciso analysar esse conceito do desenvolvimento historico, para concluir ser elle equivalente á noção de que o progresso das sociedades humanas se faz por um encadeamento de revoluções e não pelo fluxo continuo de uma evolução gradual e essencialmente homogenea. Em ou-

tras palavras, o processo historico não tem a continuidade que se lhe attribuia e é nitidamente descontínuo. Onde se via uma cadeia cujos elos entrosados lhe davam identidade, depara-se-nos uma serie de durações individualizadas.

A noção da descontinuidade, predominante na philosophia scientifica contemporanea e reflectindo-se em todos os ramos do conhecimento, torna-se de dia para dia mais apreciavel na interpretação dos phenomenos sociologicos. Esta attitude tão característica na idéa da autonomia dos periodos historicos de Spengler (1) depara-se-nos também, embora por forma menos systematizada mas igualmente vigorosa, na obra de Keyserling. Existe assim no plano mais elevado de expressão cultural da nossa época uma tendencia inequivocamente accentuada a encarar os phenomenos do desenvolvimento historico como uma successão de durações nitidamente diferenciadas entre si e através das quaes se traduzem os effeitos de factores peculiares, que compõem o conjuncto determinante de cada etapa do curso da civilização.

O revolucionismo do seculo XX corresponde, portanto, a um sentido bem definido da orientação cultural. Semelhante tendencia coincidiu com a actuação de factores economicos e politicos, que imprimiram forma concreta no dominio social aos methodos em tão sen-

(1) Oswald Spengler — "Decadencia de Occidente" (tradução hespanhola).

sivel harmonia com as directrizes do pensamento contemporaneo. Essa coincidencia evidentemente nada tem de fortuita, devendo-se mesmo observar que naquellas directrizes intellectuaes já se reflectia a influencia dos factores economicos que, como ponto de partida do dynamismo propulsor do desenvolvimento sociogenico, foram por certo os estimulantes da orientação philosophica a que acabamos de alludir e syntheticamente expuzemos.

*
* *

Ao primado da ordem economica no determinismo de todos os phenomenos sociaes e nas consequencias politicas destes resultantes, precede o factor tecnico que a elle se acha indissolvelmente associado. O progresso economico é, em ultima analyse, a expressão pratica do desenvolvimento da tecnica das differentes formas de producção. Sem aperfeiçoamento tecnico e independentemente das transformações por meio delle operadas nos processos pelos quaes se exercem as actividades productoras, não ha nem pôde haver qualquer progresso economico. E como sem este não ha meio de operar-se qualquer transformação nas configurações sociaes e politicas, nem nas manifestações culturaes, chegamos á conclusão de termos forçosamente de encontrar, como ponto inicial de qualquer nova etapa do processo historico, uma e em geral multiphas invenções ou aperfeiçoamentos technicos, que reflectem a avan-

çada do espirito humano na pesquisa do conhecimento, no melhor entendimento das relações phenomenaes e na applicação mais efficiente das descobertas de natureza theorica ás necessidades praticas da economia humana.

A verdade dessas proposições patentea-se com impressionante clareza a quem estudar as transformações operadas nas sociedades humanas civilizadas, durante o ultimo meio seculo. Desde a utilização do vapor como força motriz e do emprego do carvão mineral para a redução do minerio de ferro, occorreu na technica da produção e dos meios de comunicação e de transporte uma revolução, cujo traço caracteristico foi a substituição de um rythmo vagaroso da vida economica pela acceleração progressiva das suas actividades. Mas o progresso assim realizado desde a primeira metade do seculo XVIII até o fim do terceiro quartel do seculo XIX, teve o cunho de um desenvolvimento que, embora rapido, não deixou de ser nitidamente gradual. Isto se verifica tanto pelo estudo retrospectivo das invenções e aperfeiçoamentos technicos realizados naquelle periodo, como de modo igualmente e talvez ainda mais impressionante pelo exame dos dados estatisticos da produção durante o mesmo periodo. Na segunda metade do seculo XIX começam a ter logar innovações technicas de alcance que sómente agora se vae tornando vagamente perceptivel e que estavam destinadas a repercutir na economia, na organização social e politica e nas directrizes culturaes das sociedades humanas por forma a imprimir um novo sentido á civilização.

A primeira e por enquanto a de mais decisiva influencia foi a applicação da energia electrica, estudada desde o seculo XVIII, a finalidades praticas na vida social e na organização da producção. O telegrapho, o telephone, a iluminação electrica e o emprego da electricidade como força motriz nas industrias e nos serviços de tracção foram successivamente precipitando transformações economicas tão profundas e tão violentas mesmo que, simultaneamente com as transformações progressivas occorridas no dominio da producção, sobrevinham metamorphoses radicaes no psychismo das differentes collectividades affectadas por aquelles progressos technicos. Os homens, já iniciados pelo vapor na ambiencia mental da rapidez dos deslocamentos e das transformações, começaram a ter diante de si perspectivas até então inconcebiveis do aniquilamento das distancias e da compressão de actividades realizadoras em lapsos acanhados de tempo.

As consequencias psychologicas de taes influencias tinham fatalmente de fazer-se sentir em um desden cada vez mais accentuado por todos os methodos que, em qualquer esphera de actividade, envolvessem delongas na execução de planos e de idéas. Ao effeito das applicações, cada vez mais variadas da electricidade, juntaram-se a partir dos ultimos annos do seculo passado as influencias de inexcelevel amplitude, exercidas pelo emprego do motor de explosão em uma nova especie de vehiculos que vinham subverter por completo as idéas do seculo XIX em materia de transportes. O

automóvel generalizou a um numero tão grande de individuos e tornou tão frequente nos habitos communs delles o deslocamento accelerado, que era inevitavel accentuar-se no psychismo de todas as populações a tendencia a impacientar-se com a lentidão e a preferir em todas as modalidades da acção humana os processos bruscos e de resultados immediatos. Alem disso, o automóvel extendendo a vibração da vida moderna a regiões que pelo seu afastamento dos troncos ferroviarios não haviam sido influenciadas pela locomotiva, creou em poucos annos uma nova mentalidade rural muito mais approximada do psychismo urbano e, portanto, menos inclinada a formar, como outrora, o elemento natural de resistencia á maior impulsividade das populações densas das zonas industrializadas e commerciaes.

Os progressos na conquista do ar e particularmente o desenvolvimento da aviação reforçaram de modo decisivo as tendencias já impostas pelos outros factores anteriormente nomeados. A radio-telegraphia, a radio-telephonia e afinal a televisão completam o conjuncto de elementos convergentes no sentido de crear uma mentalidade espontaneamente inclinada á acção immediatamente realizadora e a não conformar-se com as contingencias de tempo e de espaço a que tão profundamente se achava submittido o psychismo dos homens das gerações passadas.

Mas as características impressas ás differentes formas de produção e aos systemas de transportes e communições pelas invenções tecnicas, que se vêm suc-

cedendo umas ás outras desde meados do seculo XIX, favoreceram ainda a formação da mentalidade revolucionista pela intensificação por ellas determinada de uma consciencia das possibilidades do homem. A confiança na efficacia de um processo de evolução gradual e lenta implicava no deslocamento da propulsão do desenvolvimento historico para forças alheias á acção deliberada do homem individual ou mesmo colectivo. Os seculos de fé haviam acreditado em um desenrolar dos acontecimentos historicos guiado pela providencia dos deuses. Esta era a interpretação do processo historico que transparece nas idéas de todos os pensadores dominados pelo theologismo e á qual Bossuet deu forma systematizada do seu ponto de vista christão em um esboço didáctico de analyse philosophica da historia da humanidade. Nos dois ultimos seculos, a chave theologica não satisfaz mais as necessidades da mentalidade que não é mais influenciada pela crença religiosa, mas a mesma idéa subsiste transferida para o plano metaphysico. O evolucionismo do seculo XIX é essencialmente teleologico, substituindo o providencialismo de epochas anteriores pela necessidade de um desenvolvimento progressivo que passa a constituir o "deus ex machina" do processo historico. Entre a idéa da intervenção providencial encaminhando os destinos da humanidade para determinados fins e as concepções do progresso social de Comte, de Spencer e de Marx existe, sem duvida, uma profunda differença em que se patentea o apuro dos methodos de pesquisa do conheci-

mento, mas não ha uma alteração radical na essencia da attitude assumida na interpretação do desenvolvimento historico. Na sociologia do seculo XIX o desenvolvimento historico é interpretado de um ponto de vista inconfundivelmente finalista, que reduz a acção deliberada da sociedade a simples manifestação concreta das forças propulsoras e orientadoras do movimento progressivo. Sem duvida, a importancia cada vez maior do psychismo inconsciente na psychologia moderna permite attribuir ás interpretações finalistas, que a sociologia do seculo XIX deu ao desenvolvimento historico, o cunho de um determinismo positivo e reductivel a termos compatíveis com uma concepção scientifica do processo sociogenico. Mas mesmo assim não é possível escapar ao reconhecimento da physionomia nitidamente teleologica das theorias a que acima alludimos.

A mentalidade gerada pelas condições economicas e sociais, que os progressos da technica scientifica applicada ás actividades economicas vieram determinar, apresenta aspectos muito differentes de que resultam attitudes novas na apreciação dos phenomenos do desenvolvimento sociogenico. Os primeiros effectos do adiantamento realizado na pesquisa das relações phenomenaes observadas e estudadas pelos differentes ramos da investigação scientifica, concretizaram-se na tendencia á submissão docil á natureza. Seguindo o preceito do grande iniciador da era scientifica, comprehendiam cada vez melhor os homens que o unico meio eficaz de pôr

ao seu serviço as forças naturaes, era obedecer ás leis em que se exprimiam as relações phenomenaes verificadas pela analyse da realidade objectiva. Mas existe no espirito humano uma inclinação irresistivel á creação dos idolos. E a regra formulada pelo pensador inglez que tanto se empenhara em preaver os seus semelhantes contra os perigos de todas as formas de idolatria, acabou tornando-se para a grande massa o dogma de um novo culto e o alimento de uma nova superstição. Bacon definira um conceito methodologico, que tres seculos de adiantamento da sciencia têm amplamente justificado. Entretanto, o exito impressionante das directrizes fixadas para a pesquisa do conhecimento positivo veiu formando no psychismo do homem moderno uma especie de mysticismo da natureza a que elle foi transferindo as prerogativas dos deuses de que se emancipara, até enthronizar as causas da dramatização phenomenal, attribuindo-lhes uma realza virtual do universo em que as existencias transitoriamente individualizadas não passavam de manifestações ephemerar de uma realidade fundamental, cujas características essenciaes tinham fatalmente de traduzir-se em determinados phenomenos.

Assim a revolução philosophica do principio do seculo XVII veiu a ser o ponto de partida de uma reacção contra o humanismo, que se esboçara na corrente nominalista do escolasticismo medieval e se affirmara triumphalmente em todas as expressões da actividade humana no periodo renascentista. O pensamento baconiano

era tipicamente naturista e com elle de facto reatou-se no Occidente a tradição espiritual do physicismo dos iónicos da Grecia pre-soeratica, tal qual como o pre-renaescentismo e o renascentismo haviam retornado ao meridiano philosophico do humanismo com que Protágoras iniciara uma reacção contra o exclusivismo naturista dos iónicos, reacção frustrada pela funesta intervenção victoriosa de Soerates, interrompendo a evolução normal do pensamento hellenico.

A partir de meados do seculo XIX, começa a delinear-se o preludio de uma nova etapa de desenvolvimento espiritual, cada vez mais caracteristicamente influenciada pelo pensamento humanista. Teremos de voltar em outro capitulo a este ponto, bastando por enquanto assignalar que o novo retorno ao humanismo foi a expressão intellectual da affirmação progressivamente mais impressionante do dominio do homem sobre o meio ambiente, posto ao seu serviço em escala cada vez maior pelas applicações praticas da technica scientifica. É como teremos ensejo de verificar, o néo-humanismo contemporaneo representa um dos elementos de maior relevancia na mentalidade revolucionista dos dias actuaes.

Encaradas pelo prisma mais restricto da sua influencia immediata, as condições economicas, promanadas das applicações da technica scientifica ás differentes formas de produção e aos methodos de transportes e de communicações, concorreram directamente para substituir no psychismo das sociedades contemporaneas a

confiança no evolucionismo politico pela nova fé nos processos revolucionarios. A celeridade das transformações operadas frequentemente nas actividades productoras por successivos inventos de enorme repercussão, tendiam forçosamente a familiarizar o espirito humano com a idéa de metamorphoses bruscas, que alteravam violenta e instantaneamente os habitos e o curso da vida collectiva. Além disso, a propria tendencia á formação de grandes combinações productoras, concentrando cada vez mais em um circulo limitado de vontades dirigentes a organização e o dynamismo da economia dos povos mais adelantados, deu logar a que se realizassem frequentemente alterações de condições economicas affectando grandes interesses sociaes. alterações operadas com caracter brusco e reflectindo pelo menos apparentemente a influencia exclusiva da acção deliberada das pequenas minorias que exerciam o contróle do capital. Era mais um factor concorrente para acostumar o psychismo das populações á idéa da possibilidade e da effiecia de mutações instantaneas das formas organicas da sociedade.

*
* *

Enquanto os factores intellectuaes e economicos da nova orientação revolucionista se faziam sentir de modo directo e positivo, causas de ordem politica actuavam na mesma direcção por forma negativa, mas com ef-

feitos não menos decisivos. A doutrina evolucionista applicada ao dominio sociologico e á politica pratica achava-se estreitamente ligada á crença generalizada na efficacia do systema de governo representativo que, depois de praticado durante seculos pelos inglezes, havia sido transplantado para a Europa continental e para a America. O enthusiasmo por esse systema de governo originou-se na influencia concomitante do exemplo politico da Grã-Bretanha e do prestigio que as idéas inglezas tiveram em França desde o primeiro quartel do seculo XVIII. Não ha quem ignore o papel representado pelo pensamento inglez desde Hobbes e sobretudo pela philosophia de Locke e pelas idéas de Hume na formação das correntes philosophicas francezas englobadas no encyclopedismo. A ascendencia intellectual que a Inglaterra assim exerce sobre a mentalidade franceza, exactamente quando os factores economicos gerados pela dissolução do feudalismo e pelos primeiros efeitos da revolução industrial já em pleno andamento no outro lado da Mancha vinham preparando uma crise politica, bastaria para explicar o prestigio adquirido no espirito de estadistas e pensadores politicos francezes da segunda metade do seculo XVIII pelos methodos de governo representativo e parlamentar praticados pelos inglezes. Mas igualmente decisiva foi a influencia do exemplo concretizado no exito da Grã-Bretanha como a mais formidavel potencia mundial.

Nenhum estudioso do processo historico pôde permanecer indifferente ao facto repetidas vezes demons-

trado de que as idéas politicas têm o seu successo muito menos por conta de razões de ordem intellectual e de motivos logicos, que em consequencia dos resultados satisfatorios da sua applicação em outros paizes. Por mais que se condemne com argumentos em grande parte procedentes a copia de instituições exóticas, a verdade é que em todas as épocas os homens de pensamento e os legisladores procuraram imitar formas de organização politica de povos estrangeiros que á sombra dellas haviam prosperado. Não admira, portanto, que o systema representativo britannico se tenha tornado, desde o seculo XVIII, o modelo a que pediam inspiração os organizadores politicos das nações occidentaes e mais tarde até dos povos asiaticos influenciados pelo exemplo da Europa. Assim, o prestigio do regimen representativo pôde ser attribuido exclusivamente á esperanza entredida por outras nações de attingirem por meio d'elle o nivel de aperfeçoamento politico, de prosperidade economica e de bem estar social a que chegaram os povos de lingua ingleza.

Entretanto, uma analyse da evolução da Inglaterra e das nações que successivamente emergiram como entidades politicas do grande tronco anglo-saxonio, traz-nos a convicção de haverem laborado em uma illusão os que julgaram ter sido o systema representativo causa e não apenas um effeito das condições caracteristicas do desenvolvimento historico das nações anglo-saxonias. E parece-nos ainda ter sido talvez maior o erro de supôr que as instituições inglezas poderiam aclimatar-

se, produzindo fructos analogos, fóra do ambiente economico e social em que haviam surgido.

Dois pontos envolvem, a nosso vêr, os erros capitaes implicados pela imitação do modelo britannico. O primeiro é o esquecimento das origens do systema representativo na Inglaterra; o outro é a idéa falsa da continuidade da evolução politica britannica. A idéa da representação não appareceu no direito publico inglez como expressão de um conceito geral de organização politica, nem como meio de assegurar ao povo o contróle da machinaría do Estado. Effeitos obtidos nesse sentido vieram a ser mais tarde verificados, mas inicialmente não eram previstos e não se achavam contidos nas finalidades restrictas e especiaes da representação. Nesse como em tantos outros casos, o peculiar genio politico dos povos anglo-saxonios manifestou-se através dos processos empiricos a que elle invariavelmente recorre, solucionando casos concretos particulares em vez de elaborar systemas que contenham na sua configuração planos aprioristicamente formulados para resolver problemas sociaes e politicos. O caso das origens do systema representativo illastra caracteristicamente o que acabamos de affirmar.

Desde meados do seculo XII, a Inglaterra entrara em uma phase de intenso desenvolvimento economico. O impeto dado á vida britannica pela tempera energica e emprehendedora que a invasão normanda incutira na mentalidade ing'eza, despertando-lhe traços de aptidão potencial que haviam permanecido em latencia até o fim

do periodo saxonio, traduzia-se em multiplas expressões de actividade realizadora. A economia primaria e homogenea de um agrarismo exclusivo, que mantivera em grande atrazo a sociedade ingleza até o seculo XI, transforma-se rapidamente com a eclosão de varias industrias. Como acontece forçosamente sempre que uma nação progride sob o ponto de vista economico, surgiram com interesses de maior vulto e de natureza mais complexa preocupações crescentes de defesa desses interesses contra os actos de arbitrio e de prepotencia do poder publico. A apathia e a docilidade, que assignalavam a rudimentar mentalidade politica britannica até o fim do periodo saxonio, são substituidas por um espirito energico de resistencia á autoridade discrecional da realza. Havia agora interesses a defender e a necessidade economica despertava o instinto politico. Era preciso cercar a prerogativa regia da tributação, afim de evitar-se que a ganancia do fisco despojasse os subditos que começavam a enriquecer de uma parte excessiva dos seus ganhos. A revolução do principio do secu'o XIII, cujo exito facil se concretizou na outorga da Magna Carta em 1215, foi um movimento determinado por factores exclusivamente economicos e com finalidades restrictas á limitação ou antes a uma annu'lação pratica da prerogativa regia de lançar impostos arbitrariamente e de dispôr dos dinheiros publicos sem dar satisfação aos que pagavam impostos. Todas as concessões extorquidas do rei João e incluidas nos principios da Magna Carta, são apenas meios accessorios destinados a ga-

rantir a efficacia do postulado essencial da primeira revolução ingleza: — “no taxation without representation”. A proeminencia naturalmente assumida pela nobreza no movimento de 1215 eclipsou de certo modo o papel representado nelle pela burguezia, fazendo com que aos estudiosos mais superficiaes daquelle facto escapasse o seu sentido precipuamente economico. Mas foi a solidariedade de interesses entre os senhores territoriaes e os commerciantes e industriaes das cidades que tornou possível o exito do golpe com que se iniciou a evolução constitucional da Inglaterra. E desse entrelaçamento de interesses agricolas e territoriaes com os da industria e do commercio resultou mesmo uma indelevel influencia que subsiste ha sete seculos, imprimindo cunho peculiar e inequivoco á politica britannica.

Originação no determinismo de uma situação economica especial e visando apenas resolver um problema particular em fôco, o systema representativo inglez evoluiu, adquirindo com o correr dos tempos uma amplitude de applicações e de efeitos, que desfigurou gradualmente a sua physionomia essencial, sem contudo obliterar a natureza inconfundivel mantida desde as suas origens. Mas erraram os que, a partir do seculo XVIII, attribuiram ao systema representativo inventado pelos inglezes aptidão para fazer progredir os povos dentro de uma estabilidade juridica permanente e sem o recurso aos processos violentos da acção revolucionaria. Nada se conforma menos com a realidade historica, que essa illusão a'íás profundamente enraizada tanto no

espírito popular, como até na mentalidade de muitos pensadores políticos esclarecidos. Longe de ter conseguido proseguir no seu desenvolvimento histórico, melhorando cada vez mais as condições da ambiência social e criando harmonia crescente entre o funcionamento da machinaria do Estado e a vontade geral, sem ter de recorrer aos métodos revolucionários, a Inglaterra realizou exactamente por esses métodos todos os progressos, que a foram deslocando de uma para outra etapa da sua evolução nacional. O engano na interpretação dessa evolução decorre de uma circumstancia particular inherente ás condições especiaes da ethnia britannica. Como veremos em outro capitulo, a essencia do processo revolucionario independe dos meios materiaes da sua realização. As circumstancias em que se desenvolveu a sociedade inglesa imprimiram-lhe attributos peculiares, desenvolvendo nella aptidões civicas que debalde se procuraria encontrar em qualquer outra nacionalidade.

O caracter sanguinario e mesmo selvagem tão frequentemente encontrado nas revoluções, decorre não tanto da inferioridade intrinseca da mentalidade politica das populações em apreço, como da fraqueza dos elementos civis e trabalhadores relativamente ao grupo que monopoliza a força militar. Sempre que o ultimo é preponderante torna-se extremamente difficil e improvavel a realização de qualquer progresso social ou politico de natureza profunda e ampla, sem que a revolução determinante desse progresso envolva lucta vio-

lenta com derramamento de sangue e destruição de riqueza accumulada. Póde-se assim dizer que um paiz terá revoluções tanto mais violentas e destructivas, quanto maior fór o seu gráo de militarização; e inversamente as nações predominantemente civis conseguem effectivar mutações historicas com o minimo de luta marcial e de perda de substancia. Este é exactamente o caso da Inglaterra que, se tem conseguido realizar varias revoluções pacificas sem ter necessidade de apellar para os methodos da acção militar desde o seculo XVII, deve-o exclusivamente ao facto da preponderancia esmagadora das forças da sociedade civil deante de uma organização militar de exiguas proporções. Não é por uma propriedade especifica do systema representativo que a opinião publica se tornou effectivamente a unica autoridade politica não sómente na Inglaterra, como em todas as nações da Commonwealth Britannica e tambem nos Estados Unidos. A razão dessa supremacia consiste no facto de que realmente não ha força material naquelles paizes capaz de oppôr-se victoriosamente á vontade geral. A manifestação verdadeiramente impressionante do genio politico anglo-saxonio não foi a invenção do systema representativo e parlamentar. Foi comprehender desde a grande revolução contra os Stuarts, no seculo XVII, que todas as garantias das liberdades publicas são precarias em um paiz militarizado. Não consentindo nunca que se formasse uma força militar de grandes proporções e deixando a defesa nacional confiada principalmente a milicias civi-

cas e á marinha, que pela sua natureza particular nunca se pôde tornar uma força de compressão politica, os inglezes e os povos que delles procederam têm conseguido evoluir realizando as suas mutações economicas, politicas e sociaes por meio de revoluções incrementas

Condições profundamente diferentes que se apresentavam em outros paizes tinham forçosamente de trazer desapontamento aos que acreditaram na possibilidade do regimen representativo vir a dar resultados eguaes ou semelhantes aos que haviam sido obtidos na Inglaterra. O estabelecimento de systemas mais ou menos completo, de suffragio universal entreteve por muitos annos a esperança da possibilidade de um progresso tranquillo das nações, que transplantavam para o seu ambiente politico as instituições britannicas. Tão accentuada era a confiança na efficacia de um processo evolutivo capaz de levar os povos á realização das reformas de maior amplitude e profundeza sem a intercorrença de crises de transformação violenta, que os proprios socialistas passaram a relegar a um platonismo doutrinario a concepção do desenvolvimento dialectico da sociedade com o seu epilogo revolucionario nas linhas marxistas, para concentrarem todos os seus esforços praticos na acção politica e na ampliação da força eleitoral do proletariado.

Assim, a partir dos ultimos annos da decada de 70 do seculo passado, a corrente francamente evolucionista e anti-revolucionaria toma vulto progressivamente maior e o seu prestigio reduz á posição de inequivoca subal-

ternidade e insignificancia cada vez maior os elementos, que continuavam a entreter o culto das tradições revolucionarias de 1848 e do periodo que daquela epoca se extendeu até a insurreição communista de Paris. Ninguem mais parecia duvidar de que as nações mais adelantadas se tivessem emancipado definitivamente da contingencia do appello aos methodos revolucionarios. O socialismo parlamentar integrara-se na politica dos paizes capitalistas, accitando implicitamente o principio de que as transformações economicas e as consequencias sociaes dellas derivadas poderiam e viriam de facto a ser atingidas sem rupturas catastrophicas da normalidade juridica, por meio de uma serie progressiva de leis, em que se reflectiria a expansão crescente do voto proletario.

Embora desde a ultima decada do seculo XIX tivessem reaparecido tendencias revolucionarias concretizadas na preferencia de certos grupos esquerdistas pelos methodos de acção directa e não obstante a grande systematização philosophica de taes tendencias na obra de Georges Sorel, até o rompimento da guerra européa, em 1914, a crença no evolucionismo politico dominava a orientação official dos partidos adelantados. Sem duvida, a ascendencia a que alludimos era fortemente contrastada pela influencia crescente da corrente revolucionaria, bífurcada em partidarios da acção directa economica syndicalista e adeptos da revolução politica. Mas fóra do circulo dos partidos russos que, sob a pressão do ambiente particular em que tinham de agir, eram

inclinados logicamente á acção revolucionaria, nenhuma força politica organizada admittia na Europa e nos Estados Unidos, até 1914, os methodos revolucionarios como processos normaes de promover a realizaçãõ dos seus objectivos.

Entretanto, a essa attitude official das forças politicas reformadoras, não correspondia a psychologia cada vez mais generalizada das massas empenhadas em attingir um nivel superior de desenvolvimento das suas aptidões economicas e em obter condições sociaes mais adequadas á expansãõ de uma vida collectiva, na qual o individuo integrado na sociedade pudesse assegurar a realizaçãõ das suas possibilidades. Alguns decennios de experiencia do systema representativo e da pratica do suffragio promiscuo e das instituções democratico-liberaes, haviam convencido as multidões excluidas do circulo privilegiado dos grupos dominantes nas sociedades civilizadas da inefficacia irremediavel dos processos politicos, calcados em uma ideologia exclusivamente evolucionista. Por outro lado, os elementos intellectuaes preocupados com a procura dos meios de resolver os problemas economicos e sociaes, cada vez mais agudamente localizados, chegavam á conclusãõ de que a machinaria do regimen representativo não poderia ser utilizada satisfatoriamente em proveito dos interesses das massas, enquanto as minorias oligarchicas tivessem o contróle do aparelho do Estado. Este nos paizes latinos, germanicos e slavos continuava a ter o caracter accentuadamente militar que, como vimos, fôra

mitíssimo attenuado na Inglaterra, onde um conjunto de circumstancias, entre as quaes primava a situação insular, havia permittido reduzir por tal forma a força militar do Estado, que a vontade geral das populações podia contar sempre com elementos materiaes para a sua affirmação victoriosa.

Em nações mais ou menos militarizadas, as minorias dominantes dispunham sempre da "suprema ratio" do poder marcial para neutralizar o crescente poder eleitoral do proletariado organizado. A força politica que as massas iam adquirindo nas urnas era essencialmente precaria, porque ninguem acreditaria que as classes monopolizadoras do poder economico e detentoras através d'elle da machinaria do Estado se resignassem a capitular deante do platonismo dos pronunciamentos electoraes, enquanto tivesse ao seu alcance os meios de mobilizar força militar sufficiente para reduzir aos seus verdadeiros termos as velleidades de disputar com votos o poder aos que tinham canhões, baionetas e metralhadoras para defender-se. A organização politica, o exercicio da prerogativa eleitoral e a representação parlamentar haviam sido muito uteis ás massas como instrumentos de propaganda e de formação de uma mentalidade collectiva de resistencia e de combate. Mas uma vez atingidos esses objectivos, estavam exgotadas as possibilidades dos processos de acção politica baseados na crença de um progresso gradual e sereno pela evolução lenta da sociedade. Surgiam realidades materiaes ante as quaes o evolucionismo politico revelava

a sua incapacidade para levar mais longe os que nelle haviam depositado todas as suas esperanças. Reformas radicaes que alterassem a estructura da sociedade, reconstruindo-a sobre novos fundamentos económicos, só seriam possiveis pela conquista do Estado e esta apresentava-se agora como apenas realizavel por meio de uma mutação revolucionaria da ordem politica existente.

*
* *

As multiplas influencias de natureza intellectual, economica e politica que se haviam accumulado durante algumas dezenas de annos, creando nas populações tanto dos paizes de civilização mais adelantada, como tambem entre povos ainda em nivel de relativo atrazo economico, politico e social, uma nova mentalidade tendente á descrença no evolucionismo e fortemente inclinada á acção revolucionaria, precipitaram-se em uma resultante decisiva sob a pressão traumatizante da guerra. Esta veio demonstrar a inefficacia dos methodos de acção politica e administrativa associados ás instituições do systema representativo e parlamentar e pôr ao mesmo tempo em evidencia as possibilidades dos processos de realização directa, immediata e mais ou menos violenta.

O primeiro effeito da conflagração de 1914 foi a fallencia da democracia liberal e parlamentar. As uniões sagradas, que se constituiram em França logo nos primeiros dias da guerra e mais tarde na Inglaterra, afim

de deixar os governos completamente desembaraçados para o exercicio de uma dictadura, cuja autoridade discrecionaria se foi accentuando á medida que os problemas militares e diplomaticos se tornavam mais complexos e difficis, serviram para evidenciar que a machinaria do governo democratico-liberal só funcionava de modo relativamente satisfatorio em tempos normaes e quando as questões em fóca podiam ser solucionadas de accordo com o automatismo da rotina fixada pela pratica da acção politica e administrativa.

A demonstração da impossibilidade de applicar os processos de governo associados á crença na evolução gradua' da sociedade pelo desenvolvimento da consciencia politica collectiva, traduzindo-se nas suppostas expressões da vontade geral, desce que surgiam situações excepcionaes e aberrantes da normalidade, tinha forçosamente de estimular o espirito revolucionista em todos os paizes directa ou indirectamente affectados pelas consequencias da guerra. Formava-se por toda a parte uma consciencia nitida do advento de um periodo historico, em que os problemas de vulto capaz de determinar crises profundas se iam multiplicar, exigindo frequente recurso a soluções novas e para as quaes de balde se procuraria inspiração nos precedentes e nas lições da experiencia de epochas anteriores. O que occorria durante a guerra sob forma extrema e com aspectos dramaticos mais impressionantes, passava a constituir a normalidade na phase que se iniciava. Sob a pressão das circumstancias especialissimas da situação militar, as con-

tradições surgidas no dynamismo da velha sociedade em liquidação assumiam proporções quasi assustadoras, deixando patente a inevitabilidade não mais de grandes reformas apenas, mas de mutações revolucionarias das configurações da estrutura economica e, portanto, das formas de organização politica e das expressões culturais da vida social. Os problemas envolvidos por transformações dessa natureza eram incompatíveis com as soluções lentas inherentes aos methodos de acção politica baseada em um conceito do desenvolvimento evolutivo gradual.

Outro factor veio revigorar a corrente revolucionista. A guerra serviu para pôr em evidencia o caracter predominantemente tecnico dos problemas do Estado moderno. Antes do conflicto de 1914, já se vinha accentuando a tendencia a reconhecer que as questões administrativas directamente ligadas á promoção do bem estar geral da collectividade se iam tornando os assumptos de maior relevancia no governo das nações. Mas subsistiam ainda as velhas idéas promanadas de uma concepção politica na qual se reflectia a tradição feudal adaptada pela burguezia aos seus interesses de classe desde o inicio do periodo democratico-liberal. Segundo aquelle conceito a finalidade precípua do Estado era manter uma estrutura politica que assegurasse ás minorias privilegiadas as vantagens de uma organização economica particularmente conveniente aos seus interesses. Os problemas administrativos attinentes a assumptos que affectavam as grandes massas da popu-

lação, mas que não apresentavam interesse igualmente vital para as classes constituintes do núcleo oligarchico, eram relegados a um plano secundário. Conservar e aperfeiçoar a organização jurídica e politica melhor adaptada nos interesses da minoria dirigente, cuidar das relações internacionaes a fim de proteger nessa esphera aquelles interesses e zelar pela efficiencia das forças armadas que defendiam os pontos de vista da classe dominante no campo da politica externa e representavam um instrumento de garantia do equilibrio interno, resumiam até 1914 os objectivos capitais do Estado. A educação publica, os serviços sanitarios e as medidas que as circunstancias iam forçando a serem tomadas no plano das relações economicas eram encarados como questões subordinadas ás finalidades precipuas que se attribuiam á organização politica da sociedade, sendo sempre as respectivas soluções encaminhadas em direcção das mesmas finalidades. A guerra veio dar uma relevancia nunca imaginada a assumptos até então sempre collocados abaixo dos casos politicos, diplomaticos e militares. A causa dessa inesperada alteração da escala dos valores integrada no conceito do Estado é facilmente accessivel.

Com o progresso da technica da guerra e com a mobilização militar em massa das populações, os conflictos armados, desde que assumam vulto consideravel, envolvem uma intensificação geral de todas as actividades sociaes, arretando assim a focalização dramatica de problemas até então disfarçados e revelando na sua

plenitude a necessidade de uma grande ampliação da esphera de actividade do Estado, bem como o abandono de idéas que se haviam enraizado como preceitos immutaveis na pratica do governo. Se accrescentarmos á influencia dessa demonstração dramatica da necessidade de substituir o Estado politico pelo Estado technico, a importancia social adquirida durante a guerra pelas massas trabalhadoras, encontraremos o conjuncto de causas da categoria aqui examinada que estimularam tão sensivelmente as tendencias revolucionistas.

O Estado technico não podia permanecer adstricto ao conceito do lento progresso evolutivo. Uma vez que se chegava a verificar que os problemas principaes de governo eram os que se deparavam na esphera economica, dependendo da sua solução satisfatoria os resultados alcançados nos outros sectores da organização politica e cultural da sociedade, era imprescindivel adoptar como norma da orientação progressiva as mesmas directrizes que caracterizam o desenvolvimento technico. Este não se opera por uma evolução imperceptivel, mas pela substituição brusca de processos e de instrumentos que novas descobertas e inventos vêm tornar obsoletos. A formação de uma consciencia nitida desse aspecto da phase da civilização em que vamos entrando e ao qual retornaremos em outro capitulo, pôde ser considerada como a determinante positiva da eclosão do revolucionismo contemporaneo, para o qual contribuíram como factores preparatorios os outros elementos que syntheticamente expuzemos.

II

ILLUSÕES DO APÓS-GUERRA

A TENDENCIA da mentalidade contemporanea ao emprego dos methodos revolucionarios não envolve nenhuma identificação dos processos de transformação brusca das configurações politicas e sociais com qualquer orientação doutrinaria dirigida no sentido do movimento progressivo, segundo directrizes traçadas de accordo com uma ideologia especial. A revolução é apenas um methodo sem finalidade intrinseca e que pôde servir tanto á realização de formas mais amplas de organização democratica ou de mais effectiva intervenção das multidões na vida da sociedade, como á acção do character inequivocamente reaccionario. Não ha, pois, entre a essencia do phenomeno revolucionario e o conceito popular da revolução nada de commun. Assim, como uma crise revolucionaria determina em certos casos o desmoronamento de estruturas politicas propicias ao predominio oligarchico, em outros ella pôde tomar o aspecto diametralmente opposto de reacção de uma minoria contra a ordem de cousas que assegura a ascendencia das massas.

A confusão a que alludimos originou-se na experiencia de serem mais frequentes as revoluções em que as

multidões destruam o poder de classes privilegiadas, que os movimentos analogos nos quaes se traduzia a reivindicação por aquellas classes de prerogativas em detrimento das maiorias populares. O facto bem analysado deixa em evidencia o character illusorio das illações delle tiradas. Há dois pontos capitaes a elucidar no caso em apreço. O primeiro é que sendo os movimentos revolucionarios pela sua propria natureza violentos, as massas que representam na sociedade as reservas de energia passional sempre têm a desempenhar nas revoluções um papel insubstituivel. Não se pôde fazer uma revolução sem multidões, tal qual como um estado maior não consegue realizar o seu plano de campanha sem contar com massas de soldadesca arregimentada. Mas cumpre desde já observar que o desenvolvimento dos processos de acção bellica inspirados e organizados segundo a technica scientifica tendem em qualquer das duas especies apontadas a tornar as minorias dirigentes cada vez mais emancipadas da contingencia de precisarem da collaboração de grandes massas. Sobre este ultimo ponto, aliás, voltaremos ulteriormente no exame do sentido das novas manifestações da actividade politica. A outra questão geralmente desattendida pelos que acceitam sem previa critica a idéa do character popular das revoluções, é a do papel nellas respectivamente desempenhado pelos seus promotores e pelas forças sociaes por elles desencadeadas.

Sendo apparentemente o phenomeno mais typicamente demotico, a revolução, como a guerra é, comtudo,

uma das expressões mais impressionantes da efficacia da acção dirigente de pequenas ou antes de minusculas minorias dotadas de intelligencia e de vontade de dominio. Encarada nas suas manifestações ostensivas, a revolução é um facto passional, uma reacção das forças inintelligentes do sub-consciente colectivo, reivindicando aspirações e destruindo os obstaculos e barreiras que se oppõem á sua realização. Uma revolução apparece como um formidavel choque sismico a demolir organizações politicas e sociais obsoletas, dentro de cujas configurações já não seria mais possível conter um estado de alma colectivo, que precipita impetuosamente a sociedade segundo novos rumos. Dahi uma serie de opiniões que se estereotyparam como verdades indiscutíveis na theoria das revoluções. De accordo com taes postulados, as revoluções não teriam propriamente chefes, mas expoentes, isto é, personalidades que condensariam e reflectiriam as tendencias do movimento inconsciente das multidões rebelladas. Ainda sob a influencia da mesma interpretação do phenomeno revolucionario surge a idéa compartilhada por criticos e historiadores de todas as escolas de que as revoluções escapariam á vontade directora dos que as promovem, tornando-se superiores a qualquer acção coordenadora e limitadora de agentes intelligentes e conscientes no decurso da sua marcha. Afigura-se-nos que da analyse critica dos movimentos revolucionarios registrados no processo historico é facil tirar conclusões totalmente differentes.

Longe de promanarem da effervescencia passional das multidões, as crises revolucionarias traduzem invariavelmente os effeitos da acção deliberada de pequenos grupos, cuja mentalidade e ambiencia social e cultural nunca são de modo algum affins ao psychismo popular. As massas, embora contendo em si em estado potencial as energias passionaes da sociedade, caracterizam-se por uma inercia psychica, que as condemna a permanecerem indefinidamente em posição de equilibrio espiritual estavel, do qual espontaneamente apenas se afastam momentaneamente sob a influencia de estímulos instinctivos, para retornarem a elle immediatamente após uma serie de oscillações de pequena amplitude e sem consequencias sobre a estrutura geral da sociedade. Para que as forças passionaes potencialmente contidas nas massas se expandam em tempestades violentas e capazes de subverter a ordem estabelecida na sociedade, é preciso que sobre ellas se exerça a acção deflagradora da intelligencia e da vontade de dominio, que só se encontram como elementos do psychismo das minorias, que em tempos normaes constituem os grupos privilegiados e dirigentes da collectividade.

*
* *

A revolução assim examinada perde o caracter de anomalia que lhe empresta o conceito popular della formado, em virtude de uma analyse superficial das suas

manifestações sem o estudo do aspecto obscuro por ella apresentado, tanto nos antecedentes da sua formação, como através do encadeamento dos episodios que a constituem até o esgotamento do seu impeto inicial. Realmente, se a revolução fosse um phenomeno cujo determinismo se passasse no sub-consciente popular, ella deixaria de fazer parte do processo evolutivo da civilização, para apresentar-se apenas como uma irrupção periodica da barbaria senão do proprio selvagismo interrompendo aquelle processo e fazendo retrogradar sempre as sociedades sob a pressão do seu negativismo anti-civilizado. A verdade, entretanto, é que todas as authenticas revoluções têm sido constructoras, não passando as suas manifestações destructivas de mero preparo do terreno social para novas edificações. Ora, como todo o desenvolvimento da civilização, isto é, a obra de successivas construcções sociaes, politicas e culturaes é realizada exclusivamente pela actividade creadora e organizadora de minorias espiritualmente privilegiadas, pôde-se aprioristicamente assegurar que o phenomeno revolucionario, uma vez que revela tendencias á criação e organização de novas formas sociaes, politicas e culturaes, enquadra-se tambem na categoria das actividades exercidas por aquellas minorias. E a critica historica dos episodios revolucionarios põe em evidencia factos confirmativos de tal deducção theorica.

A analyse historica das revoluções mostra que invariavelmente ellas foram precedidas por um longo movi-

mento de agitação intellectual, que affectando e modificando a mentalidade das classes dirigentes, nenhum effeito exerceu contudo sobre o psychismo das massas populares. Estas, até o momento em que os elementos organizadores da revolução as estimularam por meios directos para a acção physica, permaneceram completamente insensíveis á idéa revolucionaria. As multidões que se tornaram as executoras historicas das revoluções preparadas em outros planos sociaes, actuaram sempre por uma forma rigorosamente analoga á das massas inconscientes da grande crise de 1914, até o momento quando os estadistas, os diplomatas e os chefes de estado maior as despertaram, pondo em acção a machina inexoravel da mobilização. Nas revoluções, como nas guerras, as multidões não passam do material docil e ao mesmo tempo terrivel, com que grupos em geral extremamente diminutos de homens procuram realizar programmas prévia e calculadamente elaborados.

Desfiagrada por uma minoria superior, a força elemental das massas não escapa tambem á acção dirigente dos que a despertaram da sua inerte somnolencia. As multidões têm uma tendencia tão innata a receber passivamente o commando, que mesmo quando se diria que ellas transbordaram os leitos por onde correm, em obediencia á fatalidade das condições do seu psychismo e parecem tudo avassallar na invasão violenta da sociedade, os elementos dirigentes conseguem sempre fazer retroceder a inundaçào aos limites convenientes aos objectivos que têm em vista.

*
* *

Impõe-se, portanto, preliminarmente uma diferenciação rigorosa entre verdadeiras revoluções, que são movimentos de natureza essencialmente constructora nos quaes se traduz a realização pratica de uma elaboração ideologica, processada por uma minoria em geral muito pequena de individuos privilegiados, que traçam novos rumos ao desenvolvimento sociogenico e impõem pela acção da sua vontade de dominio ás massas uma attitude de rebeldia contra a ordem existente, vindo a demolil-a por esse meio e lançar ulteriormente com a cooperação passiva e mais ou menos docil das multidões os alicerces de uma nova estrutura politica e social, e os simples movimentos insurreccionaes de caracter exclusivamente popular, que em geral pouco destróem e nunca edificam novas formas de existencia collectiva. Esta ultima categoria de phenomenos comprehende motins e sublevações mais ou menos generalizados e de effeito destrutivo maior ou menor, mas sempre desprovidos de finalidade e dos quaes nenhum vestigio permanente subsiste no processo historico. As verdadeiras revoluções pelo contrario são as crises imprescindiveis que assignalam as mutações historicas, cujo encadeamento constitue a evolução da humanidade. Nada precisamos acrescentar para pôr em evidencia que sob o ponto de vista sociologico sómente as revoluções, isto é, os movimentos

violentos de transformação brusca das sociedades, concebidos, executados e dirigidos até o seu epílogo por indivíduos superiores offerecem qualquer interesse. Os movimentos surgidos espontaneamente nas massas populares e cuja direcção cabe a elementos nellas integrados e de mentalidade adstricta á orbita passional em que se limita o psychismo das multidões, podem apresentar empolgante interesse dramatico e retardar pelos seus effeitos devastadores o desenvolvimento historico de grupo humano em que occorrem ou envolver mesmo o seu anniquilamento. Mas nenhuma influencia exercem sobre o destino collectivo, devido á sua esterilidade absoluta, decorrente da incapacidade creadora das forças espirituaes que actuam nos movimentos dessa natureza.

Psychologicamente a revolução é um movimento inicialmente intellectual realizado pela vontade de dominio de uma minoria, cuja aptidão creadora se objectiva depois em uma reconstrucção organica da sociedade, segundo novos moldes. Encarada pelo mesmo prisma a rebellião meramente popular é uma simples explosão passional, sem ponto de apoio ideologico e sem possibilidades de acção sociogenica effectiva. Applicando-se aos dois phenomenos um criterio analytic social, verificaremos que a revolução é sempre em ultima analyse um facto enquadrado na categoria dos methodos de direcção das massas por minorias privilegiadas, que se utilizam da energia passional e da força physica das multidões para encaminhar o processo da civilização de accordo com as directrizes correspondentes ás ten-

dencias daquellas minorias. Por outro lado os levantes populares representam reacções da barbaria e do selvagismo recalçados pela acção compressora das minorias superiores. Assim, uma revolução authentica constitue uma mutação no sentido de formas mais apuradas de civilização, ao passo que a simples rebelião é um esforço para fazer retroceder a sociedade a condições mais atrasadas de existencia e de actividade.

*
* *

Todo o processo civilizador teve como ponto de partida a descoberta do alcance da especialização como meio de multiplicar a efficacia da acção do individuo sobre o ambiente, englobando nesta ultima expressão tanto os outros elementos humanos, como as forças e recursos contidos na natureza. Semelhante descoberta não pôde ter sido feita por uma lenta elaboração, mas deve ter resultado forçosamente da iniciativa revolucionaria de um grupo muito limitado de individuos, nos quaes o desenvolvimento cerebral se tivesse accentuado por forma tão consideravel que os distanciasse da massa dos seus semelhantes. Como o observa sagazmente Oswald Spengler (1) baseando-se no julgamento de dados paleontologicos, o caracter subito da passagem do sci-

(1) Oswald Spengler — "El Hombre y La Técnica" (tradução hespanhola).

vagismo para as formas iniciais de barbaria, que caracterizam no periodo proto-historico a genesis da civilização, é incontestavel. Até então o instinto de rapina que é a força motriz da civilização e se deveria transformar mais tarde na vontade de dominio, actua individualmente, deixando o homem em uma situação idêntica áquella em que ainda hoje se encontram os animaes de presa. A primeira e formidavel revolução que marca o alvorecer da civilização deve ter consistido não no fabrico de armas, mas no dominio de alguns individuos sobre a massa dos seus semelhantes para a organização da lucta, surgindo o uso das armas como consequencia dessa especialização entre senhores e dominados. Entre estes ultimos formaram-se naturalmente outras especializações, apurando-se uns na technica do combate, enquanto outros desenvolviam as aptidões para manipular materiaes e supprir o guerreiro com os instrumentos que lhe facilitassem a victoria. Parece-nos que neste ponto Spengler apprehendeu genialmente a verdade, estabelecendo a distincção inicial entre as duas categorias em que a especie humana passa a dividir se e que deveriam ser dali em diante elementos complementares e irreductiveis, de cuja permanencia e interacção depende a sobrevivencia de qualquer forma de civilização. Ao lado do elemento dynamico propulsor e combativo que utiliza a arma seja ella punhal de sílex para destruir feras ou outros homens ou machina que subjuga as forças da natureza, tem de estar eternamente o obreiro que executa a idéa inspirada pela vor-

tade de dominio e modela os instrumentos materiaes de execução dos planos do animal de rapina, que se propoz a tornar-se senhor exclusivo do planeta.

Assim, reportando-nos ás condições que é licito imaginar como reconstrucção veridica nas suas linhas geraes das primeiras crises revolucionarias, que assignalaram os momentos decisivos de mutação no processo sociogenico, veremos logo quanto é illusoria a crença de que o conceito de revolução tenha de associar-se indissoluevamente á idéa de expansão do poder das multidões em detrimento do predomínio das minorias superiores. Pelo contrario, a analyse do desenvolvimento historico deixa entrevêr claramente o facto acima alludido do papel invariavelmente representado por pequenas minorias no preparo, deflagração e ulterior encaminhamento das crises revolucionarias. Estudando esses episodios, que através de milênios vêm constituindo outras tantas etapas do movimento progressivo da humanidade, não se nos deparam ampliações do circulo de forças dirigentes das sociedades, mas pelo contrario formas de organização collectiva que tendem cada vez mais a accentuar o poder dos elementos superiores sobre as massas plasticas e indifferentes.

*
* *

As tendencias revolucionarias manifestadas tão accentuadamente no após-guerra e que já haviam tido ex-

pressão dramática nas insurreições victoriosas que, no correr de 1917, haviam transformado a antiga Russia czarista em ephemera democracia social e em seguida em um Estado organizado nas linhas marxistas, têm confirmado a idéa de que nos achamos no limiar de um periodo historico caracterizado pelo advento das massas populares ao exercicio de um poder dictatorial sobre as minorias intellectuaes e até agora dirigentes. Limitando-nos a uma analyse dos aspectos mais ostensivos das situações que se nos têm deparado nos ultimos annos, aquella conclusão parece deduzir-se logicamente da realidade. Entretanto, quando passamos a examinar as differentes revoluções occorridas nos ultimos dezeseite annos, apreciando-lhes tanto as origens como o curso ulterior das suas consequencias, verificamos logo que a ascendencia do poder politico das massas não passa de uma illusão.

Um paralelo entre as condições que se observavam nos dois ou tres ultimos decennios immediatamente precedentes á grande guerra e o que ora se patentea, mostra-nos facilmente que o poder das massas só é hoje comparavel ao que ellas exerciam antes de 1914 nos paizes onde não sobrevieram revoluções. Assim, na Inglaterra, na França, nos Estados Unidos e nos paizes scandinavos, bem como na Belgica e na Hollanda o poder politico das massas trabalhadoras é actualmente identico ao que ellas dispunham antigamente. Entretanto, em todos os paizes cuja organização politica foi subvertida revolucionariamente, as multidões perderam

em maior ou menor escala a capacidade de intervir de qualquer forma na direcção dos negocios publicos, monopolizada por minorias extremamente restrictas, constituindo oligarchias diminutas, como o mundo occidental não as conheceu desde a decadencia dos regimens absolutistas. Esta concentração do poder politico em circulos oligarchicos muito pequenos é tanto mais accentuada, quanto maior foi a extensão das transformações revolucionarias á esphera das actividades economicas da sociedade, facto que aliás nada tem de surpreendente.

A Russia, em menor escala a Italia e agora com possibilidades imprevisiveis a Alemanha, representam os tres exemplos typicos do effeito de grandes revoluções no sentido de concentrar o poder politico em oligarchias investidas praticamente de uma autoridade discrecionaria. Começemos pela Russia, onde o processo revolucionario se vem desenvolvendo em condições mais adequadas ao seu exame, sendo já bem perceptíveis as directrizes que levam ao epilogo da crise violenta de mutação historica.

A revolução bolshevista foi caracteristicamente um movimento minoritario. Ali o papel da iniciativa de um grupo muito restricto de homens de pensamento e de acção é tão evidente, que a simples enunciação dos factos põe em relevo a applicação do principio geral a que acima alludimos. Representando na antiga Russia uma força politica numericamente insignificante, pois não constituia mais que cerca de um quinto de centesimo

da população total do paiz, o partido bolshevista ainda assim não foi na revolução de Outubro de 1917 senão um instrumento cego da vontade de um minúsculo grupo de chefes conscientes, que se fixaram historicamente como os protagonistas daquelle gigantesco drama politico e social. E desde o momento em que aquelles chefes, cuja direcção pouco a pouco se concentrou autocraticamente na figura de Lenine, conquistaram o poder, o diminuto circulo oligarchico deflagrador da revolução foi-se reduzindo progressivamente ao ponto de tornar-se depois da morte do grande revolucionario praticamente nullo, de modo a subsistir exclusivamente a dictadura unipessoal incontrastavel de Stalin. Fóra da ambiencia slavo-tartara e particularmente sem o concurso das circumstancias peculiares que a complexidade do meio russo proporciona, seria inconcebível a extensão do exercicio efficiente da autoridade despotica a uma area territorial tão vasta e a uma multidão humana tão numerosa. Mas abstrahindo desse aspecto original da situação russa, temos a considerar o effeito da revolução como meio de permittir a absorpção do poder e a sua concentração em um circulo dirigente, que naquelle caso acaba reduzindo-se a um só individuo.

A Russia czarista por sob as apparencias da concentração da autoridade no orgão autoocratico, tinha uma organização que dentro de certos limites permittia ás massas da população collaborar embora indirecta e inefficazmente na vida nacional. Não sómente a classe proprietaria por meio da instituição dos zemstvos exercia

uma apreciavel funcção administrativa que lhes conferia inevitavelmente alguma influencia politica, como os proprios camponozes apesar da ignorancia e da incapacidade de organização tinham nas suas corporações communaes instrumentos de representação, que mesmo debilmente e em escala muito diminuta podiam levar ao poder central as aspirações das massas obscuras. Assim, o regimen czarista envolvia, embora por forma rudimentar e muito defeitosa, uma inter-acção entre a autoridade centrifuga da autoeracia e a influencia centripeta de um sentimento publico vagamente formulado e expresso através de orgãos primitivos e deficientes. A revolução operou uma concentração tão absorvente das forças dirigentes do imperio bolshevista pela dictadura moscovita, que a irradiação do poder se realza sem contraste de qualquer influencia neutralizadora.

Evidentemente o que se tem passado na Russia seria de repetição impossivel em qualquer outro paiz de typo economico, social e cultural menos propicio á expansão e á consolidação do despotismo. A dictadura fascista apresenta-nos um quadro muitissimo attenuado daquelle espectaculo de concentração da autoridade, que faz do Kremlin a torre de commando donde um só individuo governa cerca de cento e cincoenta milhões de homens, dictando-lhes não apenas as attitudes politicas, mas tambem todas as minucias da vida economica e social e traçando-lhes mesmo os limites da liberdade de consciencia.

Mas se attendermos á situação do meio italiano, levando em conta as forças de resistencia ao poder pessoal que ali se apresentam, não deixaremos de reconhecer que nas suas linhas essenciaes o phenomeno russo se reproduz na Italia fascista, vindo as massas da população a serem collocadas em uma condição de inferioridade politica muito mais accentuada ainda neste caso, porque anteriormente a capacidade interventora do povo na direcção dos negocios publicos era na Italia incomparavelmente maior que na Russia.

O estado de cousas creado na Allemanha pela revolução eleitoral que collocou o nazismo no poder, não permite analyse facil das suas condições intimas e muito menos previsões sobre a orientação futura dos acontecimentos que se desenrolam no Reich. Movimento de origem um tanto complexa e com o qual se conformou a enorme maioria da burguezia allemã por encaral-o como o unico meio de defêsa contra o communismo, o nazismo differencia-se tanto do bolshevismo russo, como do fascismo italiano pelo seu caracter nitidamente anti-cultural. A revolução russa gerou-se em um circulo intellctual e foi propellida por uma das mais vigorosas mentalidades do mundo moderno, sobre a qual se exercia a influencia ideologica da interpretação marxista do processo sociogenico, embora semelhante influencia fosse profundamente modificada pelo espirito realistico e pe'o sentido da oportunidade que são traços inequivocos do genio politico de Lenine. Mussolini, apesar de não possuir a potencia mental do seu contem-

poraneo slavo, era contudo uma poderosa intelligencia integrada na cultura sociologica do seu tempo. Hitler, segundo tudo quanto delle se sabe e do que se pôde deduzir das suas palavras e attitudes, acha-se muito abaixo do nível medio cultural da Alemanha. Dahi um contraste curioso e altamente significativo da differença na orientação do fascismo germanico relativamente ás directrizes da revolução russa e da revolução italiana. Nestes dois ultimos casos, a concentração do poder politico nas mãos da oligarchia revolucionaria e ulteriormente o estabelecimento de uma dictadura pessoal sem contraste, foram effectos naturaes e logicamente previsiveis da acção coordenadora exercida energeticamente pela intelligencia dos elementos dirigentes. O resultado dessa ascendencia intellectual affirmando-se em manifestações impressionantes da vontade de dominio dos chefes systematicamente dirigida, foi o character disciplinado da evolução da crise revolucionaria tanto na Russia, como na Italia. As duas grandes revoluções contemporaneas contradisseram o velho conceito popular que sempre associou a idéa de revolução com desordem. A obra de coordenação politica, economica e social operada na Russia por Lenine e continuada por Stalin, bem como a realização analoga levada por deante no desenvolvimento do fascismo italiano, constituem esforços de organização coroados de exito nunca excedidos em nenhum periodo historico. Em taes resultados, é evidente a actividade de uma grande intelligencia, concretizando-se em effectos sociaes que trazem

inequivocamente impresso o seu cunho. Bem diferente é o que se passa na Alemanha.

O movimento nazista por sob as apparencias da disciplina que reflecte apenas tendencias innatas do genio allemão, apuradas pelos automatismos que o serviço militar acarretou, não pôde illudir quem o examinar mais detidamente. A falta de coordenação das forças populares, a repercussão das paixões p'ebéas sobre os dirigentes, arrastando-os a actos contradictorios e a ascendencia visivel da influencia dos elementos mais incultos da população no novo regimen contrastam impressionantemente com a firmeza e serenidade da acção centrifuga do poder dictatorial exercido por Lenine desde os primeiros momentos da revolução ou por Mussolini logo após o exito da marcha sobre Roma. Assim, a revolução allemã corre ainda o risco de deslocar-se do plano das revoluções constructoras para degenerar em simples confusão anarchica ou, o que é mais provavel, ter por epilogo uma reacção passadista e portanto impotente para resolver os problemas da nova Alemanha.

*

* *

Os grandes movimentos de que foram scenarios a Russia, depois a Italia e agora a Alemanha reflectiram os effectos de forças peculiares geradas pelas condições locais daquelles paizes, mas têm serviço de estímulo a certas opiniões que se manifestam por toda a parte e

atingem em circulos restrictos a forma exaltada de crenças não raro levadas ao extremo do fanatismo. Assim surgiram correntes inspiradas pela idéa de que as transformações profundas evidentemente em via de se operarem na organização e nas tendencias do mundo civilizado, vão encaminhar-se no sentido do estabelecimento de systemas políticos baseados em conceitos diferentes das finalidades do Estado, mas semelhantes todos nas suas grandes linhas e nos seus methodos ás instituições que têm o typo mais característico nas ditaduras organizadas pelo bolshevismo, pelo fascismo e pelo nazismo.

Durante annos a influencia perturbadora dessa illusão tem representado papel de consideravel vulto entre os elementos determinantes da confusão e da effervescência do após-guerra. Parece estarmos, entretanto, chegando ao ponto critico em que as miragens do Estado totalitario e autocratico se vão desfazer sob a acção irresistivel das lições praticas hauridas nas proprias experiencias, que serviram de ponto de partida aos innumerados movimentos formados em quasi todos os paizes em torno de ideologias ditatorialistas. Apesar de nos avizinharmos assim do declinio de taes escolas, não deixa de ser necessario avançar algumas considerações, porque entre nós o que se vae tornando anachronismo nos paizes mais adelantados, começa a ser recommendado agora como ultima novidade sociologica e politica. Em outro destes ensaios, analysaremos esse phenomeno, bastando por enquanto registrar-lhe aqui a occorrença.

O primeiro erro commettido pelos que preconizam tardiamente no Brasil e em outros paizes sul-americanos regimens dictatoriaes de feitio que varia conforme a mentalidade dos apostolos, sem se afastarem do eixo central de todas essas doutrinas, que é invariavelmente a idéa de um Estado omnipotente a que se attribue implicitamente o monopolio da virtude e da sabedoria politica, consiste em defeituosa apreciação do que se passa nas nações, onde semelhantes tendencias conseguiram impôr-se como base logica da organização da sociedade. O chamado Estado totalitario apresenta-se hoje nas tres grandes nações a cujos movimentos revolucionarios acima alludimos. Na Russia e na Italia a experiencia vem sendo feita ha tempo bastante longo, para permittir o desenvolvimento dos systemas ali estabelecidos por forma a tornar possivel, senão a determinação exacta, pelo menos uma previsão razoavelmente segura dos rumos por onde se encaminham para o futuro o bolshevismo e o fascismo. Quanto ao caso allemão, o que por ora se passa é tão confuso por entre as manifestações da violencia apaixonada de um movimento submettido ao rythmo da emotividade de massas, sobre as quaes os chefes nazistas parecem não exercer nenhuma influencia orientadora da intelligencia, que convem deixar de parte para o exame especial que merece aquelle quadro perturbador de contradicções, através das quaes se patentea o spectaculo de uma grande insurreição meramente negativista e sem capacidade constructora.



As finalidades traçadas pelo genio de Lenine á revolução russa envolviam, como postulado fundamental da gigantesca transformação nacional, concebida pelo formidavel estadista, a organização de um Estado que extendesse as suas actividades a todos os aspectos da vida collectiva e cuja direcção fosse centralizada em um apparelho inequivocamente autocratico. Duas categorias de razões convergiam impondo uma tal orientação. De um lado a grandeza quasi sobrehumana do empreendimento projectado; de outro os factores decorrentes das tradições e da physionomia peculiar da sociedade russa.

A profunda e solida formação marxista do espirito de Lenine firmara-lhe a convicção da necessidade inilludível de basear qualquer grande plano de renovação da Russia na passagem do estado de uma economia atrasada, para a organização superior das multiplas formas de producção que o vastissimo imperio comportava. Tendo assim comprehendido que a revolução economica devia preceder as metamorphoses culturaes que viriam mais tarde alterar a physionomia social da Russia, Lenine formulou desde o primeiro momento um programma, cuja etapa inicial foi a alteração brusca do regimen juridico concernente ao dominio da terra e que com admiravel tenacidade desenvolveu logo em se-

guida em um plano de expansão industrial, elaborado nas suas linhas fundamentaes por entre as preoccupações militares da defesa da revolução e da guerra civil. A organização da agricultura conforme os methodos de uma technica scientifica e tendo como ponto de partida juridico a abolição da propriedade privada da terra e o projecto da construcção de uma cadeia de usinas suppridoras de energia electrica, formaram as bases de um systema cuja realização implicava na concentração do poder politico nas mãos dos que concebesssem e executassem o plano economico na sua totalidade.

Dahi em diante o desenvolvimento do Estado bolshevista tinha forçosamente de orientar-se no sentido de uma concentração cada vez maior do poder dictatorial, á medida que das grandes linhas archetypicas da renovação economica da Russia se fosse passando ás minucias de realização do plano geral. O apogéo desse movimento de autocratização racionalizada foi marcado pelo inicio do chamado Plano Quinquennial. As violentas medidas de repressão de todas as rebeldias politicas a que então recorre Stalin, integravam-se nas contingencias da necessidade creada pelos objectivos economicos da dictadura. Mas da execução do Plano Quinquennial vae resultando na propria logica da expansão economica que elle promove a contradicção entre o Estado absolutista e uma sociedade que se vae adeantando economicamente. A Russia ainda não attingiu um ponto em que a dictadura politica do autocrata do Kremlin não poderá subsistir. Mas nos ultimos dois annos a

concentração do poder economico, que constitue complemento e base insubstituivel daquella dictadura, vem-se tornando de dia para dia mais insustentavel. Ao mesmo tempo que uma serie de medidas revelam outras tantas transigencias da orthodoxia marxista com o individualismo gerado pelo proprio surto da economia russa, os orgãos de acção economica através dos quaes o poder dirigente realizou o seu plano vão adquirindo uma autonomia, cuja finalidade fatal é tornar-os pouco a pouco forças independentes que, já se achando hoje emancipadas em larga escala da autoridade dictatorial no tocante á organização economica da producção e á sua technica, serão em breve nucleos de futuras resistencias politicas neutralizadoras da dictadura. Assim, o que vemos na Russia não é a consolidação do regimen dictatorial, mas a prova da sua incompatibilidade com qualquer organismo social economicamente adeantado. •

Não é diferente o quadro que se nos depara na evolução do fascismo italiano. Mais equilibrado que Lenine e não se achando como este sujeito á influencia esmagadora de um exclusivismo doutrinario, Mussolini tinha tambem a resolver na Italia um problema diverso do que se esboçava ao organizador da nova Russia. No antigo imperio czarista o facto economico offerecia uma preponderancia, que obrigava a apoiar nelle a obra de reconstrucção nacional. A Italia, tendo uma economia mais adeantada e menos complexa, soffria acima de tudo dos effectos de uma desorganização politica que datava de muitos annos e cujas origens provinham da

própria ambiência em que se formara a unidade italiana. Assim, o problema que o fascismo veio solucionar dependia muito mais do aumento da eficiência do Estado, que da remodelação da aparelhagem económica do país. Esta última parte de um plano de renovação seria mesmo inexecutável sem a prévia reorganização política e administrativa.

Dentro do círculo de condições determinadas pela realidade italiana, impunha-se logicamente a organização de um Estado autoritário. A ditadura tinha de exercer a função legítima de instrumento excepcional para a defesa policial da sociedade ameaçada pela anarquia e de reparação energética de erros e vícios profundamente enraizados nos costumes políticos e na prática da administração. Nenhuma preparação ideológica particularmente dirigida no sentido da transformação das instituições políticas precedeu o surto do fascismo. As forças organizadas por Mussolini com os elementos que haviam tomado parte activa na guerra, não tinham como vínculo coordenador senão vagas aspirações de regeneração nacional, de resistência ao extremismo esquerdista e de descontentamento e repulsa em relação aos que se haviam emboscado durante a lucta internacional, aproveitando-se das circunstancias para enriquecer, enquanto outros se batiam nas trincheiras. O incalculável serviço prestado por Mussolini consistiu em encaminhar para a acção constructora correntes de insatisfação e rebeldia, que tendiam naturalmente a precipitar-se para todos os excessos de um extremismo negativista e anar-

chizante. Mas o fascismo não surgiu com directrizes antagonicas aos principios geraes da organização politica então vigente na Italia.

Longe de firmar postulados que envolvessem o repudio da democracia liberal, Mussolini até o momento da marcha sobre Roma parecia inclinado a uma preferencia pela republicanização da Italia. O seu genio politico levou-o á comprehensão das vantagens do aproveitamento das instituições existentes e a ditadura fascista começou com o caracter de uma revolução conservadora, cujos objectivos podiam realizar-se sem uma subversão profunda da organização do Estado e da estrutura da sociedade. Sómente depois de consolidado no poder é que o fascio vae perdendo a sua physionomia de simples esforço empirico para a salvação nacional por meio de uma ditadura que tudo indicava dever ser apenas transitoria, passando a elaborar uma ideologia politica e social destinada a dar o cunho de permanencia ao emprego dos methodos excepcionaes com que se identificara. Não é difficil perceber-se nessa evolução a influencia de sentimentos muito humanos, que tinham inevitavelmente de actuar sobre homens deslocados subitamente de uma situação de impotencia politica, para o exercicio do mais absoluto contrôle da machinaria do Estado.

A esse empreendimento de converter um golpe de força de finalidades immediatas e de effeitos restrictos aos problemas do momento na edificação de um grande systema politico-social, Mussolini imprimiu incontestada-

velmente uma orientação superiormente intelligente, em que se reflecte a sua poderosa mentalidade e a sua capacidade de apreciar o valor da cultura. A actividade intellectual estimulada pelo Duce creou em torno do fascismo a ambiencia ideologica que lhe faltava por completo ao assaltar victoriosamente o poder e assim a dictadura de facto passou a ter a sua perpetuação justificada por uma theoria do Estado e das relações deste com a sociedade.

Seria, comtuço, illudir-se com uma apparencia, supôr consummada a consolidação do Estado dictatorial na Italia. As condições creadas pelo regimen fascista, tanto no seu aspecto repressivo das tendencias opposicionistas, como no tocante ao estímulo e á recompensa das dedicações, facilitaram o surto de actividades intellectuaes, que cercam a dictadura de um brilho cultural no qual se reflectem a pujança mental de um povo privilegiado pela intelligencia, mas que não attesta o assentimento e muito menos o applauso do espirito italiano ao regimen vigente. Este continúa a manter se pela applicação severa de medidas de repressão e de compressão policial, tornadas aপরnas mais toleraveis pelos resultados beneficos que a acção administrativa da dictadura tem alcançado no terreno economico. Mas o simples facto da persistencia de uma corrente anti-fascista, cujas proporeções a apparatusa encenação do governo autoritario mal pôde disfarçar, a despeito dos serviços prestados pe'o regimen á Italia, é a melhor prova da impossibilidade de prolongar indefinidamente

um estado de cousas, que em troca de uma certa ordem económica e de relativa prosperidade restabeleceu condições oppressivas, como a Italia não as conhecia desde o início do movimento da unificação.



A irrupção do hitlerismo na Alemanha constitue um phenomeno que, embora enquadra'do na mesma categoria do bolshevismo e do fascismo, não pôde ser equiparado a nenhum delles em face de certos traços differenciaes impressionantes. O primeiro aspecto pelo qual o nazismo differê das revoluções da Russia e da Italia é de natureza psychologica. Tanto no bolshevismo, como no fascismo predominam tendencias originadas em uma accentuação vigorosa da consciencia nacional. A Russia de 1917, apesar dos desastres militares que precipitaram a queda do tzarismo, adquirira ao contacto dos problemas formidaveis da guerra a certeza da vastidão dos seus recursos potenciaes e não duvidava das perspectivas que se lhe deparavam e para cuja realização precisava apenas transformar em um systema de forças organizadas as enormes energias dissonantes, que o imperio com a sua primaria organização grosseiramente unitaria não conseguira aproveitar, coordenando-as e disciplinando-as. A Italia desapontada com os resultados praticos da victoria tinha, entretanto, o animo de uma nação vencedora. Outra é a ambiencia em que se gerou o nazismo germanico.

O apelo para o autoritarismo e para a hypertrophia do Estado como órgão unico de expressão da vida social, não foi na Allemanha, como na Russia e na Italia, determinado pela influencia tonificante de uma grande ambição nacional. Foi o resultado do estimulo empolgante das memorias de um passado orgulhoso no espirito de um povo subitamente precipitado de uma situação mundial de primeira ordem para as mais dolorosas humilhações, a que uma grande nação foi submettida nos tempos modernos. Enquanto o bolshevismo e o fascismo tinham pelas suas origens psychologicas uma projecção inequivocamente futurista, o nazismo é uma especie de prophetismo invertido, em que Hitler apparece como um Messias do retorno impossível ás condições da Allemanha de Bismarck.

Este aspecto do movimento nazista é fundamental e por elle e sómente por elle se torna explicavel o exito eleitoral das forças de Hitler. Não ha entre este e o seu partido e as tendencias essenciaes do espirito allemão nada de common, alem da idéa absorvente de uma grande desforra nacional contra a humilhação de Versalhes. Para que uma nação tão profundamente impregnada pelas influencias da cultura e tão sensivel no apreço dos valores intellectuaes accitasse a direcção despotica de um partido tão destituido de credenciaes dessa natureza e chefiado por um homem que se acha visivelmente abaixo do nível médio da cultura allemã, era evidentemente imprescindivel que entre as directrizes de semelhante força politica e a nação se houvesse crea-

do um ponto de contacto que neutralizava todos os outros antagonismos. A deísa contra o communismo representou por certo papel de grande relevancia na submissão da grande maioria do povo allemão ao despotismo de Hitler. Parece-nos, contudo, que muito mais decisiva ainda foi a influencia da idéa da reacção contra o estado de cousas em que a Alemanha se via collocada desde a paz de 1919. Mesmo nas violencias mais selvagens que o nazismo tem commettido desde a sua installação no poder e entre ellas a mais caracteristica que é a campanha insensata contra os judeus, patetea-se o espirito de panico e a colera de uma nação vencida e humilhada, empolgada pela ancia de encontrar e punir os responsaveis pela sua derrota, reaes ou imaginarios.

Todo o determinismo do movimento nazista e da sua faci' victoria deve ser interpretado em funcção dessa concordancia entre o seu principal objectivo e o sentimento geral do povo allemão em face da posição internacional a que se viu reduzido. Aliás, semelhante phenomeno fôra previsto desde 1919 pelos criticos mais sagazes da obra desastrosa da Conferencia de Versalhes. Mais tarde ou mais cedo, sob uma forma ou outra a Alemanha teria de reagir contra a desclassificação internacional imposta pelos vencedores e a celosão do nazismo foi apenas a modalidade plasmada pelo curso de outras circunstancias occasionaes que se apresentaram. Mas é evidente que das suas origens o nazismo traz o vicio irreductivel, que o incapacita para

qualquer acção realizadora, como força de reconstrução nacional allemã. Poderá precipitar uma guerra enquanto dispõe de impeto para arrastar consigo o povo que a elle se submete por encara-lo como a unica expressão actual da sua indignação contra as injustiças soffridas. Mas se a prudencia da diplomacia das outras nações e a conspiração de circumstancias felizes impedirem a conflagração que constitue a finalidade logica do nazismo, elle dentro em breve ficará desprestigiado perante a opinião allemã, desilludida da sua esperança de desforra e Hitler desaparecerá como um Messias que faltou ás suas promessas. Assim o nazismo, em escala incomparavelmente maior que o bo'shevismo e o fascismo, é um phenomeno estricktamente nacional, cuja influencia em outros paizes só se pôde fazer sentir sobre espiritos fracos e condemnados á repetição simiáca de gestos alheios.

*
* *

Em todos os outros episodios analogos que se têm registrado em diferentes paizes, é facil verificar a coincidência do reflexo dos grandes exemplos da Russia e da Italia, modificando-se através das condições peculiares da cada ambiente nacional onde occorreu. Não se trata em nenhum desses casos de uma influencia de caracter universal, como a que foi exercida na primeira metade do seculo XIX pela propulsão da ideologia de-

mocratico-liberal ingleza através do possante dynamismo da Revolução Franceza. Repercussões apenas de causas actuanes nos paizes belligerantes durante o grande conflicto internacional, o <dictatorialismo e o nacionalismo exaltado do após-guerra não passaram de miragens.

III

INDIVIDUALISMO
E COLLECTIVISMO

A IDÉA de um processo historico, isto é, do desenvolvimento da sociedade como um organismo que passa successivamente de um Estado para outro, assumindo formas progressivamente mais complexas e deslocando-se incessantemente para condições novas, não envolve necessariamente o conceito teleologico a ella associado desde o advento da democracia e que tem servido de base logica a todas as doutrinas politicas inspiradas pelo pensamento liberal. Reduzida aos seus elementos caracteristicos e essenciaes, a noção do desenvolvimento historico constitue apenas a antithese dynamista do ponto de vista estatico de que tambem se pôde apreciar a existencia dos grupos humanos socialmente organizados. Nada realmente se oppõe no terreno da analyse racional a uma attitude em que se considerem os phenomenos sociaes e politicos ou de modo mais amplo as manifestações globaes da civilização e da cultura, como independentes das influencias do passado e sem qualquer correlação com futuros estados organicos da sociedade. Este ponto foi um dos que nos ultimos annos vieram a ser lucidamente localizados pela obra de

Oswald Spengler (1). O genial sociologo allemão assignalando um facto aliás muito simples e de facil verificação, mas que antes delle ninguem reconhecera accentuando-lhe a verdadeira significação, mostrou como certas culturas apparecem sem possuir uma consciencia collectiva de qualquer processo historico. São civilizações que, no sentido moderno, não têm historia e vivem no apego goetheano á realidade presente. O exemplo mais característico e ao mesmo tempo mais grandioso que Spengler aponta, é o da civilização classica. Desde o alvorecer do grande periodo antigo nos primordios da cultura ionica até a orientalização de Roma pelas influencias asiaticas e pelas correntes intellectuaes alexandrinhas, não existe historia conforme a entendemos segundo o criterio moderno. Tanto na Grecia como em Roma, depara-se-nos uma serie de momentos autonomicos e desarticulados do passado, que para cada uma dessas épocas constitue immensa terra de ninguem, onde a fantasia caprichosa de cada pseudo-historiador e de cada forjador de chronicas fabulosas ergue monumentos illusorios, consagrando lendas quasi sempre por elles totalmente inventadas. Como complemento dessa ausencia de passado historico, os povos classicos despreocupam-se tambem do futuro, não acreditando em qualquer possibilidade evolutiva das formas de organização social em que vivem. Contrastando com essa inter-

(1) Oswald Spengler — "Decadencia de Occidente" (tradução hespanhola).

pretação estatica da vida social, salienta Spengler o ponto de vista essencialmente dynamico de outras civilizações como as dos babilonios e dos egypcios, nas quaes o sentimento do desenvolvimento historico traduz-se na preocupação do computo do tempo, reflectindo-se no esmero pela elaboração dos calendarios.

Parece-nos que o interessante phenomeno pela primeira vez assinalado pelo sociologo germanico, tem talvez a sua explicação em um facto de ordem ethnica para o qual Spengler não voltou a sua attenção. Da analyse em que elle elabora o confronto tão convincente entre os povos que diremos dotados do instincto historico e os que pela falta desse instincto concentram as suas energias conscientes em cada epoca da sua existencia, resalta uma consequencia altamente interessante. As nações do primeiro grupo são aquellas em que é evidente o predominio das raças mongolicas e semíticas, ao passo que á segunda categoria pertencem os povos do grupo aryano.

A razão do desenvolvimento do instincto historico no primeiro caso e a explicação da sua ausencia no segundo, iremos talvez encontrar nos effectos sociaes e psychicos de duas tendencias antagonicas, que caracterizam respectivamente as mentalidades dos grupos ethnicos em apreço. Os povos mongolicos e os que emergiram do tronco sumero-accadiano, vindo a constituir ulteriormente o conglomerado de nações que se espalharam pela Asia Menor, pela Arabia e que provavelmente colonizaram tambem o Egypto, como certamente

o fizeram em relação a outras regiões do norte da África, representando no seu conjunto a moderna raça semítica, foram todos caracterizados por um extraordinário desenvolvimento do impulso nomádico. Gente dotada de grande mobilidade e, portanto, de fortes instintos guerreiros e conquistadores, aqueles povos tiveram nas peripecias da sua existência aventureira oportunidade constante para o cultivo inconsciente da aptidão a familiarizar-se com a noção do tempo e a entender a vida como um todo, que se propelle e se desenvolve através de durações sucessivas e infundáveis. Além disso, a própria natureza da existência nomádica impõe sempre o conceito do objectivo das marchas e assim a vida social passa a ter uma finalidade que não é a existência actual, o que explica a formação ulterior de uma mentalidade teleologica, quando a sociedade attinge nível sufficientemente elevado para permitir a uma elite a meditação e a elaboração de um systema ideologico interpretativo dos phenomenos que se apresentam.

Radicalmente differente foi o destino dos povos do grupo aryano. As migrações para estes nunca representaram papel de tanto vulto e de tanta relevancia. A tendencia hoje predominante na reconstituição da proto-historia é a relegar para a categoria das fabulas as grandes migrações aryanas admittidas pelos eruditos de gerações anteriores. Segundo parece muito mais provavel, as actuaes populações aryanas foram autochtonas nas mesmas regiões onde hoje vivem os seus

longinquos descendentes. Assim, esses povos tiveram sempre vida preponderantemente sedentaria, applicando-se a formas de producção como a agricultura, cujas actividades os não induziam a dar ao conceito de tempo e ás idéas de movimento, de progresso e de finalidade remota importancia comparavel á que adquiriam no psychismo de gente nomada e pastoril.

A interpretação que aqui suggerimos para o facto geral verificado e assignalado por Spengler, confirma-se ainda pela circumstancia impressionante de todos os exemplos de civilizações desprovidas de instincto historico citadas pelo sociologo allemão estarem identificadas com povos aryanos — civilização classica e civilização hindostanica — enquanto que os exemplos antigos de manifestação do sentimento do desenvolvimento socio-genico se registram em povos, nos quaes é possível sempre encontrar a influencia da raça mongolica ou das irradiadas do centro mesopotamico. E no caso da civilização européa no periodo christão, em que o instincto historico se apresenta a Spengler na plenitude da sua pujança, não é difficil demonstrar tambem o papel desempenhado pelas influencias semiticas, cuja função na formação da Europa medieval e moderna impõe-se ao espirito critico de qualquer estudioso da sua evolução.



Abstrahindo das determinantes a que alludimos e considerando apenas o facto indiscutivel da affirmação da

consciencia historica nos povos incorporados em grupo representativo da civilização occidental moderna, temos a verificar a influencia exercida por esse sentimento de um dynamismo sociogenico, através do qual a vida das sociedades se apresenta sob forma de incessantes transformações, em antagonismo frisante com o conceito estatico predominante no mundo antigo no apreço dos phenomenos politicos e sociaes. Desde o inicio da segunda metade do periodo medieval, vem-se esboçando no pensamento politico do Occidente a idéa clara de uma finalidade das manifestações complexas da civilização e da cultura, passando as actividades do presente a ser encaradas como etapa preparatoria á realização de successivas phases de desenvolvimento, para alem das quaes theoreticamente se admittia a occorrença implicita de uma situação definitiva mais ou menos vagamente idealizada conforme a indole e o aparelhamento intellectual de cada observador do momento em que vivia. As cruzadas, a expansão do imperialismo mercantil das republicas maritimas italianas e o surto da philosophia, bem como a orientação tomada pelas artes e particularmente pela architectura, marcam o ponto de partida desse espirito que poderemos chamar do dynamismo historico e cuja influencia se fará sentir desde o seculo XI até os dias actuaes. †

Durante os primeiros seculos de manifestação d'essa tendencia tão precipuamente caracteristica do nosso cyclo de civilização, o utopismo em que se reflectia a consciencia do desenvolvimento evolutivo das formas

organicas da sociedade amoldava-se ás configurações do Christianismo. A trajectoria do progresso idealizado podia variar segundo o prisma individual, mas não divergia nunca da grande miragem da christianização mundial, a que as descobertas marítimas começadas no seculo XV vieram dar o aspecto de uma possibilidade accessivel á immediata acção politica das nações européas.

Com a grande crise espiritual da Renascença e da Reforma, o curso até então attribuido ao desenvolvimento da civilização occidental foi mais ou menos violentamente subvertido. A Europa scinde-se em dois mundos respectivamente caracterizados por attitudes espirituaes differentes e radicalmente oppostas. Os países incluídos na órbita da latinidade ficam empolgados pela ascendencia vencedora do néo-paganismo renascentista, enquanto os povos nordicos recuam espiritualmente sob a influencia da Reforma e mais accentuadamente da orientação calvinista para a latitude espiritual judaica ou christã do periodo em que a Igreja emergiu do syncretismo religioso romano. Entre o retrocesso evangelico do norte e a paganização mediterranea, desaparece o Christianismo medieval que fôra a criação do genio europeu na esphera religiosa e que desde a epoca carlovingiana impuzera o seu rythmo espiritual á civilização do Occidente.

O conceito do progresso e a idéa teleologica das actividades sociaes subsistem mas nenhum sentido claro é determinado pela consciencia collectiva a essa marcha

para o desconhecido, em que já não servem de guia os roteiros do dissolvido Christianismo medieval. Assim por tres seculos as nações mais vigorosas e mais emprehendedoras proseguem na realização dos seus planos especiaes de engrandecimento e de expansão, sem que, entretanto, appareçam construcções coordenadas de uma realização final excepto nas utopias que reflectem apenas attitudes individuais, obviamente limitadas pelo prisma mais ou menos acanhado de pensadores isolados.

Afinal com a eclosão do movimento scientifico a partir da segunda metade do seculo XVIII e sobretudo com as applicações technicas dos resultados obtidos na pesquisa do conhecimento em varios sectores da natureza, surge de novo a idéa da systematização do conceito do progresso social, de modo a determinar-se as directrizes dessa evolução com um caracter de positividade. Dois pensadores personificam na segunda metade do seculo XIX a polarização do conceito evolutivo, respectivamente encarado dos pontos de vista extremos do individualismo e do collectivismo. Spencer e Marx fixam-se na historia da cultura como expoentes de duas interpretações á primeira vista oppostas, mas em ultima analyse complementares de uma visão global do dynamismo sociogenico. Ambos tiveram precursores e no determinismo da attitude de cada um delles encontram-se factores ethnicos, influencias historicas e effeitos da acção directa da ambiencia em que appareceram. A evolução para uma liberdade incessantemente maior e na qual o individuo possa expandir cada vez mais as suas

aptidões e o alcance das suas possibilidades, contrapõe-se assim ao ideal da organização do todo pela submissão das unidades ao conjuncto e pelo aproveitamento das funções especializadas em uma obra totalizada em que as partes só beneficiem como elementos de um systema coheso e unificado.

Toda a historia do pensamento politico occidental dos tres ultimos quartos de seculo e tambem a acção pratica realizada nesse periodo, exprimem os antagonismos e os esforços occasionaes de combinação entre aquellas duas correntes promanadas respectivamente do ponto de vista spenceriano e do conceito marxista. O declinio do individualismo em face da onda collectivista que se vem avolumando desde as duas ultimas decadas do seculo passado, não é de difficil explicação, quando o examinamos em função das condições materiaes do mundo contemporaneo. Expressões representativas de duas perspectivas oppostas do problema humano, o individualismo e o collectivismo correspondem assim a aspectos complementares de uma unica questão. A liberdade postulada pelo primeiro como objectivo da evolução social e politica attende ao lado espirital do homem, como condição evidente da affirmação das suas aptidões superiores e do progresso cultural inconcebivel em um systema de restricções á acção do pensamento nos dominios da pesquisa do conhecimento e da manifestação do genio artistico. Por outro lado, o ideal da organização contido no conceito collectivista corresponde ao problema immediato do augmento da effi-

ciencia no aproveitamento dos recursos da technica scientifica applicada aos factos da vida economica e social.

Com o desenvolvimento acelerado de taes applicações da sciencia ás necessidades praticas adveiu uma posição nitidamente desfavoravel ao individualismo e altamente propicia á ascendencia collectivista. Não sómente as consequencias de um regimen individualista na esphera da producção tenderam a estabelecer a confusão e mesmo o chãos pela impossibilidade de conciliar as iniciativas do emprehendimento particular com as condições geradas pelas possibilidades technicas cada vez mais amplas, como dessas mesmas condições promanou um ambiente social extremamente favoravel á coordenação dos elementos mais fracos e incapazes de conquistar situações satisfatorias em um systema onde as aptidões dos elementos melhor dotados não encontravam tropeços nem limitações. A organização dos que eram individualmente fracos e a anarchia acarretada pelos choques das iniciativas contradictorias dos fortes, crearam desse modo um estado de cousas que pelo menos apparentemente envolvia a prova impressionante da fallencia do individualismo.

*

* *

A guerra mundial veio precipitar os acontecimentos já visivelmente esboçados por entre a prosperidade dos annos que a precederam. Todas as guerras envolveram

sempre uma ascendencia das massas sobre as individualidades superiores. Em tempos de paz estas não se acham na dependencia da collaboraçãõ de grandes multidões e as energias do espirito predominam muito mais facilmente sobre a força physica e emotiva das massas. O que occorrera invariavelmente no passado, veiu a ter lugar por occasião do conflicto de 1914 em condições muitissimo mais accentuadas, devido á nova technica da guerra. Os factores materiaes da victoria entre os quaes se devem incluir o representado pelas massas militares fixadas nas trincheiras e reduzidas a mero instrumento mecanico de matar, preponderaram por tal forma sobre os elementos intellectuaes de concepção e de direcção estrategica e tactica, que bem se comprehende a eclosão de uma confiança fanaticã no valor das massas com os seus corollarios equalitarios no plano politico, social e economico.

Ao repousar da lucta prolongada e extenuante, os povos occidentaes tinham creado na effervescencia daquelles quatro annos de devastação e de terror uma verdadeira religiãõ, cujos deuses novos passaram a dominar por completo na sua consciencia. A machina, o volume e o numero tornaram-se as figuras invictas da nova trindade, que deveria centralizar o surto de uma civilizaçãõ contradictoria a tudo que se calcinara na fogueira da guerra. A experiencia dos combates forçara no espirito dos combatentes a crença de que o homem, tal qual a cultura da Europa o idealizara durante seculos, de pouco ou nada valia. Em face dos elementos

materiaes, as qualidades pessoas do guerreiro ficavam annulladas. O segredo da victoria reduzia-se á massa de material disponivel e ao numero de individuos que o manipulassem. Do homiem individual apenas se reclamava agilidade para tirar o maior partido possivel do instrumento mecanico de morte que lhe era confiado, durante o tempo em que o destino lhe permittia sobreviver na refrega. E considerando-se em conjuncto o panorama da guerra, ainda mais esmagadora era a demonstração da supremacia incontrastavel das massas, fossem ellas de aço, de substancias explosivas ou de carne humana. Um almirante inglez escreveu um livro notavel proclamando o triumpho das forças desarmadas, em cujas paginas conseguiu com impecavel logica interpretar a victoria dos alliados em termos de intendencia. A epopéa tomou a forma prosaica da vigilancia policial do bloqueio.

*
* *

Seria impossivel imaginar-se conjuncto de indices mais impressionantes da ascendencia do collectivismo e do descredito do individualismo, que as manifestações da vida contemporanea em todos os seus aspectos, desde o encerramento da grande guerra. Por toda a parte o conceito da organização, da disciplina ferrea submettendo o individuo ao rythmo da sociedade e do sacrificio dos interesses e pontos de vista particulares á efficiencia do conjuncto, affirma-se victoriosamente e é

proclamado em todos os tons, como formula unica em que a humanidade pôde depositar esperanças de salvação e de felicidade. O ideal da liberdade individual é achincalhado como sobrevivencia de uma crença morta, a que apenas se apegam retardatarios e passadistas. Julgando as possibilidades do futuro por esses signaes dos tempos, ninguém hesitaria em prognosticar que a civilização de ora em diante terá um cunho inequivocamente collectivista e que a personalidade humana irá pouco a pouco perdendo os seus traços de diferenciação autonómica, até que os individuos se convertam em simples engrenagens de uma machinaria colossal, cujo funcionamento será regido apenas pela idéa de tirar o maximo partido das unidades componentes em proveito da força e da capacidade de expansão de uma entidade abstracta, que passará a ser a unica realidade admittida pela consciencia social.

Entretanto, a victoria do collectivismo é muito menos completa e definitiva, que seríamos induzidos a crêr pelos symptomas dramaticos da derrocada individualista. Se passarmos do exame dos acontecimentos considerados de um modo global e através das suas expressões mais berrantes para uma analyse mais profunda da vida que se agita por sob essas impressionantes apparencias, seremos levados á conclusão á primeira vista paradoxal de que a realidade social contemporanea é ainda a manifestação de forças, nas quaes se reflectem tão accentuadamente como sempre as características dos antagonismos, das luctas e das separa-

ções entre os indivíduos reunidos em grupos sociais. O espectáculo empolgante do collectivismo actual pôde ser reduzido pela critica psychologica aos eternos radicais de um individualismo incompressivel e que reage contra a idéa gregaria em conflicto, que hoje não é de modo algum diferente do que se nos depara através de todo o desenvolvimento historico da humanidade.

Entre as exteriorizações multiplas da victoria collectivista e a realidade de que ella é apenas a expressão dramatica, ha um contraste que não é difficil pôr em relevo. A subordinação do individuo ao todo social, a absorpção dos interesses particulares e das iniciativas delle promanadas por uma consciencia collectiva dominadora e dictatorial, conforme o prognostico do desenvolvimento dialectico da sociedade formulado por Marx, implicavam em uma ascensão das massas, determinando a conquista effectiva do poder por parte dellas. A dictadura proletaria que deveria nos termos do apocalypse socialista preparar o advento de um estado definitivo de homogeneidade estrutural da sociedade, diferenciava-se no pensamento marxista do conceito tradicional da dictadura como dominio exercido sobre a collectividade por um individuo ou por um circulo muito limitado de pessoas. Encarada do ponto de vista em que se collocava o autor de "O Capital", aquella dictadura seria apenas o effeito automatico da conquista dos meios de produção pelas massas trabalhadoras. Bem outra é a situação que se nos depara na pratica da grande experiencia russa.

A captura da aparelhagem económica não resultou de condições espontaneamente surgidas da desintegração do regimen capitalista, aliás ainda mal desenvolvido e pouco consolidado na Rússia. Como tivemos ensejo de mostrar em outro destes ensaios, a revolução bolshevista não teve mesmo caracter proletario na accepção rigorosa que se deve dar á expressão em termos marxistas. Foi um movimento projectado, organizado e deflagrado por uma minoria extremamente reduzida de individuos, na qual dominava inconfundivelmente a personalidade unica de Lenine. O instrumento do golpe que destruiu a ephemera democracia social de Kerenski não foi representado sequer pelas massas populares, mas por tropas insubordinadas e por contingentes de choque préviamente organizados para esse fim. Assim a revolução russa, em vez de ser o grande levante proletario idealizado durante muitas decadas pelos discipulos orthodoxos de Marx, apresentou o aspecto inequivoco de um movimento planejado e dirigido por elementos de elite, que executaram um programma, cuja orientação doutrinaría collectivista não alterou o facto essencial de traduzir-se nesse golpe pura e simplesmente a acção intelligente e a vontade de dominio de individuos superiores, que se aproveitaram das paixões e dos interesses das massas para a realização dos seus proprios desígnios. A evolução ulterior do bolshevismo, como tivemos occasião de mostrar anteriormente, trouxe a confirmação mais decisiva dessa verdade, pondo em relevo que, por traz da espectacular organização colle-

ctivista da nova Russia, subsiste como realidade fundamental a acção da vontade individual levada mesmo a extremos impressionantes de extraordinaria potencialidade realizadora. E da marcha dos acontecimentos parece perfeitamente legitimo induzir-se que gradualmente as forças representadas pela acção individual, que ha dezeseite annos vem orientando os destinos da Russia, modifique, como aliás já está modificando, a forma collectivista de organização ostensiva do soviétismo.

Em outras manifestações do espirito collectivista em ascendencia, tanto nas de ordem politica como nas de natureza economica, não nos parece difficil encontrar tambem uma realidade nitidamente individualista contrastando o aspecto totalizador das organizações que surgem. A verdade é mesmo que no caso russo, no exemplo italiano, na crise allemã e em outros episodios analogos de menor importancia, bem como nas innumerables experiencias de economia dirigida que ora se registram, assistimos não a genuinas expressões de um collectivismo vencedor, mas antes a affirmações da hypertrophia do egotismo e da vontade de dominio de individuos fortes, que emergiram de um conjuncto de circumstancias propicias como figuras despoticas, estabelecendo formas de concentração autoritaria que a civilização occidental jamais conhecera e das quaes se tornam personificações cultuadas pela idolatria das multidões escravizadas.

O propheta que está sendo justificado pelos acontecimentos não é Marx, mas Nietzsche. A dictadura pro-

letaria no soviétismo e a ascendencia da pequena burguezia no fascismo não passam de illusões, por entre as quaes a unica realidade que transparece inequivoca e terrivel é o tropel dos primeiros mensageiros de Zarathrusta annunciando o esplendido advento do super-homem.

IV

A PAZ E A GUERRA

ENTRE os aspectos desoladores da grande guerra, nenhum foi mais pungente que o traço de cruel ironia do destino dos milhares de homens cultos e generosos, que se sacrificaram convencidos de darem a vida para pôr termo ao cyclo de violencia guerreira nas relações internacionaes. Entretanto, aquellas vidas nobres não se destruíram em vão no morticínio das trincheiras. O contraste entre o surto armamentista do após-guerra e a esperança de uma paz definitiva como premio conquistação para a humanidade pelos vencedores do militarismo allemão, não justifica certas affirmações precipitadas dos que, desejando vêr continuar-se a rivalidade militar entre as nações, não perdem oportunidade de assignalar os preparativos bellicos que ora se fazem por toda a parte, para apontal-os como prova da fallencia do pacifismo. O argumento que mal disfarça a ancia do espirito bellicista deante da acção convergente dos multiplos factores de coordenação internacional, póde impressionar os que se contentam com as apparencias de uma situação, sem se darem ao trabalho de examinal-a mais de perto e de analysal-a com maior cuidado.

A guerra de 1914 não foi por certo a ultima das grandes luctas internacionaes; mas foi o ponto de partida da liquidação irremediavel do militarismo. Com o colapso da formidavel machina militar allemã ruiu não sómente o unico reducto em que ainda subsistiam os remanescentes do regimen feudal na Europa, como cahiram tambem desprestigiadas as bases intellectnaes e moraes da organização do militarismo. Entre o armamentismo do após-guerra e a paz armada mantida até Agosto de 1914 ha uma differença radical, como tambem profunda será a distincção entre as guerras futuras e as que occorrerara antes daquelle momento decisivo da historia do mundo. Afigura-se-nos que o desanimo pessimista dos pacifistas desilludidos e a confiança enganadora dos retrogrados que permanecem apegados á miragem do militarismo destruido, resultam ambos de uma apreciação erronea da natureza essencial do problema da paz e da guerra. Collocados em pontos de vista egualmente falsos, uns e outros deixam de julgar a situação presente do mundo em termos realísticos e chegam assim sob a pressão de motivos oppostos a uma mesma conclusão com que se illudem respectivamente em abatimento sem causa e esperanças que felizmente não têm fundamento.

*
* *

O pacifismo que não pôde impedir a conflagração de 1914, errava sob a influencia da ideologia falsa de que

promanava. Naquelle movimento reflectia-se o ultimo effeito da crença utopista na perfectibilidade humana, que se infiltrara na consciencia dos povos occidentaes desde a doutrinação de Rousseau. A paz, como a imaginavam os que prodigalizavam generosamente as suas energias em uma propaganda infatigavel, seria o coroamento de uma evolução progressiva que se operaria nas consciencias individuaes e reagiria sobre a politica dos Estados, generalizando a repugnancia pelas luctas armadas e substituindo gradualmente o emprego da força bellica pelas soluções incruentas dos arbitramentos e das decisões judicarias nos conflictos internacionaes. A extincção da guerra seria assim um facto enquadrado na orbita do progresso moral da humanidade e a esta idéa basica correlacionavam-se outros conceitos em harmonia com o sentimento predominante entre os que se esforçavam pela abolição das luctas armadas. Assim surgia a aspiração de uma paz universal calcada na egualdade dos direitos entre as nações e na equiparação das soberanias, espontaneamente admittida pelos mais fortes sob a influencia de uma regeneração da ethica internacional.

Apesar das eloquentes lições trazidas pelos acontecimentos dos ultimos vinte annos, o pacifismo de antes da guerra ainda não renovou a sua taboa de valores. O Pacto Kellog-Briand ahí está para demonstrar como a idéa de solucionar o problema da paz e da guerra em termos moraes sobrevive na mentalidade dos estadistas. E dessa sobrevivencia decorrem as desillusões

e as incertezas que contribuem para estabelecer a confusão nos espiritos, suscitando um pessimismo injustificado e perturbando o desenvolvimento natural de uma questão, que terá de ser resolvida de pontos de vista totalmente differentes.

A paz universal encarada como resultado de um renunciamiento espontaneo dos elementos de força ao alcance dos grupos nacionaes resignados a admittirem o principio de uma egualdade na intervenção sobre a marcha dos negocios do mundo, é uma utopia e se não o fosse redundaria em verdadeira calamidade para a civilização. A eliminação ou pelo menos a restricção ao minimo de possibilidade dos conflictos armados entre as nações civilizadas será irrealizavel, enquanto fôr considerada como dependente de metamorphoses moraes e de transformações profundas dos instinctos, sobre os quaes assentam em ultima analyse todas as concepções ethicas. O problema tem que ser deslocado desse terreno para o plano da realidade objectiva determinada pelas tendencias concretas da propria civilização e pelos interesses que nella se cream, constituindo outras tantas forças de cujo jogo dependem a paz e a guerra. O pacifismo absoluto, isto é, a extincção do instincto guerreiro no homem, envolve a aspiração doentia para o abatimento da vitalidade, de que resulta a vontade de affirmação e de dominio convertida em impeto bellicoso sempre que a ella se oppõem resistencias e obstaculos. Uma humanidade pacifica seria por isso mesmo decadente e a sua debilidade progressiva viria

reflectir-se não apenas no retralimento da aggressividade no plano politico e social, como tambem na atrophia das aptidões que propellem o espirito humano na ancia da pesquisa do conhecimento para melhor dominar as forças naturaes e se traduzem em surto da imaginação na esphera creadora da arte. Collocar o problema da paz e da guerra nesses termos de abolição progressiva da bellicosidade, é abordar a questão do que poderemos chamar o ponto de vista de um ideal de semelhança humana. A abolição dos conflictos internacionaes tues quaes elles se apresentam nas condições impostas pela technica da guerra moderna e deante das circumstancias de entrelaçamento e de coordenação forçados da vida das nações na civilização contemporanea, impõe-se por motivos diferentes e tem de ser promovida por methodos que nenhuma semelhança offerecem aos do pacifismo sentimental e ethico.

O primeiro passo a dar-se no sentido da organização da paz internacional, é dissipar a confusão entre o ideal moral da concordia entre os homens e a questão pratica da abolição da guerra. Este ultimo problema não envolve para a sua solução a necessidade de qualquer transformação de mentalidade e exige apenas a coordenação dos interesses de cujo antagonismo têm resultado e podem ainda resultar conflictos armados entre nações civilizadas. Dependesse a abolição da guerra internacional de uma metamorphose operada no psychismo humano ou mesmo da obliteração de sentimentos e de tendencias evidentemente ainda muito fortes no homeni

actual e a obra da paz mundial teria de ser relegada ao plano das aspirações remotas, que não podem ser incluídas na órbita da acção política. Mas felizmente não é preciso modificar a velha alma humana para que se evitem luctas mutuamente destructivas e que nas condições actuaes acabariam pela sua repetição em irremediavel decadencia da civilização.

*
* *

Afastada do terreno em que não a puderam resolver os agentes de ordem espiritual, a questão da paz e da guerra tem de ser preliminarmente abordada do ponto de vista da analyse do determinismo dos conflictos armados. As causas da guerra apontadas pelos historiadores como explicações das innumeraveis luctas que accidentam o desenvolvimento da humanidade podem ser reduzidas todas á influencia exclusiva do factor economico. As guerras de prestigio, os conflictos precipitados pela deflagração de paixões excitadas por um incidente internacional, apresentam-se sob o aspecto de inconfundiveis choques de interesses economicos, desde que passemos da apreciação superficial das circumstancias do rompimento á pesquisa das causas profundas que anteriormente prepararam o ambiente propicio á conflagração. Mesmo entre os povos ainda em estado de barbaria e até no caso das tribus ainda mergulhadas em pleno selvagismo, os conflictos têm sempre a sua

origem na ambição de conquista de terras mais férteis ou no caso dos selvagens em antagonismos derivados do exercício da caça em zonas procuradas de preferência pelos grupos hostis. Mas quando se passa a um nível superior de desenvolvimento, o caracter economico do determinismo da guerra apparece com evidencia, que só permite a illusão aos que se acham ainda influenciados por preconceitos crystallizados através de uma erronea interpretação dos phenomenos historicos.

Tratando-se de nações civilizadas, a possibilidade de uma guerra por motivos alheios á influencia dos factos economicos é simplesmente inconcebivel. Sómente quando entre duas ou mais nações existem difficuldades mais ou menos irreductiveis creatas pela opposição dos interesses, um incidente internacional pôde assumir proporções capazes de precipitar uma guerra. O "casus belli" quando não seja o pretexto aproveitado intencionalmente pela diplomacia para um rompimento que se lhe afigura opportuno, é o episodio fortuito que inflamma paixões, cuja tensão potencial fôra gradualmente augmentada pelos antagonismos economicos, até atingir o ponto perigoso no qual facilmente se transforma em acção bellica actual.

Um golpe de vista sobre a situação internacional que ora se nos depara permite-nos adquirir a convicção do determinismo essencialmente economico das difficuldades que ameaçam a paz. A guerra de 1914 que a propaganda tendenciosa dos belligerantes incorporados na colligação anti-germanica procurou apresentar aos neu-

tros incautos como um choque entre ideaes oppostos de civilização, foi um conflicto cujas origens economicas só não se tornaram perceptíveis aos que obstinadamente se recusaram a examinal-as com alguma serenidade. O sentimento francez de aneia por uma desiorra dos revezes de 1870 e das mutilações territoriaes impostas pela paz de Francfort, se teria dissipado se as provincias perdidas não representassem um elemento economico, cuja falta veiu a pesar de modo profundamente prejudicial á expansão da industria metallurgica da França. Um retrospecto de certos factos mostra não ser leviana a nossa proposição. Dois decennios após o desastre de 1870, a idéa da revanche começou a perder rapidamente o seu character obsedante sobre o espirito francez, inclinando-se as novas gerações para uma attitude que se não era ainda de reconciliação com a Allemânia, preanciava contudo a possibilidade de um entendimento cordial entre as duas nações em futuro relativamente proximo. A cooperação franco-russo-allema em 1894 a proposito do conflicto sino-japonez, deu bem claramente a medida da approximação gradual entre os dois inimigos ainda separados por tão amargas recordações. Entretanto, mais ou menos nessa epoca começa a accentuar-se o rythmo de expansão da economia allema. As industrias nascidas no Reich á sombra do proteccionismo bismarckiano haviam, ao cabo de uns vinte annos, chegado ao nivel de desenvolvimento accelerado, em que as mecanofacturas allemaes entravam no campo da concorrência mundial, começando a ameaçar

a supremacia commercial ingleza. Patenteava-se então que os vencedores de 1870 iriam adquirir pela riqueza uma potencia no continente europeu, que reduziria a França a inevitavel subalternidade. Todo esse poderio que rapidamente se edificava baseava-se na siderurgia. A França sentia que, pela deficiencia da sua industria pesada em relação á Inglaterra e á Allemanha, estava ameaçada de um declinio economicoy com todos os seus corollarios politicos e culturaes. E comprehendeu tambem que, possuidora dos campos carboniferos da sua região septentrional, ella se achava comtudo manietada no seu surto metallurgico pela perda das jazidas de ferro da Alsacia e da Lorena, vendo-se a sua siderurgia na contingencia de entrar em accordo com os seus rivaes do outro lado da fronteira para o supprimento de minerio. Desse momento data o resurgimento do espirito de hostilidade e o revigoroamento progressivo da aspiração de reconquistar as provincias perdidas.

O antagonismo da Inglaterra e da Russia á Allemanha era de character economico ainda mais transparente. A rivalidade anglo-allema, que até o inicio do reinado de Guilherme II tinha o character de extrema improbabilidade, expressa na phrase de Bismarck sobre uma lucta impossivel entre o elephante e a baleia, decorreu pura e simplesmente de uma situação economica originada em grande parte no progresso da technica da construcção naval. A supremacia commercial da Inglaterra desde o inicio da navegação a vapor, baseava-se principalmente na posse de quasi todas as estações de

carvoagem espalhadas pelos mares do globo. Os navios mercantes britannicos tinham, devido a essa circumstancia e tambem á produçãõ carbonifera ingleza, uma vantagem que lhes proporcionava meios de competir esmagadoramente nos fretes com os rivaes que arvoravam outras bandeiras. A construcção de unidades de maior tonelagem com capacidade de carvoeiras assegurando um raio de acção muito mais amplo, permittiu aos allemães expandirem a sua marinha mercante independentemente das estações de carvoagem, em que até então a Inglaterra cobrava dos seus competidores o tributo que repercutia na majoração forçada dos fretes. O desenvolvimento de um systema bancario altamente efficiente e intelligentemente combinado com as industrias e o commercio, trouxe o outro factor da temibilidade da concorrência allemã que, a partir de 1904, leva a diplomacia ingleza a organizar a politica das ententes.

Egualmente evidente foi o papel do factor economico na hostilidade surgida entre a Russia e a Alemanha a partir dos primeiros annos do seculo actual. Motivos politicos e antecedentes historicos multiplos que approximavam entre si o imperio moscovita e a monarchia prussiana, consolidaram-se no periodo da unificação allemã na quasi alliança firmada por Bismarck entre Berlim e S. Petersburgo. Incidentes occasionaes, como o da intervençãõ de Alexandre II ao lado da França, ao delinear-se em 1875 uma possibilidade de novo rompimento entre os dois inimigos da vespera, nenhuma influencia profunda exerceram sobre a amizade entre as

duas chancellarias, cujos pontos de vista sempre acabavam por harmonizar-se, como aconteceu nitidamente no Congresso de Berlim. Essa situação de cordialidade russo-allema começou a modificar-se rapidamente a partir da ultima decada do seculo passado. A causa de semelhante alteração do ambiente em que se processavam as relações das duas potencias, não foi de modo algum a retirada de Bismarck da chancellaria. Guilherme II cuja influencia passou a ser decisiva nos annos que se seguiram á demissão do grande chancelier, era profundamente russophilo e não professava com menos ardor que o seu mestre a fé na idéa da liga dos tres imperadores, que a seu vêr constituia a base de uma defesa da ordem conservadora, que tinha por expoentes maximos os Hohenzollern, os Habsburg e os Romanov. Exclusivamente economicas foram as origens do dissidio russo-allemao.

Sob a inspiração do conde de Witte a Russia, a partir dos ultimos annos do reinado de Alexandre III, lançou-se na execução de um grande plano financeiro-economico, cujos effeitos se fizeram sentir por forma decisiva e de enorme alcance tanto no desenvolvimento da sua politica interna, como nas suas relações internacionaes. Witte concebeu a idéa da conversão monetaria estabelecendo o padrão ouro e promovendo ao mesmo tempo, como corollario dessa politica, a importação accelerada de vasta massa de capitães estrangeiros, destinados principalmente a propellir o surto das industrias mecanofactureiras. Esse affluxo de capitães á

Rússia determinou dois effectos convergentes no sentido de perturbar a cordialidade das suas relações com a Alemanha. O mercado monetario a que Witte tinha de recorrer era exclusivamente o francez, porque, dada a rivalidade dos interesses inglezes e russos na Asia, a City encarava os emprestimos do imperio do tzar com muito má vontade. Naquelle epoca, fóra de Londres sómente em Paris era possível fazer grandes operações de credito. A diplomacia franceza comprehendeu ser azado o momento para tirar partido da politica financeiro-economica da Rússia, a fim de conquistar um poderoso alliado e fazer assim sahir a França do isolamento em que vivia desde 1870 e que se tornára mais tarde extremamente melindroso deante da organização da Triplice Alliança e do avivamento da concorrência colonial anglo-franceza na Africa Oriental.

Para obter o ouro que desejava, a Rússia teve de submeter-se á acceitação da Alliança Dual que, sob o ponto de vista politico e militar, lhe apresentava grandes desvantagens naquelle momento, quando preocupada em expandir-se para o Extremo-Oriente tinha mais que nunca interesse em evitar a ameaça da hostilidade allemã na sua fronteira occidental. Alem desse effecto politico immediato, o desenvolvimento economico da Rússia iniciado pela politica do conde de Witte teve outras consequencias, que reforçaram pouco a pouco os factores determinantes de um conflicto russo-allemão. A perspectiva da industrialização da Rússia esboçou ás industrias allemãs o quadro pouco tranquillizador da futura

diminuição das vendas no magnifico mercado que lhes offercia o grande imperio vizinho. Por outro lado, a incentivação das forças economicas russas fez com que surgissem perspectivas novas de expansão, implicando em problemas até então alheios aos objectivos da politica externa do governo czarista. Duas questões desse genero avultaram desde logo nas preoccupações da chancellaria de S. Petersburgo. Uma dellas era o receio de que a projecção germanica para o Oriente, concretizada na influencia da diplomacia da Wilhelmstrasse sobre a Turquia e no projecto nunca de todo abandonado da estrada de ferro de Bagdad, viesse a fechar á Russia as possibilidades commerciaes na Persia e nas regiões da Asia Menor. Além disso, o desenvolvimento mecano-factoryiro do imperio, envolvendo a sua ulterior expansão commercial, exigia que se attendesse ao caso de portos accessiveis durante todo o inverno, que a Russia até então não possuia, vendo-se coagida a fazer durante aquella estação todo o seu commercio maritimo por Libau e Riga, insufficientes em capacidade portuaria para as necessidades previsiveis de uma exportação da região baltica mais intensa no futuro. A aquisição de outros portos á custa da Alemanha e o combate á influencia desta na Asia occidental, foram determinantes da politica que levou a Russia a encerrar os seus antagonismos com a Inglaterra pelo accordo de 31 de Agosto de 1907, reconhecendo-lhe uma esphera de influencia no norte da Persia, e a lançar-se em seguida no grupo da Entente.

*
* * *

Desde a paz de Versalhes, a influencia incontrastavel do factor economico na orientação das relações internacionaes tornou-se ainda mais evidente. Os successivos episodios encadeados no penoso desenvolvimento do caso das reparações, com o plano Dawes e depois com o plano Young e as suas consequencias no accordo de Haya, na conferencia de Baden-Baden e fundação do Banco de Ajustes, deixaram patente o terreno exclusivamente economico em que passavam a realizar-se as manobras da diplomacia do após-guerra. A criação de novos Estados independentes com a multiplicação das barreiras aduaneiras dali decorrente, accentuou ainda mais as opposições de interesses materiaes, imprimindo á politica da Europa caracter que, embora não divergisse essencialmente do apresentado pelas situações verificadas em periodos anteriores, permittia contudo a percepção mais facil dos objectivos exclusivamente economicos do jogo em que se empenhavam as differentes chancellarias.

Ao lado da questão aduaneira, o problema monetario veio desde os primeiros dias do após-guerra reforçar o cunho economico das relações internacionaes. Definiram-se logo os interesses antagonicos das nações credoras e dos Estados devedores. As primeiras capitaneadas pela Inglaterra, anciosa pela reconquista da he-

gemonia financeira que se deslocara para os Estados Unidos, impuzeram o seu ponto de vista na conferencia de Genova, em 1922, iniciando-se assim a politica da revalorização e da estabilização das moedas, afim de assegurar-se o restabelecimento do padrão-ouro na Europa.

A lucta economica prosegue, entretanto, sob os auspícios da Liga das Nações com o alvo bem claro de reduzir a potencia industrial da Alemanha pela incorporação á Polonia da região carbonifera da Silesia, bem como do parque mecanofactory ali existente. Toda a reacção do sentimento allemão contra o regimen que lhe foi imposto pelo Tratado de Versalhes obedece pura e simplesmente a preoccupações de ordem economica, sendo os seus aspectos politicos mera forma de disfarce do desejo profundo que trabalha a nação allemã no sentido da reconquista dos territorios, cuja mutilação reduziu tão sensivelmente o potencial economico do Reich. A perda das jazidas de ferro da Alsacia e da Lorena e dos campos carboniferos da Silesia com a privação que talvez não seja apenas temporaria da região hullaifera do Saar, conjunctamente com o sacrificio das fontes de materias primas contidas nas colonias a que teve de renunciar, representa uma situação de inferioridade economica explicativa da actual attitude do povo allemão, abdicando todas as suas liberdades nas mãos do dictador nazista em troca da esperanza de uma restituição dos elementos de grandeza material de que o Reich foi despojado pelos vencedores de 1918.

Debalde Hitler e os seus porta-vozes dirão que as aspirações da Alemanha no tocante a interesses concretos se reduzem á reintegração do territorio do Saar. Os vizinhos do Reich e com elles o resto do mundo civilizado sabem muito bem que outras e mais vastas são as reivindicações, cuja perspectiva ora mobiliza as energias bellicosas da Alemanha e inspira as attitudes dos seus actuaes governantes.



Reduzido a funcção das rivalidades economicas, o problema da paz e da guerra, sem deixar de apresentar enormes e evidentes difficuldades, assume contudo o aspecto de uma questão accessivel aos methodos praticos de uma politica internacional intelligente e realistica. Dois caminhos deparam-se-nos como possiveis roteiros para levar-nos á desejada estabilização da paz. Um delles e obviamente o preferivel seria a coordenação global dos interesses economicos de todos os povos civilizados em um systema de economia ecumenica, no qual acima das soberanias politicas dos Estados existisse uma forma qualquer de organização mundial, regularizando em beneficio de todos e em proveito de cada um tambem o mecanismo da produção e a machinaria do commercio e da finança internacionaes.

A Conferencia Economica e Monetaria reunida em Londres em 1933 foi um esforço orientado pela idéa de dar á solução do problema economico, que tem forço-

samente de constituir preliminar insubstituível a uma organização estável da paz, o encaminhamento inspirado pela idéa da systematização dos interesses em linhas mundiaes. A grande assembléa internacional não foi por certo tão inútil como o pretende a maioria dos seus criticos. Serviu para um esclarecimento de incalculavel alcance do terreno internacional e este resultado basta para justificar-a. Mas da definição de posições a que alludimos, decorre a prova dos obstaculos que ainda se oppõem a uma acção conjuncta do mundo civilizado, para encerrar a anarchia economica precipitada pela guerra. Os interesses materiaes em jogo não constituem as unicas difficuldades a serem vencidas. Póde-se mesmo dizer que elles representam apenas uma parte e a menos importante dos entraves a uma solução nos moldes da que se projectou com a conferencia de Londres.

A principal difficuldade á reconstrucção da economia mundial, segundo as linhas de um plano ecumenico, consiste na acção retrograda dos nacionalismos ainda muito exacerbados e na hora actual consideravelmente aggravados na sua actuação malefica pela attitude das duas nações, que neste momento se acham empolgadas pelo militarismo: — o Japão e a Allemanha. A recrudescencia do velho espirito militar que se ia attenuando um pouco no formidavel imperio insular do Extremo-Oriente e a reconquista da Allemanha pelo junkerismo através da dictadura nazista, têm fatalmente de repercutir nas outras nações, dando novo alento ao nacionalismo gerado

pela guerra e entretido depois da paz de Versalhes pelo marcialismo dos novos Estados surgidos em 1919. Em taes circumstancias, o problema da defesa da paz pela organização racional dos interesses economicos difficilmente será resolvido segundo um plano de accordo geral do mundo civilizado.

Parece assim que outro alvitre deverá ser adoptado. Menos satisfatorio em principio e correspondendo muito menos aos interesses superiores das nações, um plano de combinação restricto aos Estados que se acham dispostos a abandonar a velha e ruinosa idéa de defender os interesses economicos por meio de aventuras guerreiras, conseguirá, serão assegurar uma paz permanente, pelo menos proteger a civilização do retrocesso com que a ameaçam os nacionalismos guerreiros do typo agora nitidamente representado pelas situações dominantes no Japão e na Allemanha.

A politica da paz, isto é, a politica da defesa dos interesses economicos por meios tambem economicos e não pelo emprego da força militar, é hoje representada por quatro grandes potencias: o Imperio Britannico, os Estados Unidos, a Russia e a França. Nenhum estudioso da situação internacional pôde entreter o minimo temor de que qualquer daquellas quatro grandes potencias recorra hoje á guerra, senão para fazer face a uma aggressão actual ou imminente das duas nações, que infelizmente contradictam tão violentamente o sentido da civilização contemporanea, retrocedendo para o meridiano historico do militarismo. O reconhecimento da

União Sovietica pelos Estados Unidos remove o obstaculo politico a um reajustamento dos interesses economicos de forças representativas de cerca de tres quartos pelo menos das energias economicas mundiaes. A incorporação da America Latina a esse bloco das potencias pacificas e a adhesão inevitavel da Italia, que não poderia sobreviver fóra de tal combinação sem entregar-se em attitude de verdadeiro suicidio á dictadura allemã, reforçaria o vasto systema que pela incorporação da Polonia, da Tcheco-Slovaquia, dos Estados Balcnicos e Balticos e provavelmente tambem dos Scandinavos viria a tornar-se a liga mundial da paz, á qual não faltaria ainda o concurso da China e deante da qual o Japão e a Alemanha ver-se-iam afinal obrigados a renunciar aos seus sonhos de retardatario militarismo, de conquistas territoriaes e de reivindicações guerreiras.



As considerações que formulámos põem em destaque um aspecto muito importante do problema da paz e da guerra, em torno do qual os pacifistas sentimentaes insistem em manter lastimavel confusão. Por mais necessaria que seja a redução do oppressivo fardo armamentista, é impossivel conceber-se, por emquanto pelo menos, um plano efficaz de manutenção da paz sem apoiá-lo em uma organização bellica dos Estados pacificos. A unica base segura da paz internacional no

actual momento historico é a força militar e naval das nações, que pelo progresso cultural das suas elites chegaram á convicção de que os respectivos interesses economicos exigem que se evite a guerra a todo o transe. Neste caso, como vimos, acham-se a Inglaterra e as nações da Commonwealth Britannica, os Estados Unidos, a Russia e a França. Infelizmente a esse grupo oppõem-se ainda dois formidaveis Estados de grande população e nos quaes o feudalismo militarista, que parecia completamente exaustio ao findar-se a grande guerra, resurge em uma reacção sem duvida ephemera, mas capaz de precipitar uma conflagração, cujo epilogo seria talvez o colapso da estructura da civilização universal.

De outro ponto de vista tem de ser encarada a questão da redução dos armamentos. Estes representam sob o aspecto financeiro um factor de chronico desequilibrio orçamentario para as nações pacificas, que se vêm ainda impedidas de applicar em obras uteis e de proveito humano recursos vorazmente absorvidos pelos exercitos e marinhas. Uma vez organizado o systema internacional das nações pacificas, os effectivos militares e navaes de cada uma dellas poderiam sem risco ser reduzidos ao nivel em que o conjuncto de elementos bellicos reunidos pela Liga fosse sufficiente para conferir a esta uma margem de esmagadora superioridade sobre as forças dos Estados que não se querem submeter ao rythmo da civilização.



A organização da paz presuppõe a existencia de um instrumento super-nacional, cuja autoridade represente o sacrificio espontaneo de uma parcella pelo menos da soberania das nações nelle incorporadas em proveito da realização de objectivos superiores ás finalidades-restrictas das entidades nacionaes. Entre o nacionalismo absoluto e a idéa de uma paz internacional permanente ha irreductivel contradicção. Enquanto o conceito da nacionalidade predominar com o sentido de isolamento dos grupos nacionaes, cujo ideal é bastarem-se a si próprios material e culturalmente, a guerra estará na logica da situação assim creada e a paz será apenas uma phase de latencia da belligerancia, de conflicto na esphera economica durante o tempo em que as nações rivaes se preparam para luctas armadas.

Desde epochas remotas, todos os pensadores politicos que têm cogitado de estabelecer uma paz definitiva entre os Estados, reconheceram a imprescindivel necessidade de organizar-se uma forma qualquer de amphictionia, na qual os particularismos nacionaes se integrassem em uma especie de consciencia super-nacional, que sómente pôde assegurar a abolição da guerra. A ultima tentativa desse genero, cujo exito se acha visivelmente compromettido de maneira a justificar a perda de qualquer esperanza na realização do objectivo visado, foi o plano

de Woodrow Wilson, concretizado na Liga das Nações. O insucesso do instituto de Genebra, que tem dado lugar a tantos commentarios em geral inspirados pelo scepticismo acerca da possibilidade da organização efficiente de um systema politico internacional, não resultou, entretanto, de defeitos intrinsecos do Pacto fundamental que deu forma á Sociedade das Nações, mas decorreu apenas da ambiencia impropria em que surgiu a obra wilsoniana.

Longe de servir de argumento demonstrativo da inviabilidade de uma organização super-nacional dos Estados, a historia melancolica da Liga das Nações encerra a prova de achar-se preparada a humanidade civilizada para uma organização como a que foi suggerida aos belligerantes da grande guerra pe'o idealismo de Wilson. Seria impossivel imaginar-se circumstancias mais desfavoraveis ao desenvolvimento normal da Sociedade das Nações, que as determinadas pelos tratados de paz simultaneamente firmados com o Pacto organico daquela instituição.

Nada caracteriza mais significativamente a confusão perturbadora de idéas e tendencias contradictorias que se esturaram na Conferencia de Versalhes, dando lugar á mais perturbadora porroca diplomatica de todos os tempos, que terein surgido da mesma gestação cousas tão antagonicas como o Covenant da Liga das Nações e o tratado de paz imposto á Alemanha pelos aliados vencedores. O plano de que a Liga foi a expressão concreta, evidentemente só podia ter viabilidade em uma

ambiencia internacional diametralmente opposta á que o Tratado de Versalhes creou na Europa e de certo modo em todo o mundo. A base logica de uma organização dos Estados para a solução em commum dos problemas de ordem universal, entre os quaes primava a consolidação de uma paz permanente, era forçosamente a idéa de que a experiencia do conflicto mal terminado demonstrara ser a guerra um expediente absurdo e contraproducente para a solução de disputas internacionaes. Como corollario dessa idéa primacial vinha logo a noção da necessidade de submeter os particularismos nacionalistas ao rythmo de um pensamento mais alto e mais geral de coordenação dos interesses das nações. Aliás, esse é o principio sobre o qual assenta toda a estructura do instituto de Genebra e delle promanam tambem as directrizes traçadas pelo Covenant para o seu desenvolvimento e actuação. Entretanto, o Tratado de Versalhes e os que sobre elle foram calcados no reatamento de relações entre outros belligerantes estabeleceram situações internacionaes e formaram uma atmospheria moral radicalmente oppostas a qualquer idéa de disciplina das afirmações excessivas do nacionalismo.

O principio das nacionalidades, proclamado pela Inglaterra nos primeiros dias da guerra e mais tarde adoptado por Wilson como formula de pacificação, nada tinha de incompativel com a organização efficiente de uma sociedade internacional. Longe d'isso, o desenvolvimento de uma nitida consciencia nacional e a realização

das aspirações que ella implicava no problema especial de cada um dos grupos nacionaes ou ethnicos envolvidos no conflicto, constituia condição propicia ao successo de qualquer orgão como a Liga das Nações. O que os tratados de paz fizeram foi em parte o desvirtuamento do principio das nacionalidades pelo estímulo a desmedidos nacionalismos que elle não implicava e tambem a violação flagrante daquelle principio pela distribuição territorial, em muitos casos realizada com a mais brutal infracção do conceito auto-determinativo dos destinos dos grupos nacionaes. Assim, o desvirtuamento e a violação do principio das nacionalidades solaparam nos proprios alicerces a estructura malfadada da instituição imaginada por Wilson. Como era natural e inevitavel mesmo, a Liga fundada em terreno tão inadequado veiu a corromper-se progressivamente no seu funcionamento. Durante os seis primeiros annos de existencia, o instituto de Genebra não foi mais que o liquidante da guerra, não como pacificador, mas como executor antipathico das clausulas mais infelizes dos tratados de 1919. E quando em fins de 1925, os accordos de Locarno começaram a alterar a situação intoleravel de oppressão dos vencidos, a Liga já se achava por tal forma compromettida e desprestigiada que bem se podia prevêr a decadencia, cujo epilogo viria annos mais tarde com a retirada do Japão e depois com o golpe dramatico de Hitler.



A Sociedade das Nações se não está morta, acha-se incontestavelmente em agonia. Não se deve depositar esperanças no milagre de uma resurreição e é muito duvidoso que haja vantagem em aproveitar cadáveres como matéria prima para a criação de novos organismos. Contudo, se a Liga está morta, a salvação do mundo civilizado exige que sem perda de tempo surja outro plano pratico para a construção de uma nova amphictionia mundial. Se nenhum espirito medianamente lucido pôde duvidar de que uma guerra com a extensão do conflicto de 1914 torne extremamente provavel o collapse da civilização, não é tambem possível a qualquer observador da marcha da politica internacional entreter esperanças da manutenção da paz no actual regimen de incoordenação diplomatica, no qual cada chancellaria actua isoladamente, dando logar a uma situação confusa e perturbadora, como não ha exemplo na historia do Occidente desde o fim da Guerra dos Trinta Anos. Entre a paz de Westphalia e o encerramento das luctas napoleonicas no Congresso de Vienna, a politica da Europa obedeceu a um systema de combinações dynasticas que, sem evitar as guerras, impedia contudo que ellas tomassem a forma anarchizante de verdadeiro pandemonio. Desde 1815 se organiza uma ordem internacional, cuja efficacia ficou patente pelo

exito com que foram restrictas as areas de conflagração por occasião das guerras que, a partir de 1853, occorrem de novo envolvendo grandes potencias. A obra do Congresso de Vienna ruiu em 1914 e teria sido substituida com enorme vantagem pela amphicionia wilsoniana, se esta não houvesse recebido ao nascer o golpe mortal a que acima alludimos.

Actualmente assistimos a um retrocesso diplomatico caracterizado pelo isolamento dos Estados, cujas relações de uns com os outros não obedecem a nenhum criterio systematico e não são orientadas por objectivos claramente determinados. Este ultimo aspecto da situação internacional torna possiveis as maiores surpresas e abre perspectivas intranquillizadoras em todos os sentidos. Um dos effeitos da reconstrucção internacional realizada em Versalhes sob a influencia de paixões nacionalistas e de injunções dos technicos militares dos vencedores foi tornar extremamente difficil a determinação exacta dos interesses de cada potencia. Outrora, os problemas que se apresentavam á diplomacia de cada Estado tinham o caracter de questões nítidas e inconfundiveis. Tratava-se de saber com que meios seriam atingidos determinados objectivos, mas estes eram perfeitamente conhecidos. Cada chancellaria podia prevêr as consequencias de certas alterações do "statu quo". Agora taes previsões estão sujeitas a reservas taes que, abstrahindo mesmo dos effeitos de ordem geral de uma guerra, nenhum governo pôde ter segurança na escolha da concha da balança em que lhe

convem collocar os seus elementos de força. E se é indiscutível que dali resulta uma perplexidade até certo ponto favorável á paz, por outro lado é evidente que qualquer rompimento do equilibrio pôde dar logar a situações complicadas e mesmo chaoticas, como não as conheceu o mundo durante os ultimos seculos.

A organização de uma ordem internacional é em taes circumstancias um caso de decisiva relevancia sob o ponto de vista da propria sobrevivencia da civilização. As bases desse systema cuja urgencia é axiomatica, não podem ser outras senão as do ajustamento dos interesses economicos das differentes nações. E como esses interesses são por tal forma complexos que a sua immediata coordenação mundial é inexequivel, impõe-se logicamente uma combinação parcial dos Estados onde existe uma consciencia mais clara de taes interesses e que, felizmente, são exactamente aquelles que dispõem de sufficientes elementos de força para garantirem a paz e tornarem-se o nucleo de ulterior associação de todas as nações.

Um movimento nesse sentido chegou a esboçar-se em principios do anno passado, quando a convocação da conferencia de Londres despertou esperanças de um reajustamento economico, a que logicamente se seguiria qualquer forma de entendimento sobre as medidas para a consolidação da paz, entre as quaes o desarmamento occupava logar de maior destaque. Infelizmente aquella conferencia redundou em completo insuccesso, cabendo indiscutivelmente ao presidente Roosevelt a maior res-

ponsabilidade por tão lastimavel epilogo. Sem duvida, o actual chefe do executivo americano não é insensivel ao alcance das questões economicas e politicas, cuja solução tem de começar por um accordo relativo aos problemas da primeira categoria. Mas o sr. Roosevelt, embora não seja influenciado por um extremo nacionalismo economico, está convencido da possibilidade da crise actual vir a ser subjugada por meio de medidas tomadas isoladamente pelas differentes potencias mais directamente interessadas na situação mundial. A sua formula de pôr primeiro em ordem a economia americana, afim de que os Estados Unidos ficassem preparados para collaborar depois na solução do problema economico mundial, envolve uma illusão surprehendente por parte de um estadista tão lucido e sagaz. O vulto da apparelhagem economica da grande republica parece ter dado ao sr. Roosevelt a esperança de que os Estados Unidos poderiam constituir neste momento um mundo á parte e salvarem-se isoladamente no meio da decadencia e da inquietação dos outros povos. Entretanto, é exactamente a grandeza das proporções attingidas pela organização economica dos Estados Unidos, que os inhibe de levar a bom termo qualquer plano de convalescença e reerguimento calcado em linhas estritamente nacionaes.

Abstrahindo dos processos a que tem recorrido o actual presidente americano e contra os quaes se forma uma corrente cada vez mais poderosa de opinião, a tentativa em que se empenhou com esforço herculeo o sr. Roose-

velt terá forçosamente de fracassar em consequência do vicio orginario impresso pelo estreito nacionalismo economico em que ella se basea. A economia americana não pôde retornar a uma situação normal, enquanto a convalescença simultanea do resto do mundo não permittir o augmento do poder acquisitivo dos mercados, onde a exportação dos Estados Unidos tem de buscar o seu escoadouro. E sob o ponto de vista especial que nos interessa neste ensaio, a aventura a que se lançou o presidente Roosevelt depara-se-nos como um movimento retrogrado, cujos effeitos reagem desfavoravelmente sobre o progresso de uma politica racional e pratica de consolidação definitiva da paz. Aliás, é facil verificar-se que desde o inicio daquella politica se têm multiplicado os symptomas de recrudescencia de uma inquietação internacional, visivelmente reflectida em mais accentuadas preoccupações armamentistas. O problema da paz depende da solução preliminar das contradicções de interesses que se manifestam na esphera economica e enquanto os Estados Unidos não abandonarem a posição de isolamento adoptada pelo presidente Roosevelt e incompativel com as actuaes condições do mundo, o trabalho dos que têm procurado crear barreiras contra a guerra ficará interrompido á espera da imprescindivel collaboração da republica americana.

v

REALIDADE E FICÇÃO
NA CRISE BRASILEIRA

PASSADOS quatro annos do episodio revolucionario que, subvertendo as instituições republicanas como as haviam organizado os legisladores constituintes de 1891, imprimiu á sociedade brasileira alterações de physionomia e de orientação, cujo alcance ainda é impossivel determinar, já se torna opportuno aproveitar a perspectiva offerecida por aquelle lapso de tempo para uma analyse do acontecimento, das suas origens e dos seus mais provaveis effeitos. Em 1930, a grande maioria dos que representam na população brasileira elementos capazes de apreciação consciente das situações politicas e da marcha da vida nacional, entretinha absoluta convicção da necessidade de uma transformação radical dos methodos de governo e da atmospherá moral em que se dirigiam os negocios publicos. Semelhante opinião formara-se através de um longo processo de catechese opposicionista feita inicialmente na imprensa, mas depois desenvolvida por multiplos agentes deliberados ou involuntarios da propaganda, que pouco a pouco tomara um feitiço nitidamente revolucionario. Por certo, os partidarios de uma revolução no sentido vulgar da palavra não constituíam mais que minoria relativamente

pequena. Mas o tom geral da opinião publica implicitamente se conformava com a idéa da revolução armada, tão enraizado se achava em todas as camadas sociaes o sentimento de que as cousas não podiam continuar por muito mais tempo no rumo pelo qual todos acreditavam o paiz iria acabar desastrosamente.

A verdade objectiva do quadro ahí esboçado difficilmente poderá ser contestada ou se quer discutida. Entretanto, o analysta da actual crise brasileira deve encarar como parte preliminar do seu inquerito o exame do valor intrinseco da attitude assumida pela maioria dos brasileiros ao tempo em que a revolução sobreveiu, avançando, por assim dizer, ao encontro do que parecia uma aspiração nacional. O estudo das questões que se encadeiam em torno desse ponto não offerece apenas o interesse de uma contribuição para a futura historia dos dias actuaes. Por meio d'elle conseguiremos chegar á interpretação do que ha de mais essencial nos acontecimentos dos ultimos quatro annos.

O descontentamento que pouco a pouco se generalizou contra a primeira Republica e sobretudo contra os seus homens representativos, impressiona logo pela desproporção entre o seu vulto e intensidade e os aspectos da situação real do paiz, revelados através do exame desapassionado de elementos positivos, inclusive dos dados estatisticos concernentes á evolução da sua economia durante os quatro decennios do regimen decahido. Quem auscultasse o sentimento publico nos annos que precederam o collapso da antiga ordem politica, teria a im-

pressão de que a vida no Brasil se tornara verdadeiramente infernal e que o paiz em todas as manifestações da actividade collectiva apresentava *symptomas* alarmantes de decadencia e de proxima ruina. Entretanto, é impossivel analysar a vida brasileira por qualquer prisma através do qual a encaremos no cyclo demarcado nos seus extremos pelas duas insurreições militares de 1889 e de 1930, sem chegar á conclusão de não serem muitos os exemplos de um progresso global tão consideravel e tão multiforme, como o que realizámos nesses quarenta e um annos de experiencia da democracia republicana.

Economicamente, temos a registrar um augmento apreciavel da renda nacional demonstrado á evidencia pelas estatisticas, contra as quaes debalde pôde investir a subtiliza argumentativa dos pessimistas de boa fé ou dos criticos tendenciosos. O volume da producção cresceu em cifras impressionantes; os methodos de trabalho foram aperfeçoados embora em escala muito menor que seria desejavel. Não conseguimos emancipar-nos do regimen da monocultura e não é difficil encontrar explicação para o facto de que aliás se nos deparam exemplos paralelos em quasi todos os paizes comparaveis sob o ponto de vista economico ao nosso. Mas mesmo nesse sentido houve um progresso muito *sensitive* e que pôde ser demonstrado pelo simples exame das nossas aliás tão defeituosas e deficientes estatisticas. Alem disso, a economia brasileira evoluiu para actividades mais complexas com o surto de uma industria

mecanofactoryeira, da qual sómente um ramo, a fiação e tecelagem do algodão, attingiu desenvolvimento tal, que veio occupar na produção nacional logar apenas excedido em vulto pelo café. Não nos desviaremos do nosso objectivo, para enfrentar aqui os argumentos dos adversarios das industrias nacionaes. As vantagens da industrialização no sentido de elevar o nivel economico de uma collectividade, mesmo quando esta é preponderantemente agricola, estão hoje por tal forma verificadas e demonstradas pelos mais autorizados economistas contemporaneos, que o simples facto de haver-se formado no Brasil uma industria capaz de supprir mais de 25 % dos artigos mecanofactoryurados que consumimos, basta para apoiar a these aqui sustentada com a affirmação de termos progredido muito consideravelmente no periodo em apreço.

Outras manifestações dessa expansão economica e nas quaes se reflecte tambem o progresso social e cultural da nacionalidade, estão igualmente patentes. A rede ferroviaria triplicou em extensão, linhas telegraphicas passaram a estabelecer contacto com os pontos mais remotos do territorio e systemas telephonicos de grande distancia vieram assegurar communicações entre localidades muito afastadas umas das outras, collocando-nos sob este ponto de vista em pé de egualdade com paizes de adeantamento geral muito superior ao nosso.

Culturalmente a nação se adeantara em escala menor por certo que no tocante ao progresso material, mas

ainda assim de modo bastante consideravel. Se é verdade que a educação popular não se estendera por forma a reduzir apreciavelmente a percentagem esmagadora dos analfabetos, a cultura da classe superior da população passou durante o período da primeira Republica a apresentar uma physionomia nova, despertando tendencias de natureza muito mais consentanea com os interesses vitaes da nacionalidade. O Imperio continuando as tradições culturais formadas em torno da mentalidade estreita que a famosa universidade metropolitana entretinha na elite portugueza, imprimiu aos nossos methodos educativos o cunho de um belletrismo superficial, que nos viciou lamentavelmente ao ponto de crear uma confusão perturbadora entre authenticos valores intellectuaes e meras expressões de vazio verbalismo rhetorico. Sómente na penultima década do regimen imperial encontra-se no sector cultural uma iniciativa inspirada pela preocupação de dar á obra educativa um sentido dictado pelo pensamento de harmonizar a cultura nacional com os problemas que o paiz tinha a resolver. A transformação da antiga Escola Central em Escola Polytechnica, devida á clarividencia do primeiro Rio Branco, foi esse gesto reformador que marca na historia da nossa cultura o primeiro passo para a emancipação da intelligencia brasileira do circulo acanhado e oppressivo de um literatismo esteril e de um theorismo prematuro e através do qual se reflectia o prurido de uma ligeira cultura livresca e não

as ancias profundas e nobres da pesquisa do conhecimento e das grandes generalizações philosophicas.

O regimen destruido em 1930 tem no seu activo a realização de uma obra educativa que, tendo infelizmente falhado pelo desvirtuamento dos seus alicerces representados pelo ensino secundario, foi entretanto capaz de exercer na mentalidade das novas gerações a influencia salutar que lhes modificou o rumo da orientação intellectual. A principio no campo da sciencia biologica e finalmente no proprio dominio dos estudos sociais, os homens novos revelaram na comprehensão dos problemas e nos methodos applicados á sua solução indícios inequivocos de que se operara uma metamorphose, libertando o espirito brasileiro da atmospherá do belletrismo da era monarchica. As pesquisas que assignalaram o nascimento da medicina experimental no Brasil, a preocupação cada vez mais accentuada de basear em dados positivos e em informações estatisticas as considerações tecidas ao redor dos nossos problemas economicos, sociais e politicos foram outras tantas manifestações de que as nossas tendencias culturais se iam integrando nas grandes correntes do pensamento scientifico e dos methodos tecnicos.

Sob o ponto de vista politico, a opinião geral é ter sido a primeira Republica uma páase de retrocesso do ponto a que já haviamos attingido no epilogo do Imperio. Não parece haver mesmo grande divergencia de opinião sobre uma supposta decadencia politica que,

compromettendo os interesses vitaes da nacionalidade e abatendo o nivel da vida publica e amesquinhando os seus protagonistas, teria sido a razão de ser e a justificação historica do movimento revolucionario de 1930. Entretanto, mesmo neste sector das actividades collectivas o exame mais cauteloso da realidade mostra a illusão pessimista dos que acceitaram como axiomatico o retrocesso attribuido á marcha da politica brasileira.

O caso politico é sem duvida mais complexo e sobre elle não se pôde formar opinião, sem a apreciação das differentes faces pelas quaes deve ser observado. Não seria possivel que deixasse de existir algum fundamento para a idéa tão generalizada de que a nação decahira politicamente no regimen republicano. E esse elemento de verdade em tal conceito pôde ser facilmente determinado. Houve no decurso dos quatro decennios da velha Republica uma queda sensivel no que se pôde chamar a educação politica dos dirigentes do paiz. A causa de tal facto acha-se ao alcance de qualquer investigador.

*
* *

Dois factores polarizam o determinismo do abaixamento do nivel de cultura politica dos nossos governantes no periodo apontado. Tornou-se moda nos ultimos tempos, declamar contra o profissionalismo politico. Embora a tendencia já esteja em visivel afrouxa-

mento, começando a notar-se symptomas de uma reacção contra a phobia dos especialistas em questões de Estado, ainda assim não é iaopportuno lembrar que em nenhuma phase historica se fixou, como conductor de homens ou solucionador dos problemas do governo de uma nação, qualquer amator que tivesse feito da politica simples biscate para digressão dos encargos de outro officio em que se tivesse profissionalizado. Nem é difficil avaliar-se como a especialização, reconhecida como necessaria em todas as formas de actividade, é mais imprescindivel no terreno particularmente delicado e complexo da politica. E tão grande é a necessidade de apurar-se qualidades especiaes do espirito e disciplinar o temperamento para agir com destreza e efficacia nesse campo, que a experiencia historica demonstra as vantagens da propria selecção hereditaria dos homens de Estado, dando logar á formação de uma classe, em que o jogo repetido das aptidões politicas através de varias gerações acaba por crear nos individuos um automatismo, que lembra o aperfeiçoamento dos sentidos conferido ao artista pela herança de uma esthesia refinada. Estas considerações levam-nos naturalmente a encontrar o primeiro factor da inferioridade dos homens da primeira Republica, quando os comparamos com os estadistas da epoca imperial.

Sob o ponto de vista do aparelhamento mental para o exercicio das actividades politicas, as gerações da Monarchia não eram superiores ás que se moveram nas

quatro décadas republicanas. Com excepção de alguns vultos que para contal-os talvez sejam superfluos os dedos de uma das mãos, os estadistas do Imperio não escapavam ás limitações da deficiente e defeituosa cultura rhetorica da epoca. Mas a grande vantagem que elles possuíam era a tempera politica conferida a alguns pela propria hereditariedade e alcançada por outros pela formação em um ambiente saturado por aquelle espirito politico tradicional.

A Republica coincidiu com o advento de elementos sobre os quaes não se haviam exercido aquellas influencias. O facto politico da mudança das instituições em 1889 teve importancia muito insignificante no determinismo do phenomeno. Tivesse sobrevivido a Monarchia e nem por isso teria sido possível evitar-se a renovação dos quadros politicos com a substituição de homens adaptados pela herança ou pela formação ás funções do Estado por outros aos quaes faltavam taes predicados. A renovação decorreu de phenomenos economicos que se reflectiram no plano social e ulteriormente na esphera politica. Nos dois ultimos decennios do Imperio já se tornavam bem manifestos os signaes da chegada ao poder e aos postos de influencia dos portadores de uma mentalidade e de um temperamento alheios aos traços typicos do genio politico que caracteriza uma classe dirigente. E a propria queda da Monarchia resultou muito mais da dissolução interna do regimen pela acção desses elementos novos, que da investida das forças representativas da corrente republicana.

Quem estuda a historia politica do Brasil, é forçado a reconhecer um facto capital que, entretanto, sómente agora acaba de ser definido em linhas precisas e lapidares por Gilberto Freyre no seu grande livro "Casa Grande & Senzala" (1). Assignala o sociologo pernambucano a coexistencia na formação nacional de duas correntes, representativa uma do espirito nomadico, aventureiro e mercantil, cuja mobilidade expande o dominio por um vasto territorio, enquanto a outra se identifica com o sentimento de sedentariedade e enraiza a nação no solo por meio da organização agricola que tem as suas columnas mestras na casa do fazendeiro e na caserna servil, que ao lado della completa com o trabalho escravo o systema de economia estavel do paiz. Observa ainda Gilberto Freyre o predominio da segunda daquellas forças formativas nas regiões nordestinas particularmente propicias á cultura da canna de assucar, ao passo que na zona meridional e particularmente em S. Paulo parece ter sido absoluta a ascendencia da corrente caracterizada pela mobilidade. Acreditamos que nesse aspecto da nossa formação historica temos a chave interpretativa do declinio da capacidade politica dos dirigentes do Brasil no ultimo meio seculo, bem como do surto economico que é o traço desse mesmo periodo.

Seguindo a sagaz observação de Gilberto Freyre e

(1) Gilberto Freyre — "Casa Grande & Senzala." — Rio, 1934.

concordando com o seu diagnostico dos attributos peculiares das duas correntes citadas e do papel desempenhado respectivamente por ellas na genesis nacional e no ulterior desenvolvimento organico da nacionalidade, verificamos a especializaçãõ de funcções que veio a dividir os brasileiros em dois grupos mais ou menos nitidamente demarcados hoje pela distribuiçãõ geographica, que polariza a nação em norte e sul. O espirito de mobilidade, no qual Gilberto Freyre acertadamente vê a expressãõ do enorme coefficiente de sangue semitico do povo colonizador, traduz-se nas suas actividades practicas constructoras pela açãõ aventureira que elabora o commercio, crea as industrias e organiza em ultima analyse a economia publica. Esse é o genio do progresso impulsionando o desenvolvimento historico da nacionalidade através das metamorphoses successivas das formas de produçãõ, do desdobramento dos meios de transporte e da circulaçãõ dos valores. O espirito de sedentariedade encarnado na estrutura estavel da Casa Grande e na humildade melancolica da Senzala representa a determinante da fixidez nacional, da resistencia ás audacias do empreendimento e da moderaçãõ no encaminhamento da marcha politica. Não foi fortuita a figura de rhetorica com que o segundo Paulino José Soares de Souza — talvez o mais caracteristico expoente do espirito conservador do Imperio — exprimiu em um symbolo agricola o papel das forças

políticas que chefiava, ao dizer que ellas representavam no jogo da Monarchia "a junta do coice" (1).

Assim como o espirito de mobilidade é o creador do progresso economico e o estimulante das actividades culturaes cujo surto depende da ambiencia que sómente a riqueza forma nas sociedades, o espirito de sedentariedade é o organizador da disciplina social e politica e do meio onde elle impera é que sahem os individuos dotados de mentalidade e temperamento mais adequados ao exercicio das funcções politicas e á direcção do Estado. O phenomeno que se nos depara no Brasil e que vamos em seguida focalizar, em nada differe do que se tem observado em todos os paizes. Sempre que as vicissitudes da evolução economica deslocando o poder da riqueza de um grupo social para outro transfere o predominio politico da classe sedentaria e agricola para os elementos plasmados historicamente sob a influencia do espirito de mobilidade, que reflecte em plena civilização as tendencias nomadicas através das actividades do emprehendimento commercial e industrial, verifica-se um declinio de nivel politico da nação. Não envolve esse facto argumento a favor de uma theoria

(1) O autor ha alguns annos ("Problema Eugénico da Immi-gração" — these apresentada ao Primeiro Congresso Brasileiro de Eugénia, 1929, e "Ensaio Brasileiro" — Rio de Janeiro, 1930) sustentou ser o espirito nomadico a causa efficiente do desenvolvimento da civilização pela sua tendencia a alterar a estabilidade dos equilibrios sociaes e a promover a formação de novas configurações organicas da sociedade.

de desigualdade do valor dos grupos em apreço. Trata-se de um caso característico da necessidade da especialização das funções na sociedade. As formas de psychismo em que perduram a vibratilidade e a audacia emprehendedora dos elementos nomadicos da humanidade, são as unicas capazes de plasmar o progresso através da acção intellectual na pesquisa do conhecimento, das invenções e das applicações praticas da sciencia no desenvolvimento de novas formas de producção e de realizar enfim pelo progresso economico condições mais adeantadas de civilização e de cultura. Por outro lado o sedentario apegado ao solo pelo trabalho agricola, menos imaginativo, sem ser espicaçado pela curiosidade que é a expressão intellectual do nomadismo, incapaz das realizações audaciosas que fazem avançar o mundo, tem como compensação uma solidez de character, que imprime á sua energia a physionomia peculiar de uma capacidade mais apta a resistir que a avançar. Neste ultimo circulo de aptidões é que têm as suas raizes as qualidades mentaes de intelligencia e de temperamento do politico.

As phases aureas do Estado em todos os tempos e em todos os paizes têm sido sempre as epochas de predomínio politico dos elementos sedentarios recrutados na classe agricola. O caso brasileiro foi mais uma confirmação, aliás superflua, do facto innumeradas vezes verificado pela experiencia historica. Enquanto a riqueza nacional foi preponderantemente representada pela lavoura da canna de assucar, que tinha a sua area prin-

principal de actividade extendida pela região nordestina — de Pernambuco ao Reconcavo bahiano — e mais ao sul na provincia do Rio de Janeiro, a coincidência constante do poder economico com a força politica deu o monopolio da direcção do Estado aos homens portadores do passado hereditario dos sedentarios agricolas daquellas zonas e formados elles mesmos quasi sempre no ambiente que lhes accentuava os caracteres herdados. Iniciada a era do café e deslocado para S. Paulo o eixo da economia nacional, o poder politico gravitou, como fatalmente tinha de acontecer, das mãos da oligarchia de sedentarios para gente nova, em que preponderavam as características daquelle espirito de mobilidade, que propulsionou as bandeiras no mais grandioso episodio nomadico da historia da America e cuja genesis biologica Gilberto Freyre attribue agora com muita razão ao volume da infusão de sangue semitico na população que se formou na capitania vicentina e depois na provincia em que ella se converteu (1).

A ascendencia paulista imprime ao desenvolvimento nacional o caracter de um surto sem precedente na expansão economica e no apuro da cultura orientada no sentido da pesquisa scientifica e do aperfeiçoamento dos processos technicos. Parallelamente ao progresso economico e cultural que o genio bandeirante propelle, observam-se na politica os signaes de que a manobra do Estado vae passando a ser dirigida por uma turma não

(1) — Gilberto Freyre — obra citada.

apenas mais inexperiente, mas intrinsicamente inferior aos antigos pilotos nordestinos e fluminenses. A acção administrativa desenvolvida pelos presidentes da primeira Republica pôde ser opposta em cotejo com indiscutivel vantagem á dos governos do periodo monarchico. Debalde se procuraria entre os estadistas do Imperio quem tivesse ligado o seu nome a um conjuncto de realizações mesmo de longe comparaveis ás da presidencia Rodrigues Alves. E em todos os quadriennios intercalados entre a proclamação da Republica e a revolução de Outubro encontra se sempre contribuição maior ou menor para a avançada do progresso economico do paiz. Entretanto, politicamente os homens do periodo republicano começaram a diminuir no conceito publico, desde que o arrefecimento do enthusiasmo pelas novas instituições tornou possível uma comparação entre elles e as figuras representativas do estadismo na phase imperial.

*
* *

O deslocamento do poder politico das oligarchias nordestinas e fluminenses melhor preparadas ao exercicio das funcções do Estado para os grupos dirigentes do sul, onde as aptidões politicas não se haviam desenvolvido do mesmo modo, foi o factor principal mas não o unico da posição de inferioridade relativa, que tanto comprometteu os homens da Republica perante a opi-

nião. O estabelecimento do regimen federativo concorreu tambem para dar á politica nacional aspecto que tendia a diminuir os seus protagonistas no conceito publico.

Com a substituição do regimen de extrema centralização do Imperio unitario por um systema no qual a autonomia desafogava as provincias, deixando a seu cargo os negocios regionaes, occorreu uma transformação profunda e de grande alcance nos costumes politicos e na propria mentalidade dos elementos de elite em todo o paiz. Durante a Monarchia as possibilidades de uma carreira publica se concentravam exclusivamente no scenario central, onde se moviam os arbitros dos destinos da nação e onde se decidiam todas as questões, inclusive as de character mais estrictamente regional e local. Sómente aos elementos que se conformavam com a sua inferioridade ou que não tinham ambições, podia interessar o circulo estreito da vida provincial. Desde a adolescencia quem sentia o desejo de aproveitar as qualidades que possuia ou de que se julgava imaginariamente dotado, lançava immediatamente os olhos para a Córte, que era o unico scenario em que o brasileiro podia então aspirar ao desempenho de um grande papel na vida, fossem as suas ambições de natureza politica ou se encaminhassem para o exercicio de qualquer das profissões liberaes. O affluxo dos homens mais capazes para a capital do paiz e a preocupação de passar o mais depressa possivel da politica provincial para o campo mais amplo do parlamento do Im-

perio, constituem uma das características mais accentuadas e de maior alcance na vida social da época monarchica. Dahi resultou a concentração da grande maioria dos valores nacionaes no scenario politico, augmentando assim consideravelmente o brilho da nossa vida publica pelo concurso das melhores e mais cultas intelligencias de que dispunha o paiz.

O regimen federativo alterou radicalmente essa situação. O que era excepção no tempo do Imperio, passou a tornar-se de frequencia cada vez maior no periodo republicano. O caso de um grande homem que do ambiente provinciano irradiava influencia espiritual por todo o paiz, como Tobias Barreto, fôra quasi unico, originado em circumstancias especiaes e personalissimas. Na Republica foram augmentando os exemplos de homens de maior ou menor projecção nacional, cujas actividades politicas, profissionais ou culturaes se exerceram exclusivamente no circulo da vida estadual. O interesse pelos negocios regionaes que passaram a ser dirigidos na propria provincia e o desenvolvimento material e cultural dos Estados em consequencia do regimen autonomico, fizeram com que se fixassem na terra natal muitos elementos superiores. Assim se tornou possible a realização das aspirações pessoas e o adiantamento de uma carreira publica, sem contacto immediato com a politica federal. O exemplo do sr. Borges de Medeiros é typico, como o fôra anteriormente no proprio Rio Grande do Sul o caso de Julio de Castilhos. E é interessante acrescentar que dois dos mais habéis politicos que

chegaram ao posto supremo no governo nacional — o sr. Arthur Bernardes e o sr. Getulio Vargas — attingiram o pinaculo da vida pública quasi sem experiencia no scenario federal. O primeiro foi presidente da Republica tendo apenas tido passagem rapida e obscura pela Camara; o segundo estaria exactamente nas mesmas condições, se não houvesse occupado por doze mezes o ministerio da Fazenda. Em taes circumstancias ainda mais enfraquecida ficava a politica nacional, assim desfalcada de valores que teriam concorrido para augmentar-lhe o prestigio.

*
* *

Admittido o facto evidente de haver baixado na primeira Republica o nivel politico da nação, nem por isso é possivel concordar com a idéa que se generalizara na opinião publica de que as actividades civicas apresentassem no periodo republicano symptomas de decadencia e de aviltamento. Os protagonistas eram na sua maioria inferiores á media das turmas que figuraram na phase aurea do Imperio. Mas o funcionamento da machinaria politica se não se aperfeçoou na Republica, permaneceu, contudo, com a mesma efficiencia, traduzindo no seu rendimento os effectos das mesmas qualidades e dos mesmos vicios collectivos.

A grande queixa que, desde os primeiros annos do regimen republicano até o momento da deflagração revolucionaria de Outubro, foi insistentemente articulada, era

a do falseamento do systema representativo. A opinião publica encarava as eleições como simples burla, por meio da qual as oligarchias que se succediam no poder mantinham tanto na União, como nos Estados a continuidade de uma democracia illusoria e desvirtuada. Sob este ponto de vista, a primeira Republica não fez mais que repetir exactamente o que praticara a Monarchia. E se quizermos analysar a questão, verificaremos que a nenhum dos dois regimens cabe censura por um estado de cousas que continúa e continuará, até que se modifiquem as condições economicas e culturaes das massas da nossa população. A este proposito parece opportuno uma observação que nos pôde servir para inspirar maior optimismo em face do spectaculo á primeira vista contristador dos nossos pleitos eleitoraes.

O systema representativo no que tem de essencial caracteriza-se apenas pela correspondencia entre os elementos constituídos em mandatarios do povo e os sentimentos e a vontade deste. Methodos de representação constituem em ultima analyse meros processos technicos para assegurar aquella correspondencia. O que se tem passado no Brasil desde as primeiras eleições para a Constituinte frustra de 1823, é apenas o resultado da adaptação artificial e forçada de um processo de representação inadequado ás condições geographicas, economicas e culturaes do paiz. Copiando um systema representativo dependente do suffragio á maneira do que se praticava em paizes totalmente differentes do nosso, collocámo-nos em uma situação na qual nunca pode-

riamos ter tido representação da vontade collectiva, se porventura aquelle methodo fosse applicado rigorosamente. Em um paiz de vastissimo territorio, com uma população extremamente diluida e desarticulada economica e socialmente pelas grandes distancias e incapaz tambem na sua enorme maioria de formar idéa mesmo confusa dos problemas nacionaes, é evidente que o methodo representativo baseado no suffragio promiscuo teria de dar torçosamente os mais chaoticos resultados, ainda quando o analfabetismo não constituísse obstaculo irremovivel ao pronunciamiento de esmagadora maioria dos cidadãos. Em taes circumstancias, para que um processo eleitoral pudesse produzir uma representação mais ou menos authentica da vontade geral, seria preciso recorrer a um methodo capaz de permittir a representação dos interesses pelo pronunciamiento dos grupos economicos, que concretizam realidades no conjuncto da vida ainda informe da nacionalidade em organização. A representação de classes ou que outro nome tenha e contra a qual se insurgem hoje os que a julgam demasiadamente complexa e adeantada para o nosso estado actual, foi e continúa a ser o unico processo de relativa efficacia para o estabelecimento de um systema representativo veridico entre nós.

A impossibilidade de obter manifestação authentica da vontade geral por meio do suffragio promiscuo em um paiz nas condições do Brasil nunca foi reconhecida aqui pelos nossos estadistas e publicistas, obsecados todos pela preocupação de imitar methodos politicos

dos paizes com os quaes nada temos de commum. Entretanto, não é fóra de proposito lembrar de passagem a lição de um grande genio politico collocado em face de uma nação, cuja physionomia economica, social e geographica apresentava pontos de obvia analogia com a nossa. Lenine organizando a nova Russia percebeu claramente a inviabilidade de estabelecer qualquer systema de representação das massas proletarias urbanas e ruraes dentro dos moldes dos processos eleitoraes em uso nos paizes de intensa civilização e adoptou um methodo peculiar de expressão da vontade collectiva, cuja efficacia tem sido demonstrada pelo equilibrio entre o poder assim constituido e o assentimento da vontade collectiva. Identica verificação foi feita por Mussolini na Italia. O processo de representação ali adoptado, não exprime apenas a victoria da idéa corporativista, como geralmente se affirma. Por meio da representação directa dos interesses dos grupos economicos e profissionaes, o reformador italiano, que bem comprehende a impossibilidade de governar-se indefinidamente sem o apoio da opinião publica, realizou a imprescindivel correspondencia entre a vontade geral e os órgãos de sua expressão no aparelho do Estado. O social-nacionalismo allemão pôde dispensar o recurso á representação directa dos grupos sociaes, porque no Reich um conjuncto de circumstancias materiaes, culturaes e espirituaes torna possível ao suffragio promiscuo exprimir a opinião do paiz. Mas isto que ali acontece, como

ocorre na Inglaterra e até certo ponto em França e em paizes de typo especialissimo como a Suissa, nunca foi, não é e não será certamente realizavel por um seculo pelo menos no Brasil.

O que se tem qualificado de desvirtuamento das instituições, no Imperio a queixa contra o poder pessoal do soberano e na Republica o clamor contra a corrupção da democracia e a defraudação dos pleitos electoraes, não passa de resultado inevitavel da desharmonia entre uma organização politica ficticia e a realidade social, que resiste tenazmente ás formas artificiaes que lhe querem impôr. Não são as instituições que se corrompem pela acção malefica dos homens. E' o meio que reage e acaba vencendo os esforços dos que insistem em sobrepôr theorias e doutrinas aos factos. Não ha exemplo de um unico paiz cujo equilibrio politico haja sido alcançado por formas de governo implantadas nelle sob a influencia de preoccupações aprioristicas. As instituições politicas cujo exito historico se verifica, são as que representam apenas a systematização legal de uma realidade preexistente no organismo social. O unico caso de uma grande nação que importou formas institueionaes exoticas com resultados satisfatorios, é o do Japão moderno. Mas os autores da grande revolução nipponica do seculo XIX tiveram o cuidado de estudar profundamente os modelos estrangeiros, para descobrirem qual d'eiles se prestava a uma adaptação ás condições actuaes e á formação historica do imperio

asiatico, fixando afinal as suas preferencias na constituição prussiana, que pelo colorido feudal que mantinha lles pareceu a unica entre os estatutos politicos occidentaes reconciliavel com os termos do problema japonês. Essa adaptação que se impoz aos estadistas da monarchia oriental, como condição essencial ao desenvolvimento do seu plano de reforma e de expansão da nacionalidade, apesar das cautelas de que foi cercada e das modificações introduzidas na pratica do regimen para pô-lo ainda em maior harmonia com a realidade japonesa, não deixou de determinar consequencias que os observadores mais sagazes da evolução do Japão contemporaneo reputam perturbadores e indesejaveis.

Não obstante sermos uma nação de typo relativamente occidental, sob varios pontos de vista é muito mais difficil adaptar ao Brasil instituições creadas pelo genio politico da Europa, que applicar ao Japão as bases organicas da forma de governo que para ali foi transplantada. O primeiro facto a considerar-se no nosso caso é não sermos ainda uma nacionalidade definida e crystallizada em linhas precisas de uma estructura collectiva caracteristica. Somos certamente um povo e chegamos mesmo a constituir uma nação, mas estamos ainda um tanto longe de formarmos uma verdadeira nacionalidade. Bastaria a circumstancia de estarmos atravessando uma phase de organização da personalidade nacional, já ultrapassada pelas nações a que vamos pedir modelos politicos, para que se reconhecesse o ab-

surdo e a inviabilidade de semelhante imitação. Mas além disso, o nosso caso apresenta traços tão peculiares sob os pontos de vista geographico, historico, ethnico, economico e cultural, que uma ligeira analyse do problema brasileiro demonstra exuberantemente a insensatez de tudo que estamos fazendo ha mais de um seculo, para forçarmos no corpo ainda informe da nacionalidade vestuarios tallados pelos alfaiates politicos do Velho Mundo.



A origem desse mal chronico tentol-a em um aspecto particular da vida brasileira, desde o periodo colonial. Não ha talvez caso igual de um paiz onde tão enorme seja a differença de nivel entre uma pequena minoria educada e as massas da população, como acontece no Brasil. O que surprehendia e chegava a causar assombro aos europeus que nos visitavam em fins do seculo XVIII e nos primeiros decennios do seculo XIX, continúa a ser mais ou menos a mesma situação que se nos depara nos dias actuaes. A linguagem de James Bryce (1) exprimindo as suas impressões do contraste entre a pleiade de homens illustres com quem esteve em contacto no Rio de Janeiro em 1910 e a incultura geral que observara, é quasi literalmente a reproducção de

(1) James Bryce — "South America" — London, 1911.

palavras dos viajantes que aqui tinham estado um seculo antes.

Essa desproporção cultural entre a elite e a população, foi aggravada nos seus effeitos politicos pelo excesso de erudição livresca, que as nossas tradições de formação intellectual causaram. Enraizou-se na nossa minima classe culta o habito de uma voracidade de leitura, que insensivelmente foi atrophiando a faculdade de pensar e sobretudo de observar. Os nossos intellectuaes crearam para si um mundo ficticio, em que conviviam com as figuras e com as idéas das grandes civilizações, perdendo pouco a pouco qualquer contacto com a realidade ambiente. Assim, foram deixando de levar em conta nos seus planos de reforma e de progresso o factor capital, que era evidentemente a realidade brasileira. Em todos os grandes movimentos politicos da nossa historia dos ultimos cem annos, verifica-se este facto de modo impressionante. Os liberaes do primeiro reinado e da regencia, os seus successores do periodo da mania de copiar o parlamentarismo inglez, as figuras de maior valor da campanha abolicionista e da propaganda republicana pensavam, falavam e escreviam como se, em vez de estarem nas praias da Guanabara, tivessem para scenario das suas actividades civicas as margens do Sena, do Tamisa ou do Hudson. Dahi o enorme accumulo de leis sem efficacia e as majestosas cathedraes constitucionaes em que se abriga um povo, que não sabe ainda se aquillo é templo, café-concerto ou circo de cavallinhos.



Mas esse povo que não pôde ler as constituições e leis que para elle preparam os seus sabios e magos, tem uma faculdade mais antiga e mais profunda que o conhecimento do alfabeto. É o instincto social, a embryonaria intuição politica que vem guiando o homem desde o alvorecer das primeiras sociedades rudimentares. De norte a sul do paiz, as massas que se estratificam em successivas camadas, desde a ignorancia bronca do jéca até as velleidades culturaes dos semi-letrados da classe privilegiada, vinham sentindo as antinomias da nossa organização politica com a realidade brasileira, a que permaneciam insensiveis os expoentes da cultura, hypnotizados pelas lombadas dos idolos das suas bibliothecas. A campanha opposicionista que solapou durante trinta annos os alicerces da primeira Republica, teve exito afinal porque serviu para estimular as faculdades intuitivas do povo, levando-o a uma especie de visão directa das incongruencias da nossa situação politica. Foi assim que se creou um verdadeiro mysticismo revolucionario, vitalizado desde 1922 pela audacia e tenacidade de um grupo de homens de acção.

O acolhimento nacional ao movimento de Outubro foi, portanto, um gesto espontaneo da consciencia collectiva, em que já bruxoicava uma idéa mais ou menos clara da necessidade de repararmos afinal o grande erro

historico, que nos tem desviado do curso natural e logico da trajectoria da nossa evoluçao. Os repetidos abalos das revoluções fracassadas durante oito annos haviam traumatizado o psychismo brasileiro, despertando o gigante do seu somno secular. Extremunhando e não entendendo bem o que se passava, elle comprehendeu vagamente que havia alguma cousa de essencial a ser alterado no rumo do seu destino. A revoluçao de 1930 podia ter sido uma esplendida alvorada do genio brasileiro. Mas os revolucionarios trataram logo de adormecer de novo a massa humana, que elles proprios haviam acordado. . .

*
* *

Nada poderia dar melhor a medida da physionomia peculiar do Brasil e do seu povo, que o estudo do primeiro movimento insurreccional que entre nós apresentou até certo ponto character popular. Todas as revoluções registradas na nossa historia ou que nella figuram com tal qualificativo, foram realizadas fóra e á revelia das massas da populaçao. A Independencia resultou da acção de um grupo limitado de pessoas, que não tinham e na sua maioria não queriam mesmo ter contacto algum com o povo. As figuras que chegaram até nós coloridas com as tonalidades de expoentes da opiniao publica, como José Clemente e Ledo, podiam ser influenciadas pela ideologia democratica em voga na epoca, mas o seu campo de acção era a Maçonaria,

que ao tempo nada tinha de popular. O movimento de que resultou a antecipada proclamação da maioridade de Pedro II processou-se na esphera parlamentar e politica com o apoio da tropa. O 15 de Novembro foi um levante exclusivamente militar, a que o povo assistiu na attitude em que costumava comparecer ás paradas e na phrase lapidar de um dos mais entusiasticos protagónicos civis do acontecimento "bestializado". Differente não foi o que se passou em relação aos episodios menores do mesmo genero. Em Outubro de 1930 o povo, se não tomou parte na insurreição, sahio cedo de casa com indumentaria symbolica para acompanhar a procissão militar. Fez mais. Collaborou com os revolucionarios authenticos no incendio dos jornaes governistas e depois de estar tudo acabado foi vaiair o sr. Washington Luis a caminho do Forte de Copacabana. Nenhum observador do nosso meio social poderia exigir maior contribuição das massas populares, como expressão da sua solidariedade cívica com a revolução triumphante.

Teria sido possível aproveitar essas primicias de actividade politica em estado nascente para crear uma opinião publica que, na atmospheria propicia de uma crise revolucionaria, poderia rapidamente attingir proporções imprevisiveis na sua capacidade de formar ambiencia para grandes reformas nacionaes. Mas as massas são essencialmente inertes; sem a voz de commando ellas se deixam ficar onde estão e continuam no mesmo equilibrio em que sempre estiveram. O commando das mul-

tidões em dias revolucionarios é dado pela imprensa e pelos comícios. O novo regimen parece não ter gostado nem de uma, nem de outra cousa. Estabeleceu a censura rigorosa dos jornaes que podiam criticar hostilmente a nova ordem e não animou tambem o surto de uma imprensa que imprimisse á opinião o espirito e as tendencias da corrente vencedora.

Esta ultima omissão, á primeira vista surprehendente, resultou logicamente do facto da revolução triumphante não ter espirito nem tendencias. Uma revolução organica, como já tivemos ensejo de mostrar em outro destes ensaios, é invariavelmente elaborada por uma minoria culta, activa e energica, que representa em relação ás massas lançadas no movimento insurreccional papel precisamente identico ao de um estado maior, que prepara os planos de campanha e precipita as multidões de reservistas no turbilhão de uma guerra, cujo sentido politico e objectivos militares são por ellas mais ou menos ignorados. O nosso estado maior revolucionario de 1930 não sabia, nem se preocupava em indagar quaes as finalidades da mobilização das policias estadoaes e das forças do Exercito para além do fim immediatamente visado, que era a conquista pura e simples do poder. Sob este ponto de vista, os responsaveis pela revolução não podem ser muito severamente censurados. Obedeceram apenas ao rythmo historico de todas as nossas crises revolucionarias. O traço caracteristico dellas foi sempre a falta de determinação prévia dos

objectivos. A propria Independencia realizada sob o estímulo do movimento de emancipação nacional que irradiava pelo continente, não teve directrizes seguras e definidas. Ao desejo da separação da metropole, misturava-se uma sympathia lyrica por D. João VI attribuido pela demagogia das Côrtes de Lisboa. Não obstante os esforços dos reconstructores tendenciosos da historia do 15 de Novembro, parece indiscutivel que os proceres da grande quartelada victoriosa levaram muitas horas a ruminar em uma hesitação hamletiana entre o passo decisivo para a Republica e uma simples dictadura militar sob a egide do imperante decrepito. Relativamente a esses episodios, os homens de 1930 se achavam em posição de incontestavel superioridade. Um alvo certo e definido tinham pelo menos: impedir que o sr. Julio Prestes fosse á presidencia da Republica e mudar summariamente a turma de oligarchas que governava o paiz.

*
* *

Revolução de qua'tros e não revolução de estrutura no seu impeto originario, o movimento outubrista poderia ter realizado o seu objectivo, sem perturbar a vida nacional com uma crise, cujo mal tem consistido em tornar-se chronica, quando o traço necessario ás crises para que ellas sejam salutaes é a rapidez da sua duração. Mas a revolução de 1930 não podia restrin-

gir-se a uma mudança pura e simples da turma governante. A complexidade da conspiração em que haviam compartilhado das responsabilidades revolucionarias elementos politicamente tão distanciados uns dos outros, como conservadores do typo do sr. Arthur Bernardes e representantes mais ou menos caracterizados das ideologias da extrema-esquerda, já continha as causas da situação que se esboçou immediatamente após a victoria. Não era possível collocar nos postos vagos pela derubada dos antigos oligarchas toda aquella gente que se abalara para a lucta, hypnotizada pela fascinação tão humana do poder. Além de ser insolúvel o problema da satisfação de todas aquellas aspirações, sem que se repetisse em relação aos cargos o milagre evangelico da multiplicação dos pães, não se poderia tambem collocar nos postos do Estado expoentes de tão contradictorias correntes, sem que dahi redundasse a mais perturbadora e perigosa confusão politica e administrativa. E os que não ficaram confortavelmente ao calor do sol revolucionario, passaram automaticamente a tornar-se nucleos de irradiação de ideologias as mais variadas, dando logar a uma inquietação que levou a onda da revolução vencedora para além dos diques com que a contavam delimitar os seus mais responsaveis protagonistas.

Se estes tivessem tido para construir a mesma coragem que haviam revelado no impeto demolidor, teria sido possível uma coordenação daquellas forças contra-

dictorias, de modo a ser aproveitada a oportunidade para uma verdadeira renovação nacional, que viesse afinal pôr a nossa organização politica em harmonia com a realidade brasileira. Qual seja de um modo geral, porque defini-la com precisão é impossivel, essa realidade e qual seja tambem o contorno institucional que a ella melhor se adapte, é o que procuraremos indagar nos ensaios immediatos.

VI

O BRASIL REAL

ABSTRAHINDO-SE do apreço das suas causas imediatas, dos objectivos dos seus protagonistas e da acção ulterior por estes desenvolvida, a revolução de 1930 subsiste no curso evolutivo da vida nacional como um phenomeno essencialmente benefico. A' causalidade immediata que pôde ser objecto de critica depreciativa, sobrepõe-se o determinismo profundo daquelle acontecimento, em que actuaram factores correspondentes ás mais salutaes reacções do sub-consciente colectivo, resistindo aos elementos de deterioração do caracter nacional e de afastamento perturbador do curso natural do desenvolvimento historico da sociedade brasileira. Os revolucionarios de boa fé e cheios de entusiasmo que pegaram em armas em Outubro de 1930, pensando que a salvação da patria dependia de uma regeneração politica capaz de nos libertar de homens e de methodos, apontados uns e outros como origem dos nossos infortunios, agiam sob o impulso de determinantes de muito maior alcance e a regeneração reclamada pelo genio da nacionalidade na consciencia de cada um delles tinha proporções incomparavelmente mais amplas, que a substituição de uma republica por outra a ella forçosamente

muito semelhante, desde que a revolução não fosse verdadeiramente revolucionária. Mas o traço significativo da orientação sadia do impulso revolucionário que se traduziu no movimento outubrista, embora tendo tido manifestação nas circunstâncias mais improprias e inopportunas, tem-o na preocupação surgida espontaneamente por todo o país de dar ao novo regimen um cunho de harmonia com a realidade nacional.

Quando nos recordamos da insistencia no "leit-motiv" da "realidade brasileira" durante os ultimos quatro annos, somos levados a apreciar o aspecto humoristico do que se nos afigura ser apenas uma ingenua reiteração de formula banal de um nacionalismo exasperado. Entretanto, nessa ancia pela realidade social e politica do Brasil, depara-se nos a expressão grandiosa e quasi tragica da procura ansiosa da essencia da personalidade nacional perdida por entre o accumulo de exotismos, de aberrações theoreticas, de fantasias de bibliotheca e de copias servis de modelos estranhos, que nos têm acabrunhado desde a epoca em que, querendo fazer a nossa independência, nos escravizámos mais que nunca ao dominio das idéas e das formas politicas que não eram nossas. A razão de ser de uma revolução brasileira, que todos sentiam necessaria e inevitavel, era pura e simplesmente o retorno a essa realidade perdida e esquecida tambem pela classe dirigente e educada, mas de que persistia a imagem indestructivel recalçada no inconsciente nacional. O traumatismo outubrista trouxe ao limiar da consciencia de cada um de nós essa ima-

gem, que se teria logo configurado em um plano de reorganização nacional, se a revolução não tivesse vindo tarada pela sobrecarga nefasta de exotismos neutralizadores das tendencias espontaneas do genio brasileiro, formado pela acção cumulativa e synthetizante das correntes contradictorias que actuaram na nossa formação durante o periodo de gestação colonial.



O Brasil offerece no que poderemos chamar o periodo genetico da personalidade nacional um traço caracteristico e peculiar, que o distingue de todas as outras nações do continente americano. Circunstancias inherentes á propria fraqueza da metropole europeá forçaram-no a crear-se, expandir-se, desenvolver-se e defender-se de inimigos externos exclusivamente com os seus proprios recursos. Este facto, sagazmente assignalado por Manoel Bomfim (1), constitue a nosso vêr talvez a mais importante condição da plasmagem da nossa personalidade nacional.

Não menos profundamente que a complexidade ethnica, esse factor historico actuou no sentido de imprimir á nossa physionomia social e politica aspecto não sómente muito differenciado das nações ibericas do continente, como totalmente diverso dos typos classicos da

(1) M. Bomfim — "O Brasil na America" — Rio, 1929.

civilização européa. O Brasil singularizou-se com um particularismo nacional, que lembra até certo ponto as rígidas características individualizadoras impostas ao japonês pela fatalidade da sua posição insular. Nenhuma força eficiente resistiu ao desenvolvimento natural dessa formação particularista, senão a actividade europeizante dos jesuitas. Mas contra ella reagiram sob a influencia de motivos multiplos as energias dos colonos e mesmo antes da suppressão da Companhia, na segunda metade do seculo XVIII, pôde-se affirmar que o brasileirismo já havia vencido o jesuitismo. E tão vigorosa havia sido a affirmação dos traços peculiares de character e de dynamismo da nacionalidade em formação, que a propria Igreja acabara por soffrer mais a influencia do ambiente brasileiro, que o predominio da corrente jesuitica representativa mais authentica da orthodoxia romana.

Reconhecido esse feitiço inconfundivelmente peculiar da nossa formação e attendidas as consequencias dahi promanadas, chega-se logicamente á conclusão da impossibilidade de adaptar ao Brasil quaesquer instituições exóticas, sem um prévio reajustamento dellas á configuração politica e social apresentada pela nossa ambiencia. Entretanto, desde a Independencia temos feito exactamente o contrario, copiando servilmente typos de organização politica exóticos, sem darmos fé na impraticabilidade fatal dos methodos de governo e de administração, implicados por aquelles modelos. Sob este

ponto de vista, temos seguido directrizes flagrantemente inferiores ás adoptadas pelas outras nações do continente. Em todas ellas fez-se sentir a mesma influencia nefasta da imitação dos modelos da democracia surgida na Europa sob a pressão da Revolução Franceza. Mas em alguns casos, as instituições adaptadas permaneceram mais ou menos como symbolos platonicos, que não impediram o desenvolvimento natural das sociedades através das vicissitudes de dictaduras e insurreições, nas quaes se reflectiam os elementos de realidade da vida collectiva. Em outros casos as formas politicas estabelecidas eram acimataveis. Foi o que aconteceu no Chile e depois na Argentina, cujas constituições calcadas em idéas europeas correspondiam á physionomia igualmente europeia daquellas duas republicas.

No caso brasileiro, em que se impunha exactamente o maximo de originalidade na organização politica, foi precisamente aquelle onde encontramos os effeitos de um exotismo levado aos extremos do ridiculo. A causa do predomínio de influencias estranhas na orientação do nosso pensamento politico desde que nos emancipámos da metropole, é facil de encontrar-se. Os movimentos de libertação nacional nas colonias hespanholas foram dirigidos preponderantemente por homens praticos, integrados na vida economica local e conhecendo muito melhor os problemas concretos da sua terra que as doutrinas exoticas, cuja influencia sobre elles era muito superficial. Ha sem duvida uma excepção a esta regra e aliás de grande vulto, que é caso de Bolivar.

Mas o Libertador exerceu na plasmagem politica das nações hespanholas a que prestou serviços influencia muitissimo menor que a funcção militar por elle desempenhada. Na organização institucional de cada uma das novas republicas, o papel de protagonistas coube sempre a homens do typo que acima apontámos. No caso brasileiro, a Independencia foi orientada por elementos que se achavam em niveis intellectuaes e culturaes differentes, mas que tinham todos entre si o traço commum de um theorismo muito mais accentuado que a consideração de problemas praticos. Aquelles homens não se orientavam todos pelas mesmas idéas, variando mesmo as correntes a que se incorporavam do reaccionarismo ainda impregnado de absolutismo até o republicanismo jacobino. Mas todos elles pensavam politicamente através do prisma da cultura maior ou menor que lhes vinha da Europa.

Convem ainda accentuar o facto muito importante de que os principaes protagonistas da Independencia e os homens que maior influencia exerceram nos annos immediatos ao rompimento com a metropole eram profundamente influenciados pela educação portugueza ou pelo contacto com a vida metropolitana. E o proprio facto da Independencia ter sido elaborada no Rio de Janeiro, ao tempo a mais portugueza das grandes cidades do paiz, concorreu por certo para reforçar o exotismo que viciou a organização politica centralizada pela figura de um principe estrangeiro.



A Independencia tornou-se assim paradoxalmente o ponto de partida de uma reacção anti-nacionalista no sentido mais profundo da expressão. Emancipámo-nos politicamente, affirmando a nossa soberania, mas ao mesmo tempo começámos a nos distanciar da trajectoria normal do nosso desenvolvimento historico, illudidos pela miragem dos modelos estranhos que uma pequena minoria culta ou semi-culta encarava como typo de perfeição adaptavel a todos os povos da terra. A este proposito não é inoportuno lembrar aqui que a elite intellectual, a cujo papel na Independencia acima alludimos, era toda mais ou menos influenciada pela ideologia franceza do seculo XVIII e commungava o credo de Rousseau sobre a perfectibilidade humana e era inclinada a não prestar attenção ás peculiaridades de psychismos nacionaes, encarados como factos ephemeros no curso de uma progressiva fraternização dos homens.

O processo desnacionalizante proseguiu e mais tarde veiu a ser estimulado na sua marcha pela acção pessoal de Pedro II, através de cujos actos e attitudes se reflecte nitidamente a idéa de que a sua missão consistia em europeizar cada vez mais o Brasil. Tornámo-nos assim um curioso caso historico de uma nação que tendo tido personalidade collectiva caracteristica quando vivia sob o regimen colonial, passou a colonizar-se espí-

ritualmente depois de ter realizado a sua independencia politica.

Entretanto, as forças profundas do genio nacional nunca socegaram completamente sob a crosta de verniz europeu que a classe dirigente lançava sobre o paiz. A profunda razão de ser da tenacidade do espirito republicano era a ancia irreprimivel do sentimento nacional recalcado no inconsciente colectivo. Os republicanos talvez sem uma percepção muito clara do facto o symbolizavam no seu antagonismo á dynastia ultramarina. Infelizmente o sentimento nacionalista nos proprios adversarios da monarchia bragantina era tambem desvirtuado do seu curso logico pela acção perturbadora dos modelos democraticos em que se inspiravam. Comemorando a tomada da Bastilha ou indo fazer juramentos civicos sobre o tumulo de Washington, os pioneiros da Republica, como o fariam dezenas de annos mais tarde os revolucionarios de 1930, hypnotizados pelo sovietismo ou pelo fascismo, compromettiana a vitalidade essencial da revolução authentica que tinham a realizar.

*

* *

Achamo-nos assim em face de uma especie de máo destino, que nos parece condemnar á perda dos grandes momentos de oportunidade para corrigir o rumo errado, que estamos seguindo ha mais de cem annos. A analyse dessa attitude leva-nos a encaral-a como

efeito de um tragico complexo de inferioridade ou o resultado da má consciencia, a que Nietzsche antes de Freud já attribuia o declínio dos homens e dos povos. Habitúamo-nos a ter vergonha de nós mesmos. Aprendemos na cartilha do jesuita a deprimir os traços vigorosos que formaram a nobreza violenta e dominadora do character dos nossos antepassados. Acreditamos através da nossa cultura livresca que só é grandioso o que corresponde aos padrões ethicos e estheticos das civilizações que se elaboraram em torno do Mediterraneo e do Báltico. A nossa alma comprimida fervilha em reivindicações platonicas a que a nossa consciencia empresta as formas ficticias de aspirações pueris e mesquinhas, enquanto o sentido daquellas forças subterraneas é a libertação do nosso espirito na affirmação orgulhosa da nossa realidade psychica e dos traços singulares da nossa personalidade nacional.

Quando nos comparamos aos nossos antepassados do desbravamento dos sertões, das luctas com os invasores, do empreendimento audaz e ganancioso dos garimpos, da resistencia astuta e violenta aos agentes do fisco de El-Rey, sentimo-nos aleijados e ridiculos, como se o peito robusto do bandeirante e do aventureiro estivesse comprimido pela roupeta do missionario ou pelas casacas traçadas pela arte delicada dos alfaiates de Londres e Paris. A obra de recalçamento da 'brasilidade' tentada em vão durante o periodo colonial pelo esforço christianizante dos jesuitas e da qual possuímos documen-

tação valiosa na obra de Manoel Bomfim (1) e no recente livro de Gilberto Freyre (2), foi a nossa vêr levada por diante com muito mais efficacia pela nossa classe dirigente a partir da organização independente da nacionalidade. O sonho de domesticação christã dos selvicolas e dos colonos não menos bravios que elles, foi-se tornando realidade na atmospherã debilitante do Imperio e na confusão que caracterizou a primeira Republica.

*

* *

Pelo effeito accumulado dessas successivas e variadas compressões, o psychismo do brasileiro adquiriu certas deformações, que o inibem de apreciar o ambiente social em que vive e o incapacitam ainda mais para a analyse introspectiva da sua propria alma. Os nossos conceitos da realidade brasileira e o julgamento dos nossos proprios defeitos e qualidades caracterizam-se singularmente por uma oscillação violenta entre extremos de pessimismo quasi abjecto e de um optimismo que frequentemente attinge as raias do ridiculo e algumas vezes chega mesmo a tomar a forma de uma modalidade pittoresca e inoffensiva de insensatez. Quem se der ao trabalho de observar o nosso ambiente social e

(1) M. Bomfim — "O Brasil na Historia" — Rio de Janeiro, 1931.

(2) Gilberto Freyre — "Casa Grande & Senzala" — Rio, 1934.

de perscrutar através das manifestações do psychismo do brasileiro os traços verdadeiramente typicos da sua personalidade, tendo tido préviamente o cuidado de fazer um esforço mental para emancipar-se transitoriamente pelo menos dos habitos de pensamento e de critica a que o meio acostumou o nosso espirito, chegará forçosamente á conclusão de que quasi todas as opiniões que formamos sobre o Brasil e sobre nós mesmos não passam de fantasias sem resíduo de realidade, apesar de as reputarmos sempre verdades axiomaticas.

Quanto ao Brasil e á nossa ambiencia social creamos um mundo de illusões, em que vivemos intoxicados pelas proprias mentiras que inventamos. Assim, attribuímos á nacionalidade defeitos e fraquezas de que ella felizmente está isenta, enquanto por outro lado arrogamos possibilidades e qualidades collectivas de que um exame mesmo superficial da realidade brasileira mostra sermos destituídos.

Não entraremos aqui na apreciação das illusões que entretemos sobre o meio physico e da repercussão que essas idéas falsas têm tido nos nossos destinos. Nesse caso trata-se de uma tara que nos foi legada pelos primeiros colonizadores ou antes pelos que da metropole despachavam mais ou menos á força as primeiras levas de povoadores do Brasil, como tivemos occasião de mostrar em outro trabalho ⁽¹⁾. Aqui vamos apenas analysar succintamente as noções erroneas e por vezes verda-

(1) Azevedo Amaral — "Esaaios Brasileiros" — Rio, 1930.

deiramente supersticiosas que por um habito contrahido artificialmente vivemos a formar da p'hyssionomia social e das tendencias politicas da nacionalidade, bem como das caracteristicas psychologicas do nosso povo.

Antes de tudo mais, duas grandes illusões logo se nos deparam. A primeira é a de sermos um povo essencialmente christão e a segunda é a crença de que a unidade nacional já foi feita pelos antepassados, cabendo-nos apenas não perturbar a crystallização politica quasi consolidada. Acerca desta ultima convicção melhorámos sensivelmente depois da revolução de 1930, que nos prestou o grande serviço de focalizar as dissonancias e contradicções insertas na configuração nacional e das quaes permaneciamos como nação inteiramente inconscientes. No tocante á idéa de que somos um povo tipicamente christão e catholico, ainda não surgiu nenhum episodio traumatizante que nos viesse despertar da tranquilla certeza em que nos achamos. Nos dois casos, parece-nos entretanto facil apontar logo as causas da illusão, que têm, aliás, ambas a mesma origem em um dos mais accentuados caracteres do psychismo brasileiro.

Ao lado de traços valiosos e alguns delles inestimaveis do espirito brasileiro, temos uma gravissima deficiencia mental a que se pôde responsabilizar por uma boa parte dos nossos dissabores e infortunios. É a atrophia da capacidade analytica, tornando-nos lamentavelmente superficiaes em todas as nossas conclusões. Poder-se-ia attribuir a este facto o extraordinario successo dos raros

homens que entre nós possuem aptidão para examinar um acontecimento, um individuo, ou um problema, sem contentar-se em raciocinar precipitadamente em torno dos primeiros aspectos mais apparentes e que mais vivamente o impressionam. Os processos logicos do nosso espirito não são defeituosos; mas temos uma especie de impotencia mental para preparar as premissas do raciocinio, fazendo pela analyse a discussão preliminar de qualquer problema, seja elle uma intrincada questão social ou o caso mais simples de occorrença na banalidade da vida quotidiana de cada um de nós. Os exemplos comprobativos são tantos e tão ao nosso alcance, que seria perda de tempo chamal-os a depôr como testemunhas.

Foi assim que nos convencemos de que eramos christãos e catholicos, porque ha muitas egrejas espalhadas por ali afóra, a gente da classe abastada constitue familia sob a egide do ritual romano, as crianças são baptizadas e a missa de setimo dia ainda subsiste tenaz entre os nossos costumes de boa sociedade. E nunca duvidamos da solidez da unidade nacional, porque as provincias incorporadas no Imperio fundado por José Bonifacio eram unas — a grande maioria — tão pobres que não podiam pensar em viver sosinhas e as outras, as privilegiadas, nenhuma vantagem encontrariam em separar-se do sequito das suas irmãs humildes.

Todas as virtudes e traços ethicos que diariamente nas palestras intimas, nos discursos parlamentares ou forenses, nas columnas da imprensa e nas ondas dis-

persas pelo radio affirmamos serem outros tantos attestados da profunda christianização do Brasil, não passam de características psychologicas que o estudo da nossa formação nacional vac demonstrando terem sido suppridas pelas raças convergentes no processo grandioso de mestiçagem moral, que acompanhou a fusão ethnica de portuguezes, indios e negros. Hoje que uma turma já um pouco mais numerosa de pioneiros da cultura sociologica entre nós nos trazem de retorno das suas peregrinações penosas pelo periodo genetico da nacionalidade factos de bom quilate, para trocar pelas fabulas com que o belletrismo do ultimo seculo nos enchera a cabeça, começamos a comprehendere quanto é pequena a parcella de influencia authenticamente christã que subsiste no meio dos automatismos psychologicos legados ao Brasil civilizado pela cultura rudimentar do indio, pelo psychismo infantil do africano e pela mentalidade do portuguez, em cujo sangue mourisco nos chegava muito mais da alma mahometana, que da consciencia christã, apenas affirmada fortemente em Portugal nas regiões do norte, de população mais puramente celtica. A este proposito procure-se a abundante massa de factos, colleccionada agora por Gilberto Freyre no seu grande livro sobre a genesis da sociedade brasileira (1). Em quasi todos os caracteres sociais nos quaes nos habituámos a vêr suppostos reflexos da influencia christã, podemos verificar a sobrevivencia de tendencias for-

(1) Gilberto Freyre — "Casa Grande & Senzala — Rio, 1934.

temente accentuadas em uma ou em outra das tres raças fundamentaes.

O nosso conceito de familia, em que a affirmação vigorosa da tendencia monogamica, já não apenas conhecida mas frequente entre os indios, é contrabalançada na pratica pela tolerancia dos effeitos da infiltração musulmana nas populações lusitanas que formaram o grosso da nossa colonização européa, póde ser sociologicamente interpretado de modo a deixar patente o character sempre superficial para não dizer quasi platonico da catechese que, como observa Gilberto Freyre, visava quasi tanto os colonos como os indigenas, ambos encadrados pelos missionarios como collocados fóra da disciplina christã. Identica observação póde ser feita em relação a outros aspectos da physionomia ethica do povo brasileiro, em que por tradição e costume aceitamos sem maior exame critico outros tantos sinetes da acção christianizadora da Igreja.

Aliás, a reconstituição das condições em que se fez a catechese no Brasil e da situação geral do mundo occidental naquella epoca traz-nos razões sufficientes para não causar surpresa a these aqui affirmada. O Christianismo differencia-se de todas as outras religiões antigas e actuaes por um traço que o singulariza como facto muito mais social que mystico e theologico. As outras religiões tiveram uma formação centrifuga, isto é, promanaram de uma doutrina elaborada em um circulo social muito limitado e dahi irradiaram, influenciando as sociedades em que penetraram pela acção

subtil da catechese, como aconteceu ao budhismo, ou pela força da violencia como foi o caso do mahometismo. O Christianismo não irradiou, mas surgiu na Europa através de um processo lento de combinações ideologicas, de caldeamento de crenças e de fantasias e da mestiçagem de deuses heterogeneos. Enquanto outras regiões da terra receberam credos que ali se implantaram, dominando as consciencias dos homens e configurando a ethica das sociedades, a Europa creou por um processo quasi espontaneo e em grande parte inconsciente a sua propria religião. O Christianismo que se identificou com a alma europeia ao ponto de que europeu e christão se tornaram synonymos, enraizou-se exactamente por esse motivo no psychismo dos povos que o crearam, até ser impossivel a qualquer individuo isolado emancipar-se do cyclo espiritual por elle demarcado.

Esse gigantesco empreendimento colectivo de crear uma religião realizou-o a Europa durante a Idade Media. O desmantello das barreiras formadas pelas trincheiras das legiões fronteiriças e a inundação do imperio em ruinas pelas invasões barbaras do norte determinaram a mutua fecundação dos dois typos de cultura que se defrontavam em um equilibrio instavel pela força politica e militar de Roma, desde o periodo em que a conquista das Gallias divide a Europa ainda informe em um nebuloso mundo nordico e uma area de civilização celto-mediterranea. Parallelamente a um caldeamento ethnico muito incompleto e que não permittiu a synchronização do genio do Baltico e do genio do Medi-

terraço para a elaboração de uma unidade politica do continente, occorreu na esphera espirital um trabalho de synthese de crenças e de valores ethicos, que tornou possivel a eclosão de uma grande religião européa. As personalidades profundamente differenciadas e irreconciliaveis dos deuses claros da theogonia hellenica já moribundos senão definitivamente mortos ao tempo da queda do imperio, as divindades mysticas da Asia occidental, as creações subtis e complexas do theologismo agil dos hellenistas de Alexandria, o deus solar cultuado pelas legiões deserentes de Marte e de Jupiter e os fortes demiurgos guerreiros do Baltico passaram por um caldeamento theologico, de que surgiu um novo conceito do divino, com que a espiritalidade da Europa se iria nutrir até o inicio do cyclo renascentista. No dominio ethico opera-se analoga synthese de valores moraes, cujo epilogo foi um systema de vida no qual pela primeira vez se encontra uma adaptação pratica das injunções religiosas ás necessidades sociaes e politicas. O Christianismo apparece assim como o caso unico de uma religião social, porque foi elaborada pela acção continua da consciencia das sociedades em que surgiu. Mas por isso mesmo que foi uma criação espontanea do genio europeu, o Christianismo apesar da ambição de tornar-se uma religião universal sob o rythmo do espirito imperialisista do continente que o gerou, nunca se aclimatou fóra da isothermica cultural da Europa.

Ora, no proprio continente europeu houve um paiz

que escapou ao rythmo daquella cultura. A Europa moderna não é obra da elaboração civilizadora da antiguidade classica; ella foi creada no periodo medieval. Não é possível a um povo pertencer integralmente ao cyclo europeu, sem ter tido na sua formação historica as influencias do medievalismo. Portugal não as teve, dissolvendo-se cedo no ambiente das guerras mouriscas o que de medieval havia no antigo condado portocalez no periodo inicial da dynastia borguinbona. Em outro estudo (1) tivemos ensejo de trabalhar esse thema, para mostrar as consequencias da falta de influencia medieval em Portugal sobre a formação brasileira. No caso particular da falta de receptividade do nosso paiz á acção profunda da catechese christã, o facto apresenta evidentemente importancia decisiva.

Mas outra circumstancia concorreu ainda para que a influencia da catechese fosse fraca e superficial no Brasil, como aliás vem acontecendo ha quatro seculos em todos os paizes de colonização, onde o missionarismo leva o Christianismo a populações não europeas. O periodo de effervescencia espiritual correspondente ao trabalho genetico de elaboração religiosa do Christianismo culminou no seculo XIII com a systematização philosophica do dogma e da moral da religião da Europa e teve o seu epilogo no seculo XIV na fertilidade artistica de que o poema de Dan'te é a expressão maxima e

(1) Azevedo Amaral — "Ensaio Brasileiro" — Rio, 1930.

de que a arte de Giotto e dos pintores da primeira Renascença são as manifestações plasticas. A partir dessa epoca as faculdades de criação religiosa se atrophiam sob a pressão de acontecimentos politicos e militares, bem como de problemas economicos que se delineam ameaçadoramente. O desequilibrio determinado no occidente europeu pela Guerra dos Cem Annos, o refluxo da avançada da cultura christã para leste sob a pressão das invasões tartaras e os movimentos insurreccionaes occorridos na Europa Central no seculo XV e cuja phisionomia sectaria mal disfarçava o seu inequivoco character economico, são outros tantos episodios significativos da syncope do instincto religioso, bem symbolizada na retirada dos Papas para Avignon e flagrantemente patenteada no Concilio de Constança que, visando pôr termo á desorganização que ameaçava a Egreja, vem a preoccupar-se preponderantemente dos aspectos politicos do problema e de questões seculares e economicas.

A catechese christã foi assim iniciada no Brasil quando o Christianismo passara da phase de vitalidade mystica, para sobreviver como força coordenadora das directrizes ethicas da Europa, actuando espiritualmente não mais como força propriamente religiosa, tal qual acontecera na Idade Media, mas através dos automatismos estabelecidos no psychismo das populações europeas. O jesuitismo foi um esforço romantico e tambem heroico para restaurar na Europa humanista a tempera religiosa dos seculos medievaes. A egual empreendimento

abalou-se Calvino no círculo do Christianismo protestante. Mas tanto o theocrata de Genebra, como o mystico hespanhol lançavam-se a uma obra irrealizavel. A symbiose do calvinismo com o commercialismo moderno e o sentido politico e economico que os jesuitas acabaram por imprimir predominantemente á sua catechese na America provam que os proprios paladinos do retorno aos enthusiasmos da fé não escapavam á acção das novas forças, de que se achava carregada a atmospheria moral da Europa. Desde a Renascença o Christianismo não se propagou mais com a força de absorpção espirital a povos não europeos. Installou-se entre elles como uma expressão de imperialismo espirital, mas não os assimilou. Authentica expansão da christandade só se tem operado nos ultimos quatro seculos pela transplantação de elementos europeos, como aconteceu na colonização ingleza e franceza da America do Norte, na hollandeza da Africa do Sul e ainda da britannica na Australia e na Nova Zelandia. Facto egual occorreu na America do Sul na zona meridional nitidamente europeizada da Argentina e do Chile. No Brasil as resistencias da cultura incipiente do autochtone, reforçadas depois pelo affluxo dos africanos e ás quaes se deve juntar a propria refractariedade do colono portuguez parcialmente deschristianizado pela influencia islamica, reduziram os fructos da catechese a uma colheita incomparavelmente menor que as apparencias nos levariam a crêr.



A illusão nacional sobre o nosso sentimento religioso corresponde a outra que nos obstinamos em entreter acerca da unidade espiritual da nação. Como veremos em seguida essas duas opiniões tão generalizadas prendem-se por um vínculo que explica a pertinacia de ambas não obstante as provas da sua falta de correspondencia com a realidade brasileira, que nos seria facil encontrar em factos innumerados da nossa experiencia nacional. Antes de passarmos a esse ponto, que é aliás de grande relevancia, examinemos o que se nos afigura ser a razão de uma confiança illusoria na unidade moral do povo brasileiro, julgada, através de uma observação superficial, tão solida que delle não nos deveriamos preoccupar.

A base sobre a qual repousa a nossa crença naquella unidade, é o facto linguistico do idioma trazido de Portugal ser falado de norte a sul e de leste a oeste do paiz, sem differenciações de dialectos regionaes. A' primeira vista essa homogeneidade da lingua impressiona já como um attestado de unidade psychologica, já como garantia de que tal unidade tenderá a tornar-se cada vez mais forte. Quanto á ultima parte, é fóra de duvida que a unidade idiomática observada no Brasil é altamente auspiciosa, porque nella se encontra indiscutivelmente um poderoso elemento para attingirmos o

que é ainda um ideal e de modo algum o tranquillizador facto consummado que se tornou praxe proclamar. Mas envolve, a nosso vêr, grave erro de interpretação attribuir á unidade de lingua a unidade moral ou accetala como comprovação de semelhante unidade.

O facto do povo brasileiro apesar de esparso por um vasto territorio e de achar-se dividido em grupos separados pelas difficuldades de communicação, falar um só idioma, decorre não de uma identidade psychica já crystallizada em um dynamismo mental caracteristico e individualizado, mas de uma circumstancia linguistica inherente ao portuguez. A lingua da nossa metropole europeá não era um idioma resultante de longa e accidentada evolução linguistica, que lhe houvesse imprimido os traços nitidos de uma lingua indiscutivelmente autonoma. O portuguez ao tempo da colonização do Brasil mal tomara a forma de lingua independente, conservando ainda signaes inequivocos da sua origem como dialecto castelhano, recentemente emancipado do tronco linguistico de que se destacara. Ora, a tendencia á formação de dialectos observa-se exactamente nos grandes idiomas longamente evoluídos e que pelas vicissitudes historicas passam a ser falados por populações ethnica e culturalmente refractarias á sua indole. O caso da formação dos dialectos italianos na primeira parte da Idade Media é uma prova impressionante dessa verdade reconhecida hoje pela sciencia da linguagem. Aquelles dialectos formaram-se pela dissolução do latim na linguagem corrente de populações ethnicamente mestiçadas

em consequencia das invasões e das migrações e culturalmente deterioradas pelo proprio enfraquecimento da autoridade do antigo centro de irradiação linguistica. Os dialectos constituem por assim dizer productos da decomposição de uma grande lingua anterior e tal dissolução só é possível quando se trata de um idioma grandemente desenvolvido e portanto altamente diferenciado. Antes de qualquer diáspora linguistica, encontraremos sempre um grande idioma de cuja fragmentação resultou a pluralidade dialectica. E o facto é tão logico e tão natural, que quando esse idioma não deixou documentos historicos da sua existencia, esta póde ser postulada, como no caso dos dialectos gregos, de que a pesquisa historica só tem contacto já no periodo da poesia homérica e do desenvolvimento cultural das ilhas da Grécia asiatica.

O portuguez não se esphacelou em formas dialecticas no Brasil, porque era ainda uma lingua de formação recente, quasi um dialecto eila própria e não possuindo, portanto, os elementos de riqueza e a complexidade determinantes da genesis dos dialectos, quando a lingua original passa a ser utilizada por populações incapazes de apprehender a plenitude da sua opulência vocabular e sobretudo o rythmo da sua syntaxe. Mas concorreu outra circumstancia ainda para impedir a formação de dialectos no Brasil.

Os individuos que se espalharam pelo territorio brasileiro como portadores do idioma da metropole eram portuguezes, que continuaram naturalmente a falar a

sua lingua como dantes. Os conquistadores não se misturaram com um povo com o qual pudessem ter intercambio linguistico no sentido integral da expressão. As barreiras separativas entre o portuguez e o indio sob o ponto de vista espiritual e no tocante ás expressões de cultura, eram de molde a impedir o phenomeno de synthese linguistica de que emerge o dialecto. O portuguez assimilou do indio numerosos elementos vocabulares, mas as formas syntaticas do amerindio não influenciaram de modo algum a estrutura do idioma. Teríamos tido entretanto no Brasil uma especie sui generis de dialectos diferenciados pela presença de vocabulos peculiares, se os idiomas das innumeradas tribus indigenas fossem regionalmente caracterizados por differenças mais profundas. Assim, é preciso considerar que a relativa homogeneidade linguistica do amerindio e mais ainda a intervenção do jesuita organizando uma lingua geral artificial, representaram factor de incalculavel importancia na unidade idiomatica que se observa no Brasil.

Esta identidade não é entretanto tão absoluta como se insiste em affirmar. Ha por certo homogeneidade perfeita na linguagem escripta da classe educada por todo o Brasil. Mas a linguagem falada é sensivelmente differente em certas formas phoneticas predominantes em uma ou em outra região do paiz. Esta differenciação phonetica, bem como diversidades perceptíveis em certas formas de expressão, teriam dado logar á quebra da homogeneidade linguistica, se a in-

cultura profunda das massas da nossa população não lhes tivesse impedido de elaborar por si mesmas o processo formativo de verdadeiros dialectos.

*
* *

Mas feitas as resalvas apontadas, permanece incontestavel o facto da homogeneidade linguistica, realmente impressionante em um paiz tão vasto e onde os grupos da população têm ainda contacto tão difficil e precario. Devemos reconhecer nesse caso o effeito da caracteristica de rigidez mental do portuguez, mas sobretudo a influencia unificadora do missionario que, se não conseguiu fazer do Brasil um paiz christão no sentido europeu da palavra, lançou de muitos modos os alicerces da unidade nacional. Mas seria arriscado confiarmos na unidade de lingua como expressão da homogeneidade psychica da nacionalidade. Para nos dissuadir de tal confiança, basta lançarmos um golpe de vista sobre a America Hespanhola. Não obstante uma homogeneidade linguistica igual á nossa e ali determinada por motivos analogos, os vice-reinos hespanhóes fragmentaram-se politicamente e a identidade de linguagem não impediu o desenvolvimento de particularismos nacionaes caracterizados por mentalidades peculiares, como o têm observado os mais sagazes americanistas, inclusive aquelles que se acham sob a influencia do ideal de uma coordenação da America Iberica. Sem alludirmos

a casos de accentuadas differenças ethnicas que singularizam certos paizes hispano-americanos, como o Mexico e o Paraguay, encontraremos a separar povos linguistica e racialmente homogeneos, como o chileno e o argentino, barreiras intransponiveis erguidas por psychismos nacionaes já irreductiveis.

No Brasil taes barreiras não são ainda capazes de impedir que a acção de uma vontade firme de unificar moralmente a nacionalidade as destrua, permittindo o caldeamento espirital da nação. Mas sómente por ignorancia ou por hypocrisia poderíamos contestar a existencia de mentalidades accentuadamente differentes nos varios grupos em que por enquanto ainda se divide o povo brasileiro. Ha, sem duvida, traços identicos e a apreciação exclusiva delles tem levado observadores profundamente intelligentes a acreditar na homogeneidade espirital da nação. Mas contrapondo-se a esses aspectos de uniformidade, ali estão as contradicções que fazem do gaúcho e do nordestino, do paulista e do mineiro typos inconfundiveis que poderão caldear-se psychicamente pelo entrelaçamento das actividades culturaes e pela evolução formativa de uma ethnia brasileira, mas que por ora são outros tantos nucleos individualizados, em torno dos quaes as futuras vicissitudes historicas poderão formar centros de esphacelamento nacional.

Semelhante perspectiva representa um perigo que, como procuraremos mostrar no ensaio immediato, tem um caracter muito mais realistico que se afigura aos

que encaram o problema da unidade nacional através apenas de um prisma sentimental. Impedir o desmembramento do Brasil, resume no actual momento histórico a finalidade das nossas aptidões políticas. A nenhum outro grande povo a defesa da sua coesão nacional se apresenta como um imperativo tão absoluto quanto no caso brasileiro. Para obedecer as directrizes impostas por esse imperativo supremo, temos de partir da confissão da precariedade das bases em que actualmente repousa a nossa unidade. E uma vez reconhecido esse facto desagradavel, cremos de orientar no sentido de neutralizar os seus efeitos a futura evolução política da nacionalidade. Foi o que não fizemos em mais de um século de existencia como nação independente.

VII

A NAÇÃO, A PROVINCIA
E O MUNICÍPIO

ENTRE as superstições modernas, uma das mais expressivas da tendencia a generalizações e ao descaso pelos aspectos particulares da realidade, tão característica do pensamento dos dois seculos que precederam o actual, é sem duvida a crença em que determinadas formas de governo deveriam desaparecer, enquanto outras offereceriam o unico modelo accitavel aos povos de cultura adelantada. Sob esse ponto de vista, o Occidente moderno distinguui-se de todas as outras epochas, quando a coexistencia no mundo de instituições politicas profundamente differentes era encarada como facto natural e decorrente das differenças visiveis nas condições e no temperamento colectivo dos varios povos politicamente organizados. A attitude de que só se destacaram no seculo XIX os pensadores politicos mais independentes e corajosos, deu como resultado uma preocupação de forçar as differentes collectividades nacionaes a viver dentro das configurações delimitadas por um theorismo politico aprioristicamente deduzido do dogma moderno da eguidade dos homens e da necessaria obliteração gradual dos traços separativos entre elles. Tanto no periodo antigo, como na epocha medieval e ainda nos

seculos intercalados entre a Renascença e a Revolução Franceza, nenhuma sociedade politica se constituiu sem que os seus organizadores se esforçassem por tornar as instituições e as leis correspondentes aos factos objectivos da vida collectiva a que se applicavam, para aproveitá-los quando de natureza benefica ou para eliminá-los ou attenuá-los quando nocivos ao bem commum. Procurava-se por certo receber os fructos da experiencia alheia. Mas ao estudar-se os exemplos das instituições e das leis de outros povos, o que se tinha em vista não era importar exoticismos politicos e juridicos; queria-se apenas aprender como em outros ambientes problemas identicos haviam sido resolvidos.

O ponto de vista dos reformadores do seculo XVII e do seculo XIX era totalmente differente. Estudavam os problemas politicos em abstracto, deduzindo corollarios dos postulados democraticos a que se attribuia o valor de principios universalmente exactos e logicamente demonstrados. De semelhantes directrizes decorria a idéa de que as instituições não eram simples construcções transitorias destinadas a maior ou menor duração e sempre servindo para facilitar o desenvolvimento historico de um grupo humano; mas archetypos de organização da sociedade politica, para os quaes se encaminhavam os povos na sua marcha evolutiva. Nunca, segundo tal principio, um estatuto politico perfeito na sua substancia doutrinaria e nas suas linhas organicas deveria ser responsabilizado pelos infortunios do povo

que o adoptara. As culpas deviam recahir sobre a collectividade que não estava preparada para aquella obra prima de sabedoria politica. Estamos todos lembrados ainda de ter ouvido dizer frequentemente entre nós que a Constituição de 1891 era excellente e que o povo brasileiro é que não prestava. Em semelhante proposição, ainda de vez em quando repetida nos pronunciamentos dos que não se conformam com as consequencias da actual crise brasileira, ha uma inversão da ordem natural das cousas, attribuindo-se o character de finalidade ao que era apenas um meio para attingir determinados objectivos. Se alguém usasse em relação aos casos habituaes da vida commum: egual methodo de raciocinar, todos o teriam como insensato. Mas a deformação psychologica que o ambiente cultural e social causou no homem contemporaneo o levou a aceitar como razoavel a mesma attitude critica, quando applicada ao facto politico.

*
* *

Semelhante tendencia ao theorismo politico tornou-se particularmente accentuada nas nações latinas que se organizaram como Estados independentes no primeiro quartel do seculo XIX e sobretudo no Brasil por motivos já focalizados em outro destes ensaios. Ao estabelecer-se, em 1889, o regimen republicano, identica era ainda a orientação predominante na minoria culta que

tomara conta do paiz e renovara a sua estrutura politica. Um dos signaes mais caracteristicos e tambem mais auspiciosos do progresso espiritual realizado insensivelmente pela nação através das vicissitudes dos quarenta annos da primeira Republica, foi exactamente a inesperada manifestação de uma rebeldia contra a politica theorica, que nunca tomara conhecimento da realidade do meio que se propunha a organizar segundo modelos aprioristicamente elaborados. Um movimento novo no sentido do realismo politico parecia prometter nos primeiros tempos que se seguiram á revolução de Outubro uma reconstrucção nacional, capaz de dar-nos instituições que se adaptassem ás nossas condições e aos nossos problemas. Entretanto, as correntes que se encaminhavam em tal sentido não tiveram força para impôr-se e neutralizar outras influencias fortemente impregnadas de exotismos variados.

O estudo dessas ultimas tendencias proporciona-nos um meio de apreciar as causas que annullaram o impeto renovador da revolução brasileira. Antes de examinalas, é preciso assignalar que a acção desvirtuadora do sentido nacionalista adquirido pela revolução de Outubro em consequencia da repercussão espontanea de tendencias latentes no sub-consciente colectivo, antes que do effeito de qualquer plano dos seus autores nessa direcção, foi muitissimo facilitada pela inconsistencia das aspirações a uma libertação do artificialismo politico e do jugo de formas copiadas de instituições estranhas.

O nacionalismo brasileiro não constituia um programma; era apenas uma vaga associação de idéas e de intuições, que ainda não se haviam definido na consciencia collectiva sob o aspecto nítido de um conceito geral para a orientação politica da nacionalidade. Na alma de cada brasileiro agitava-se uma imperfeita noção intuitiva da necessidade de expurgarmos as sedimentações com que se vinha durante mais de um seculo asphyxiando o genio nacional sob o peso de cousas que não nos pertenciam e ás quaes não nos podíamos adaptar. Mas esse sentimento diluido pela totalidade da nação não tomara no espirito da elite dirigente as formas claras de uma representação mental do problema brasileiro.

Ainda na mesma ordem de idéas, devemos abordar aqui outro aspecto a nosso vêr essencial no estudo da revolução de 1930, que é o seu caracter prematuro. A opinião generalizada é ter a revolução occorrido quando as circumstancias a tornavam inevitavel. Um dos organizadores do movimento de Outubro, Virgílio de Mello Franco, na obra mais documentada que appareceu sobre a genesis da revolução (1), definiu esse ponto de vista de modo lapidar, dizendo não ter sido ella boa, nem má, mas inevitavel. Discordamos radicalmente de semelhante ponto de vista. Afigura-se-nos que a revolução de 1930 teve como principal e talvez unico defeito ter sido um movimento politico precipitado por circumstancias fortuitas e por motivos pessoaes dos seus

(1) Virgílio e Mello Franco — "Outubro - 1930" — Rio, 1931.

promotores, o que resultou em verdadeiro aborto da authentica revolução brasileira, que só poderia vir á luz ao cabo de uma gestação espirital sufficientemente prolongada, para dar forma e consistencia aos ideaes politicos e sociaes existentes apenas como esboços embryonarios no sub-consciente nacional.

Como procurámos mostrar no primeiro dos ensaios reunidos neste livro, a revolução em si teve um caracter de certo modo conservador. Em outras palavras, a revolução, como todas as crises de mutação que se operam na natureza, crystalliza em novas formas organicas da sociedade pela eliminção de outras as configurações elaboradas em um dado momento historico pela mentalidade das elites intellectualmente dirigentes. Entre nós, em 1930, esse trabalho de gestação mental estava apenas mal começado e o declinamento de idéas politicas era ainda tão rudimentar, que o proprio choque traumatico determinado pelo movimento revolucionario o dissolveu. A revolução apoderou-se do paiz e quando, passado o momento de exaltação da facil victoria, se viu com as responsabilidades de traçar novas directrizes ao Brasil, descobriu que nada tinha em si para inspiral-a e oriental-a. Por esta forma a nossa revolução foi anti-revolucionaria. Não destruiu tanto as formas de organização pre-existentes, quanto interrompeu o curso do proprio movimento ideologico, que viria torrial-a no correr do tempo uma verdadeira mutação historica na vida da nacionalidade.



O que a revolução não podia realizar por faltar-lhe a força viva de uma ideologia coerente, as correntes impregnadas de influencias exoticas tentaram levar por deante, procurando cada uma dellas impellir o impeto revolucionario para a escola estrangeira donde recebia inspiração. Mais uma vez o Brasil deveria reflectir no espelho fosco da sua sociedade ethnica e culturalmente heterogenea os raios emarados de longinquos centros de luminosidade transatlantica.

Duas ideologias propuzeram-se a capturar o Brasil revolucionario, reproduzindo no seculo XX em circumstancias evidentemente differentes a competição catechista de calvinistas e jesuitas. O communismo russo e o fascismo italiano surgiram como os dois credos que se disputavam a missão de plasmar um Brasil novo. Insucesso estava entretanto reservado ás duas escolas de néo-catechistas, embora tanto na fé moscovita como na nova religião capitolina muita coisa houvesse de universal e portanto de possivel aclimação ao meio brasileiro. Mas nem o communismo, nem o fascismo podiam ser transplantados para o Brasil no conjuncto das suas configurações institucionaes, porque um era criação peculiar do genio da Asia infiltrado na alma slava com o sangue das hordas de Gengis Khan. E o outro não podia encontrar no Brasil as sedimentações mille-

narias de formação histórica em que Mussolini abriu os alicerces da nova Itália imperial. E assim, comunismo e fascismo só têm servido para distrahir os brasileiros do seu verdadeiro roteiro revolucionario e fazel-os voltar descontentes e desiludidos para o velho arraial, em que durante um século marcámos passo no nosso desenvolvimento histórico, acreditando que progredíamos por andar a macaquear ridiculamente parlamentares ingleses e juizes norte-americanos.

Mas não se traumatiza em vão um organismo nacional. E o choque de Outubro de 1930 abalou o Brasil de modo a não lhe permittir a volta ao equilibrio, enquanto não se puzer em harmonia com o sentido particular da sua formação e do seu destino. Qual tenha sido essa formação começamos hoje a sabel-o com mais ou menos precisão. Quanto ao destino temos todos ainda uma idéa muito vaga que fluctua entre a crença megalomânica em uma especie de imperio universal, nos momentos raros e passageiros de exaltação cívica, até a opinião mais normal de que vegetaremos de geração em geração, levando as cousas mais ou menos como ellas têm vindo até agora. Contudo, sem se poder fazer prognosticos, é facil affirmar-se que o Brasil sem talvez conseguir candidatar-se á liderança da humanidade, não realizará por certo o prodigio de prolongar por muitas dezenas de annos o regimen de provisoriidade histórica, em que temos vivido desde a Independencia. Tornar-nos-emos consciences das nossas proprias realidades sociologicas e do sentido daço ao nosso desen-

volvimento pela formação sociogenica e organizaremos assim a vida nacional dentro da configuração brasileira, ou caminharemos para a morte nacional sob a forma do desmembramento das actuaes provincias ou pelo fim ainda mais inglorio de uma resignação de escravos a qualquer modalidade de imperialismo economico que vier a actuar sobre nós.

A descoberta daquelles elementos essenciaes á determinação das nossas futuras directrizes politicas, não exige, entretanto, um trabalho de analyse introspectiva da consciencia nacional, como se poderia julgar á primeira vista. Se neste paiz tão cheio de doutores em pedagogia não se tivesse descurado ao extremo tão inexplicavel quanto alarmante o estudo da historia nacional, até os adolescentes com um curso satisfatorio de educação elementar seriam capazes de resolver para tranquillidade da sua consciencia civica o problema da orientação politica do Brasil. Para isto basta pensar no que era o Brasil ao tempo em que as vicissitudes da politica européa atiraram para estas terras a côrte fugitiva de D. João VI e quando exactamente a elite nacional começava a dar forma ás aspirações de uma organização coltosa do que era ainda apenas um mosaico de provincias, que annos mais tarde o genio politico de José Bonifacio iria coordenar em um grande imperio americano. Até 1808, a politica de Portugal consistiu em impedir que se formasse o Brasil. A propria forma plural que na metropole se usava em relação aos domínios americanos da corôa, indicava a preocupação

constante do parcellamento da terra e da gente em unidades administrativas com: que o governo de Lisboa pudesse sempre lidar separadamente, de modo a impedir se estabelecessem entre ellas vinculos de união capazes de servir de trama á estructura de uma nacionalidade cohesa. Aliás nesse ponto, Portugal seguia apenas o criterio geral das nações colonizadoras. A Grã-Bretanha fez o mesmo em relação ás suas colonias da Nova Inglaterra, o que não impediu que ellas afinal emergissem do Congresso de Philadelphia congregadas em uma unidade federativa, para só modificar por completo esse rumo da sua politica colonial cerca de um seculo após a dura lição americana e quando appareceu para guial-a nesses assumptos o genio imperial de Disraeli.

Mas se Portugal, para impedir que os Brasis se tornassem um Brasil, nos manteve separados nos compartimentos estanques das provincias sobre as quaes a autoridade quasi platonica dos governadores geraes e depois dos vice-reis fôra apenas um decorativo symbolo da corôa distante, parecia logico que ao quereremos constituir exactamente aquillo que a metropole procurara evitar, tivéssemos tido desde logo o cuidado de abandonar as bases do systema lusitano. Nos Estados Unidos, onde as colonias formadoras do nucleo inicial da União se achavam em um regimen de mutua separação muito mais profundo que no Brasil, o espirito nacionalista de Alexandre Hamilton não podendo chegar ao systema unitario que elle teria desejado organizar, deu á configuração federativa uma forma de cohesão eco-

nomica, que neutralizou desde o nascimento da Republica qualquer futura acção dissolvente do virus separatista. E assim, o grande estadista do Congresso de Philadelphia lançou as bases da unidade que, oito decadas mais tarde, permittiria aos Estados da Nova Inglaterra, depositarios da tradição da independencia, resistir victoriosamente ao escravismo separatista das unidades meridionaes. No Brasil o problema teria sido de solução mais facil aos homens de 1822 e de 1831.

A Provincia fôra o instrumento de mutilação prévia da nacionalidade ainda por formar-se, que a sagacidade astuciosa e previdente da metropole concebera como arma para perpetuar em tranquillidade o seu dominio nas terras americanas. Não era, portanto, sobre a Provincia que se tinha de erguer a estructura nova do Brasil nacionalidade. Este surgira exactamente da lucta exercida pela consciencia nacional embryonaria através de outro orgão, este genuinamente brasileiro e nacionalista, que foi o Municipio.

*
* *

Durante todo o periodo colonial o facto politico que se destaca da evolução da nascente sociedade brasileira, é o papel desempenhado pela organização municipal. Em torno das cumaras não se desenvolve apenas a limitada actividade civica exercida em relação ás questões de interesse meramente local. Da função administrativa do poder municipal emerge desde cedo uma

forma de actuação nitidamente politica, orientada no sentido dos interesses geraes a principio da região provincial e mais tarde do proprio conjuncto da nacionalidade. Assim, o patriotismo brasileiro teve uma formação caracteristicamente centrípeta, irradiando para a convergencia de uma idéa nacional não das provincias que permanecem como simples divisões administrativas, mas dos municipios que são os nucleos activos de uma consciencia politica gradualmente evoluída.

Tendo sido na sua origem simples configuração administrativa e burocratica, a Provincia, como acima observámos, passou a ser o instrumento politico com que o governo da metropole impedia a consolidação de uma nacionalidade brasileira. Embora o Municipio tivesse sido sempre o centro de elaboração de actividades politicas na colonia e o nucleo gerador da idéa nacional, os resultados anti-brasileiros, visados pelo regimen administrativo que a metropole estabelecera e mantinha, vieram afinal a fazer-se sentir. Quasi sem relações umas com as outras e ligadas entre si pelos vinculos meramente platonicos que se enfeixavam nas mãos dos governadores-geraes e depois dos vice-reis, as provincias não podiam escapar ao desenvolvimento de um particularismo regionalista, que com o correr do tempo acabou por individualizar em grupos mais ou menos definidos as respectivas populações.

Vieram a crear-se assim no Brasil-colonia duas correntes psychologicas bem diferenciadas. Uma era a do sentimento nacional ainda mal caracterizado e que

promanava da elaboração cívica da vida municipal. A outra era representada pelos particularismos provinciaes adstrictos ao circulo dos interesses regionaes e orientando-se mais para Portugal, donde aquelles interesses exclusivamente dependiam, que para o conceito ainda abstracto e informe de uma patria brasileira.

A Provincia era egoista e lusitana. O Municipio projectava-se para alem da sua esphera acanhada e era essencialmente brasileiro e pelo menos sub-conscientemente anti-portuguez. A razão deste phenomeno á primeira vista curioso era entretanto muito simples. O dominio portuguez não era politicamente oppressivo. As relações do governo de Lisboa com as provincias não envolviam vexames e constrangimentos que creassem nellas fortes antagonismos contra a metropole por parte dos elementos socialmente predominantes e que em torno dos governadores constituíam uma especie de oligarchia colonial. Diversa era a situação do Municipio. Nestes desenvolviam-se as actividades economicas sobre as quaes pesava asperamente o conjuncto de medidas administrativas e fiscaes, com que o governo metropolitano se apropriava pela taxaço e por outros meios de uma quota muito consideravel dos fructos do trabalho brasileiro. Assim, enquanto a Provincia não tinha razão de queixa de um estado de cousas, em que a parte politica que mais directamente a affectava era perfeitamente toleravel e os interesses, embora attingidos pelo regimen administrativo e fiscal, soffriam os seus effeitos menos sensivelmente, dado o seu vulto

mais consideravel, o Municipio que era o ponto de applicação directa daquelle regimen e onde os interesses mais modestos soffriam penosamente as suas consequencias, tinha forçosamente de tornar-se o nucleo de descontentamento contra o systema colonial. Deste modo, a formação da mentalidade, que pouco a pouco tomou proporções sufficientes para crear o desejo da emancipação nacional, foi obra exclusiva da fermentação cívica municipal.

Na logica dos acontecimentos parecia estar implicitamente contida a abolição do systema administrativo provincial, uma vez separado o Brasil para organizar-se em nacionalidade independente. A Provincia era um órgão que servia exclusivamente aos objectivos da politica colonial portugueza e não correspondia e antes se antagonizava ao sentido do desenvolvimento natural da nacionalidade que se constituia. Os interesses da segurança politica desta pareciam exigir o recurso a um expediente qualquer com que se destruissem efficazmente as barreiras separativas, por meio das quaes Portugal mutilara administrativamente o Brasil, afim de impedir a sua coordenação politica.

*

* *

Os homens de 1822 (para sermos mais verídicos deveriamos dizer apenas José Bonifacio, que no drama da Independencia apparece como figura isolada de homem de Estado) prestaram tão relevante serviço impedindo

o desmembramento do Brasil naquella crise, que repugna arguil-os pelo erro commettido na manutenção intacta da organização administrativa do regimen colonial. Póde-se mesmo dizer em sua defesa que teria sido perigoso tocar nesse assumpto e que o erro foi um acto de sabedoria politica por ter evitado mal muitissimo maior. Mas subsiste o facto de que o Brasil iniciou a sua vida de nação independente conservando uma organização administrativa e territorial diametralmente opposta ao interesse precipuo da nova nacionalidade, que era consolidar a sua unidade politica. E as consequencias desse máo principio vieram succedendo umas ás outras, de modo a fazer com que o Brasil-nação continuasse a desenvolver em seu detrimento a mesma politica que Portugal adoptara em proveito proprio.

Tem-se affirmado e corre como verdade axiomática a these de que o Imperio consolidou a unidade nacional, depois prejudicada pelo federalismo da Republica de 1889. O que é positivamente certo, entretanto, é que durante o regimen imperial o movimento de accentuação dos particularismos regionalistas veiu progredindo, ao ponto em que a Federação se tornou não muito mais que a consagração jurídica de uma situação de facto que se estava a crear. O Acto Adicional imprimiu ao antigo character meramente administrativo da organização provincial o cunho inequivoco de uma significação politica. Não ha nenhum exaggero em dizer-se que com aquella reforma da Constituição de 1824, o Brasil deixou de ser um imperio rigorosamente unita-

rio, para transformar-se em uma virtual monarchia federativa, embora as prerogativas do poder central cerassem ainda as autonomias provinciales.

O Imperio não consolidou a unidade brasileira. O sentido da sua politica foi mesmo contrario ao robustecimento dessa unidade e podemos acrescentar contrario tambem ao proprio senso commun. No caso de um paiz como o Brasil, uma politica de unificação nacional tinha evidentemente de apresentar duas faces na apparencia contradictorias, mas claramente complementares. Parallelamente com as medidas tendentes a unificar cada vez mais politicamente a nação, era necessario adoptar o regimen administrativo descentralizado até o extremo compativel com aquella unidade politica. Durante a epoca imperial ou mais exactamente até o fim da guerra do Paraguay, a centralização administrativa teve um caracter ferreo, enquanto os particularismos politicos iam sem obstaculos se robustecendo nas provincias. A rigida centralização administrativa, retardando o progresso material das provincias, creava um justo motivo ao incitamento dos particularismos regionalistas. Este regimen foi mantido pelos estadistas do Imperio sem afrouxamento na pratica até a decada de 60, quando sob a pressão das forças politicas regionaes das provincias mais importantes se foi deixando a estas maior liberdade no tocante aos seus negocios locais e até na indicação dos seus presidentes e altas autoridades administrativas e judicarias. Mas essa condescendencia inevitavel não sustou, como não podia conter, o curso

progressivo das aspirações regionalistas, que nas vésperas da proclamação da Republica já haviam tornado o regimen federativo inevitavel, mesmo quando a Monarchia tivesse podido prolongar a sua existencia.



A reforma da organização administrativa do paiz que teria sido um problema difficil e delicado no momento da Independencia, tornava-se de solução impossivel ao ser proclamada a Republica. Esta viera a ser uma realidade mais pela pressão das aspirações federalistas já empolgando figuras representativas dos partidos monarchicos, que pela ascendencia da corrente hostil ás instituições do Imperio. Tivesse este encontrado nos seus estadistas uma visão mais clara do momento politico nacional, fazendo seguir-se immediatamente á abolição do trabalho escravo a iniciativa de uma reforma politica no sentido federalista e é quasi certo que, apesar das apprehensões e desconfianças suscitadas pelas perspectivas do terceiro reinado, a Monarchia tivesse podido sobreviver pelo menos ao periodo immediato a despeito do sentimentalismo republicano, que se insurgia contra a posição singular do Brasil no meio das republicas da America. A idéa federativa estava em 1889 em tal ascendencia na mentalidade politica brasileira que, longe de serem accusados de terem enfraquecido a unidade nacional, os constituintes de 1891 merecem louvor pela firmeza com que limitaram as autonomias provinciaes

por forma a não tornar desde logo o Brasil uma confederação de Estados semi-independentes. Quando se observa a acção dos homens do Imperio que elaboraram o Acto Adicional e se analyse a ambiencia politica daquelle epoca, comparando-a com a do momento da promulgação da Constituição de 1891, tem-se forçosamente de reconhecer que os primeiros zelaram muito menos pela unidade nacional, estimulando os particularismos politicos regionaes, que os ultimos resistindo á maré federalista em plena enchente por occasião da queda da Monarchia.

O erro de que a justiça historica tem de inculpar os fundadores da Republica, não foi a concessão ás provincias de prerogativas autonomicas que representavam o minimo com que ellas se teriam contentado e que de um modo geral attendiam ás necessidades evidentes da descentralização administrativa. Afigura-se-nos que a maior fraqueza da Constituição de 1891 em relação ás garantias da unidade politica da Republica, consistiu em um erro de omissão no tocante á organização dos municipios. Em vez de reconhecer em um dispositivo placido a importancia vital dos nucleos municipaes na estrutura da nacionalidade, assegurando-lhes de um modo vago a autonomia, parece que os constituintes de 1891 perderam a grande oportunidade que se lhes offerecia de aproveitarem o restante clima politico federalista, para investir afinal o Municipio das prerogativas que tanto a sua funcção historica na formação nacional, como a garantia da unidade do Brasil justificavam e impunham mesmo lhe fossem attribuidas.

Os legisladores constituintes da primeira Republica não se mostraram insensíveis ao papel do Município na vida nacional do Brasil. Mas se contentaram em render uma homenagem doutrinaria áquella realidade, imitando aliás de modo menos solenne e expressivo o gesto de D. Pedro I ao submeter ás camaras municipaes a Constituição de 1824. Evidentemente na terceira decada do seculo estava mais viva na consciencia da classe dirigente a idéa do valor politico da organização municipal e o primeiro imperador substituindo o voto da assembléa summariamente dissolvida pela formalidade do juramento da Constituição pelas camaras municipaes, deixou registrada na historia brasileira a prova de que então as edilidades do paiz eram reconhecidas por um consenso de opinião como os órgãos mais representativos da vontade geral. A attitude dos constituintes de 1891 em relação aos municipios e á sua autonomia, é um pallido reflexo do ponto de vista expresso com tão maior solemnidade na forma adoptada em 1824 para a promulgação da Constituição do Imperio. Evidentemente no decurso de sessenta e sete annos se apagara muito na nossa consciencia politica a idéa do valor insubstituível das cellulas municipaes, como os verdadeiros órgãos de expressão do sentimento publico e de cohesão politica da nacionalidade.

A reorganização politica de 1934 poderia ter marcado o ponto inicial de um movimento de retorno ao curso normal do nosso desenvolvimento historico pela reabilitação do Município na investidura da sua função tra-

diciona! de orgão precípua do dynamismo cívico da nacionalidade. Sem duvida, o novo estatuto politico patentea bem significativamente o ponto de vista em que se vae collocando a consciencia nacional no apreço do papel que só pôde ser entre nós desempenhado pelos nucieos municipaes. Mas alóra certas transigencias com o espirito novo, a Constituição de 1934 continúa a manter os postulados sobre os quaes assenta a nossa organização politica desde 1824. Subsiste uma estrutura de entidades hierarchicas — o Municipio, a Provincia e a Nação — a cada uma das quaes cabem promiscuamente funcções politicas e administrativas, sendo a theoria do regimen baseada no principio de que o Municipio vive para a Provincia e esta deve existir para o todo nacional. Entretanto, não é essa a organização que logicamente deveria promanar da obediencia ás directrices pelas quaes se plasmou o Brasil-nação.

Uma organização da nacionalidade que visasse a conformidade com a physionomia peculiar desta e com os seus antecedentes formativos, deveria ter como principio fundamental a discriminacão nitida entre a finalidade administrativa da Provincia e a funcção politica do Municipio. A mais ligeira analyse das condições geographicas e economicas do Brasil, basta para pôr em evidencia a necessidade de uma divisão territorial em circumscripções sufficientemente autonomas para resolverem os problemas administrativos e attenderem á economia regional, sem os entraves que resultariam de um regimen de centralização. Quando não se pudesse

aprioristicamente chegar a esta conclusão, a experiencia do periodo imperial ali estaria para dissipar quaesquer duvidas sobre o caso. Assim, a Provincia apparece em um plano racional de organização brasileira, como órgão insubstituível de propulsão e coordenação dos interesses economicos regionaes, tendo semelhante função completada pela de orientar aquelles interesses no sentido de uma concatenação com os das outras regiões em harmonia com o rythmo nacional imposto pela União. O papel que se deveria attribuir ao Municipio é outro e de certo modo opposto á finalidade administrativa que cabe á Provincia em consequencia dos inilludiveis imperativos geographicos e economicos a que alludimos. Sem deixar, é claro, de exercer actividades administrativas que pela sua natureza incidem exclusivamente na orbita da organização edilica, o Municipio tem a missão politica de célula elaboradora das energias civicas da nacionalidade, cabendo-lhe contrapôr a consciencia nacionalista de que é órgão formador por excellencia ás tendencias do particularismo regionalista que se geram no regionalismo administrativo da Provincia.

O problema da unidade nacional que uma politica de avestruz pôde insistir em julgar caso resolvido e não mais merecedor dos nossos cuidados, mas que continúa a ser questão em aberto, só poderá vir a ser solucionado de modo a garantir a integridade definitiva do Brasil por uma organização politica na qual sejam attendidos os aspectos administrativos e politicos da vida do paiz pela differenciação das funcções da Provincia e do

Município. Enquanto persistir como principio básico da estrutura da nacionalidade o conceito de que esta é formada por provincias divididas por seu turno em municipios, em vez de consolidarmos uma união federativa, estaremos caminhando para uma confederação de Estados, que será o preambulo do gradual desmembramento da organização nacional. Desde que a Provincia deixe de ser simples configuração creada para fins meramente administrativos e se torne tambem um nucleo de actividades politicas particulares, é inevitavel a formação de uma consciencia politica local, que pouco a pouco tenderá a inverter o conceito federativo, para julgar-se expressão de uma parcella da soberania nacional. Ora, no regimen federal, como ninguem ignora, a soberania é una e indivisivel, competindo aos Estados apenas as attribuições que a nação em conjuncto, no exercicio daquella soberania, lhes confere por motivos de ordem regional e de conveniencia geral do paiz. Desde que as provincias desenvolvam uma consciencia politica particular, ainda mesmo que não se manifestem nella inclinações para o desagregamento, a estrutura politica unitaria da Federação fica virtualmente fragmentada, convertendo-se o regimen federativo em confederativo.

O Município que pela sua propria natureza não pôde ser campo de cultura de tendencias orientadas no sentido do particularismo politico local, actua como órgão de acção politica nacionalista e unificadora. Foi essa a função por elle exercida no periodo colonial e a ella devemos, como tivemos occasião de mostrar, a criação

de um espirito brasileiro que elaborou tenazmente a Independencia e sobrepoz-se na occasião desta aos particularismos provinciaes, permittindo que nos separassemos da metropole, incorporando no Imperio nascente todos os territorios portuguezes da America.

O typo de organização adoptado em 1824 e mantido nas Constituições de 1891 e 1934 apresenta, alem do vicio essencia' decorrente do seu antagonismo ao sentido historico da formação nacional, um perigo que no futuro tornará difficilima a manutenção da unidade nacional, se antes d'isso não tivermos retomado o curso normal da nossa evolução politica. A segunda Republica, como o fizera a primeira seguindo o exemplo do Imperio, conservou as divisões territoriaes do periodo colonial. A desproporção entre as areas dos Estados não nos causou ainda surpresas e difficuldades, porque exactamente as unidades federativas mais extensas são quasi todas as mais atrasadas e, portanto, as menos capazes de tornarem-se desde já nucleos de sentimentos particularistas em proporção incompativel com o equilibrio da nacionalidade. Mas no dia em que Matto Grosso, Goyaz, o Pará e o Amazonas tiverem uma população de densidade consideravel e o seu adeantamento economico houver creado ali as condições sociaes e politicas para o surto de um particularismo regionalista analogo ao que hoje se observa em alguns Estados, será provavelmente um problema de solução difficilima manter unida uma nacionalidade em situação de equilibrio tão instavel. Realmente é um thema fascinante para pre-

visões da historia futura, o quadro de uma federação na qual coexistam Estados, como Sergipe, Espirito Santo e Santa Catharina, ao lado de outros mais ou menos egualmente desenvolvidos e tendo a extensão territorial de Matto Grosso e do Amazonas. Quando se considera as facilidades que a civilização contemporanea proporciona ao rapido progresso de regiões dotadas de elementos naturaes de riqueza, pôde-se comprehender que a perspectiva aqui esboçada não precisa de muitas e muitas dezenas de annos para tornar-se uma realidade inquietadora.

A solução do problema brasileiro parece, pois, impossivel fóra de uma configuração, em que a unidade nacional se apoie nos municipios. Destes é que deve emanar a vida civica da nação e sobre elles tem de alicerçar-se a estructura de uma organização politica e de um systema representativo, que possam exprimir, através de um apparelho federal politicamente unificado, a soberania brasileira. A Provincia, necessidade imposta pela fatalidade de condições irremoviveis e pela propria pressão de factores economicos cuja actuação se irá accentuando cada vez mais, tem de sobreviver como simples estructura administrativa. Questões economicas e sentido politico do desenvolvimento nacional polarizam-se, no caso brasileiro, como forças respectivamente orientadas na direcção do desmembramento e da unidade. A Provincia é o factor historico de separação; o Municipio o instrumento unificador, o nucleo onde se tem de elaborar a consciencia homogenea da nacionalidade.

VIII

CONFLICTO DE CULTURAS

NÃO foi simples effeito de apreciação banal de algumas analogias superficiaes sem grande significação sociologica, o conceito que intuitivamente o brasileiro veiu a formar da semelliança da sua posição na America á situação dos Estados Unidos, em contraste com o que se passa em relação ás outras nações do continente. Os pontos de contacto, taes como a grandeza territorial, condições geographicas favoraveis á expansão continua de uma nacionalidade unificada, riquezas naturaes e outros traços que nos approximam da republica do norte, pouco valor apresentam na determinação de uma analogia que procede da identidade de circumstancias muito mais profundas e nas quaes se delineam problemas da mesma natureza e finalidades que offerecem mais de um aspecto commum. O Brasil e os Estados Unidos são no continente americano os dois unicos casos de nacionalidades a que se póde applicar com rigor sociologico o qualificativo de novas. As outras nações representam transplantações puras e simples de fragmentos das sociedades européas, de que as respectivas populações foram destacadas no processo da colonização. Ha algumas excepções a que em seguida alludiremos.

mas que são mais apparentes que reaes, embora nellas se encontre precisamente o inverso da migração victoriosa de elementos alienigenas.

A Argentina, o Uruguay e o Chile são ethnica, social e psychicamente projecções authenticas do tronco ibérico. Ali a raça colonizadora eliminou o aborigene ou o assimilou em parcellas tão diminutas, que as ethnias nacionaes formadas podem ser consideraças tão puramente europeas, como as de qualquer paiz do continente colonizador, quando levamos em conta as infiltrações de sangue não europeu operadas em varias epochas da historia da Europa pela acção de vicissitudes de variada natureza. Em outras das republicas latino-americanas teve logar sem duvida uma mestiçagem, cuja influencia na formação dos respectivos grupos nacionaes não póde ser posta em duvida. Mas no Perú, na Bolivia, na Colombia, na Venezuela ou no Equador, na America Central e em Cuba, os elementos raciaes não europeos não conseguiram, apesar do caldeamento, exercer uma influencia apreciavel na formação cultural das populações. Occorreu ali o phenomeno tantas vezes registrado na confluencia de raças differentes. A cultura hespanhola dominou exclusivamente, assimilando e transmutando em valores do seu proprio typo quaesquer elementos estranhos, que o contacto das raças e a sua mestiçagem tenham trazido ao seu alcance.

Temos ainda os casos a que acima nos referiamos e que são os do Mexico, do Paraguay e das duas republicas em que se divide a ilha de S. Domingos. Ali a

cultura européa não pôde fazer mais que crear uma camada superficial, de espessura maxima no caso mexicano e quasi nulla no Haiti e na Dominicana. A estrutura da velha formação cultural aborigene tanto no Mexico, como no Paraguay, manteve-se em uma latencia que se vem transformando em reacção dynamicamente contra o europeísmo, desde a abolição do dominio metropolitano. Acontecimentos actuaes, principalmente no que toca ao caso do Mexico, estão mostrando como a vitalidade da cultura autochtone promette encaminhar a futura evolução daquellas nações, no sentido de uma individualização progressiva dos seus attributos peculiares, que a violencia exterior mantida durante tres seculos não conseguiu apagar. As duas pequenas republicas antilhanas são colonias africanas, sobre as quaes a unica influencia perceptivel da Europa é a representada nos seus idiomas.

Profundamente diversa é a situação do Brasil e dos Estados Unidos. Tanto em um como em outro caso, temos exemplos caracteristicos da elaboração de nacionalidades inteiramente novas com formação cultural peculiar que, no caso dos Estados Unidos, já attingiu uma configuração mais ou menos definida e que no tocante ao Brasil não passou ainda de informe nebulosa. E se analysarmos o determinismo dessa posição especial das duas nações, verificaremos a semellança dos factores em jogo na genesis de uma e de outra.

A colonização, tanto no Brasil como nos Estados Unidos, apresentou um impressionante traço fundamen-

tal de analogia. A enorme extensão da area territorial, creando uma desproporção esmagadora entre a força numerica dos colonizadores e o problema da occupação do territorio envolveu como primeira consequencia a lentidão do desenvolvimento da colonização. No caso brasileiro a conquista fez-se com relativa celeridade, devido ao impeto arrojado das bandeiras, mas a affirmação da soberania sobre o territorio não foi, como não podia ser, acompanhada de uma penetração mesmo de longe a ella comparavel das forças organizadoras da economia e da civilização do paiz. Nos Estados Unidos, a propria integração territorial foi lenta e seguiu a marcha das vicissitudes da politica européa.

O vagar na propulsão da onda colonizadora fez com que se prolongasse por um grande lapso de tempo a permanencia dos colonos na ambiencia peculiar, creada pela instabilidade economica e social de uma existencia caracterizada pela irregularidade, pelos riscos e pelas aventuras e surpresas da actividade do pioneiro. As influencias desse meio anormal que manteve por successivas gerações condições sociaes profundamente differentes das que se encontravam nas metropoles européas, reagiram sobre as populações coloniaes, alterando-lhes profundamente os traços psychicos originaes e plasmando desde logo uma physionomia particular á nova cultura que se formava deste lado do Atlantico.

Mas a extensão territorial e outras circumstancias decorrentes do clima e de certas formas de producção agricola desconhecidas do europeo, acarretaram outra

causa ainda muitíssimo mais efficiente para imprimir tanto ao Brasil, como aos Estados Unidos, caracteres nacionaes, inconfundiveis. O desenvolvimento economico em ambos os casos exigiu a importação de trabalhadores escravos, que tinham de ser trazidos da Africa, uma vez comprovada a inadaptabilidade das populações indigenas a uma actividade agricola systematica e em grande escala. Embora na America do Norte a mestiçagem tenha sido quasi nulla apesar de um pouco mais avultada que se poderia julgar, o contacto com a raça africana e sobretudo as influencias psychicas e sociaes geradas pelo trabalho escravo concorreram de modo incalculavel para crear uma mentalidade, que desde logo predispôz os colonos para um rumo de evolução cultural desviado das directrizes classicas do psychismo da raça metropolitana. Afigura-se-nos que entre os multiplos factores da aptidão peculiar do espirito americano para lidar com massas gigantescas em todos os planos de actividade, não deve ter deixado de entrar com uma parcella apreciavel a influencia das idéas e dos habitos adquiridos na produçãõ latifundiaria com o seu inseparavel corollario da relevancia precipua do elemento quantitativo no jogo desse typo especial de economia. Aqui temos mais um ponto de contacto entre a formaçãõ brasileira e a dos Estados Unidos e tambem um indice de analogia no tocante a tendencias que entre nós ainda não tiveram oportunidade de manifestar-se na plenitude da sua significaçãõ. Mas o paralelo tem deste ponto em deante de cessar, porque no nosso caso

os factores de individualização nacional apresentaram um caracter ainda muitissimo mais accentuado que na sociogenia da grande republica americana.



Em nenhuma outra nacionalidade surgida nos tempos modernos, encontra-se caso analogo ao do Brasil com a coexistencia até hoje persistente de tres correntes de formação cultural, na accepção sociologica do termo, mantendo-se todas ellas com vitalidade e nitida caracterização dos seus traços essenciaes, a despeito do predominio adquirido por uma dellas. Costuma-se e com razão focalizar o successo e a relativa rapidez do caldeamento que vae formando de europeos, africanos e amerindios uma ethnia brasileira já em consideravel adiantamento no processo de definição dos seus caracteres fundamentaes. Mas parallelamente e em contraposição á mestiçagem ethnica subsiste no meio brasileiro um phenomeno estranho, que é o da persistencia das culturas respectivamente identificadas com as tres raças formadoras da ethnia nacional. Brancos, negros e avermelhados fundem-se no typo que será o padrão do brasileiro do futuro. Mas a cultura européa, a cultura africana e a cultura amerindia mantêm-se no que nellas ha de essencial isoladas e oppondo umas ás outras os seus valores ethicos, metaphysicos, sociaes, economicos e politicos.

Sem dúvida, tem havido entre as tres culturas um intercambio que seria aliás impossivel não tivesse tido lugar e que infiltrou na cultura do typo europeu numerosos elementos africanos e amerindios. Mas parece-nos que os estudiosos da nossa sociogenia que têm tirado desse facto conclusões no sentido de que se esteja processando uma synthese cultural, como acaba de fazello com grande profundeza e abundancia de argumentos plausiveis Gilberto Freyre (1), têm sido levados a essa illação por um apreço falso do que realmente tem occorrido e continúa a ser a realidade. Não se pôde dizer que as correntes de cultura das tres raças fundamentaes tendam a uma especie de caldeamento psychologico. O que houve e continúa a processar-se é apenas o resultado inevitavel dos contactos verificados no decurso de seculos de convivencia e de mistura sexual das tres raças. Mas as culturas subsistem impermeaveis umas ás outras e ocorre sobretudo um phenomeno da mais alta importancia sociologica e que se nos afigura não ter sido ainda devidamente apreciado.

A cultura branca tem soffrido no Brasil as influencias das culturas africana e amerindia, mas estas não têm assimilado de modo correspondente os elementos da cultura européa. Se examinarmos cuidadosamente as deformações que o sentido ethico, o sentimento religioso, o conceito da organização e de um modo geral a attitude em face do universo, que caracterizam a cul-

(1) Gilberto Freyre — "Casa Grande & Senzala" — Rio, 1934.

tura européa, soffreram no intercambio com as culturas africana e ameríndia e passarmos em seguida ao balanço dos resultados da influencia branca sobre estas duas culturas, seremos forçados a concluir que o branco se africanizou e indianizou incomparavelmente mais, que o negro e o índio submettidos compulsoriamente ao rythmo da civilização européa se modificaram pela acção desta. Innumeros são os aspectos do nosso dynamismo social e das vicissitudes da nossa historia que se explicam e só podem ser explicados por essas deformações da cultura branca, creando contradicções entre o nosso psychismo fundamental e os padrões europeos pelos quaes a parte da nossa mentalidade não affectada pelas influencias africanas e ameríndias insiste em impôr-nos como regras de vida individual e collectiva. Entretanto, os elementos representativos das culturas não européas mantêm na sua vida psychica e nas suas attitudes espontaneas uma harmonia, em que se patentea de modo inequivoco a consistencia integral do complexo de idéas, de sentimentos, de habitos e de pontos de vista sociaes e ethicos caracteristicos do typo cultural a que pertencem.

*

* *

O caldeamento no Brasil apresenta de modo muito caracteristico a preeminencia da mestiçagem psychologica sobre o facto biologico da miscigenação. Aliás, a mesma cousa se verifica sempre que a mestiçagem tem

logar entre raças consideravelmente diferenciadas. O aspecto meramente somático do caldeamento não parece resolver o problema psychologico muito mais delicado e de muito maior relevancia social do amalgame dos traços característicos das mentalidades dos grupos ethnicos que se fundem. A formação de uma ethnia mais ou menos homogenea na qual se reúnem e se harmonizam os caracteres phisicos dos typos anthropologicos caldeados, produzindo outro que pôde ser considerado representativo da mestiçagem, não implica em garantia da estabilização psychica desse novo typo racial. E' bem possível mesmo que o caldeamento psychico seja irrealizavel e que os attributos mentaes das raças caldeadas subsistam como elementos irreductiveis do plasma germinativo, mantendo de geração em geração em cada individuo o conflicto interior de heranças psychologicas não apenas distinctas, mas em muitos pontos irreconciliaveis.

Semelhante hypothese concilia-se perfeitamente com as verificações da genetica sobre a hereditariedade dos caracteres psychicos. Estudando uma arvore genealogica, encontram-se individuos cujos traços phisicos são por tal forma diferentes, que o parentesco por elles poderia ser posto em duvida. Mas, levando-se em conta o numero de variadissimas combinações dos caracteres hereditarios em cada caso individual, dando lugar á formação de typos profundamente diversos uns dos outros, verifica-se sempre o vinculo que liga em uma descendencia os portadores de uma boa herança, como se nos

deparam invariavelmente os vestígios das taras ancestraes nas genealogias maculadas por influencias psychicas inferiorizantes. Não admira, portanto, que os caracteres psychicos normaes das raças caldeadas persistam intactos, juxtapondo-se em mosaicos por vezes harmoniosos, mas talvez mais frequentemente contradictorios.

Aliás, a observação dos grandes exemplos historicos da mestiçagem induz-nos a crêr que o caldeamento psychico nunca se realiza e que os typos associados pela miscigenação permanecem como radicaes psychicos irreductiveis, imprimindo ás sociedades assim formadas um cunho especial, que reproduz significativamente o conflicto das culturas, reflexo social da intima lucta psychologica que se trava em cada individuo componente do grupo humano assim formado. É o phenomeno apontado occorre mesmo quando as raças mestiçadas não são pelo menos aparentemente differenciadas anthropologicamente como acontece no caso brasileiro. A formação romana pela miscigenação dos elementos meridionaes provavelmente descendentes de povos portadores da cultura mediterranea do periodo neolithico com grupos de origem septentrional e complicada ainda pelo contingente etrusco, explica o desenvolvimento historico de Roma, desde a confusão mythica em que a Republica já pôde ser acompanhada com alguma approximação da verdade, até o periodo inicial da expansão imperial. Entretanto, a mestiçagem deve ter-se completado em Roma muito cedo, dadas as faci-

lidades senão mesmo os imperativos que ali forçavam o caldeamento rapido. Nas instituições romanas, tanto politicas e juridicas como religiosas de toda a epoca republicana até o fim da guerra civil, quando a importação dos valores orientaes começa a desfigurar rapidamente a *physionomia social* de Roma, manifestam-se os effectos do conflicto de culturas que subsistiam enfrentando-se mutuamente e resistindo tenazmente umas ás outras. Essa lueta muitas vezes secular de mentalidades antagonicas teria condemnado Roma a uma inferioridade politica analogá á das polides gregas, divididas tambem por conflictos internos em que se traduziam opposições irreductiveis de *psychismos ethnicos* irreconciliaveis, se a necessidade militar determinada a principio por conflictos com populações proximas e depois pelo temor de invasões transalpinas não tivesse desde cedo creado o imperativo de uma organização marcial que, tanto no periodo republicano como mais tarde no regimen imperial, foi o unico elemento assegurado da unidade romana.

O caso de Roma não é o unico que se poderia citar como comprovador de que o caldeamento somatico não envolve uma mestiçagem *psychica* das raças que se misturam. Mas ha naquelle exemplo uma impressionante lição de cousas sobre o destino politico dos povos formados sobre as bases da heterogeneidade racial. A pluralidade de tendencias culturais, tenaz sobrevivencia *psychica* das differenças irreductiveis das raças formadoras, determina sem duvida pela inevitavel repercussão social

um desequilíbrio ethico permanente, que actua como força constante de desaggregação opposta ao desenvolvimento de uma sociedade politica unificada e efficiente. Entretanto, exemplos historicos dos quaes o caso romano é talvez ainda o mais typico e mais instructivo, mostram a possibilidade da neutralização dos effeitos do conflicto de culturas no plano politico. Mas semelhante neutralização parece só poder ser alcançada por um processo aliás em franco antagonismo ás tendencias que preponderaram no pensamento politico dos povos occidentaes durante os ultimos dois seculos.

*

* *

Chegamos aqui ao exame dos effeitos de qualquer regimen politico vasado nos molçes democraticos sobre uma sociedade como a nossa, na qual mesmo quando estiver completo o ardor e necessariamente prolongado trabalho de caldeamento ethico, persistirão forças psychicas inassimilaveis, mantendo correntes culturaes nitidamente distinctas e de cujo contacto tem de resultar um perpetuo conflicto de idéas, de sentimentos, de aspirações e até de formas de sensibilidade. O debate em torno do valor intrinseco da democracia é destituído de character realistico, como o são aliás todas as discussões geraes e aprioristicas sobre formas de organização politica e social. O que se chama democracia só poderia ser considerado bom ou máo em abstracto, se todas as so-

ciudades humanas fossem identicas ou mesmo muito semelhantes e os resultados da experiencia em uma dellas pudesse servir de orientação para as outras. Pondo de lado esse ponto de vista erroneo por estar em contradicção com a realidade objectiva que póle ser facilmente verificada, a applicabilidade da democracia a certas nações e os seus inconvenientes e perigos no caso de outros povos, torna-se assumpto passivel de uma analyse racional e objectivista. Comparando o exito das instituições democraticas de alguns paizes com o insucesso manifesto dellas em outros, procura-se em geral attribuir essa disparidade de resultados a differenças culturaes quantitativas, que dariam ás nações onde a democracia tem redundado em beneficios uma posição superior aos povos, em cujo meio ella não se aclimata. Semelhante explicação parece-nos demasiado simplista e não é necessario a ella recorrer para encontrar razão sufficiente da diversidade apontada. Se analysarmos a questão examinando respectivamente as condições dos paizes que se dão bem com o regimen democratico e das nações em que elle não consegue produzir resultados satisfatorios, verificaremos um traço differencial muito caracteristico.

As instituições democraticas têm dado o maximo de resultado na Inglaterra, Suissa, Hollanda e nos paizes scandinavos, vindo em seguida, mas a uma distancia apreciavel, os Estados Unidos, onde não se póde dizer que a pratica da democracia corresponda sob todos os pontos de vista a uma approximação mesmo remota do

ideal politico. A primeira coisa que impressiona como aspecto commum áquelles paizes que se tornaram os modelos do regimen democratico, é a homogeneidade ethnica e sobretudo uma uniformidade cultural impressionante. As objecções que podem ser formuladas a esta ultima affirmação, são facilmente dissipadas por um esclarecimento. O povo britannico é sem duvida uma nação mestiça, como o affirmam tantas vezes os expoentes mais orgulhosos do racismo allemão. Mas a mestiçagem que se operou na Grã-Bretanha teve logar entre elementos raciaes que não eram accentuadamente differentes. Realmente não só na Grã-Bretanha, como em outros paizes, elementos celticos e nordicos se miscegenaram. As ethnias dali resultantes apresentaram uma tão perfeita synthese anthropologica e uma tão accentuada unidade psychica, que bem patente deixaram a proximidade das raças que se fundiram. Alem de celtas e anglo-saxonios e normandos só podem ter entrado na mistura ethnica britannica alguns elementos mediterraneos, representados pelas legiões romanas que, desde a epoca de Julio Cesar, estiveram em contacto com a população da ilha desde a Mancha até a Escossia. E' claro que excluimos nesta analyse os factores ethnicos que em um periodo proto-historico possam ter influenciado populações britannicas, como aliás outras do norte da Europa. Ha ainda a observar que a mestiçagem occorreu na Inglaterra em um periodo sufficientemente remoto para permittir a homogeneização psychica da população. Alem disto, a ascendencia do typo cultural,

que se formou sobretudo pela influencia combinada dos elementos normandos que invadiram a ilha no seculo XI e das forças educativas fortemente impregnadas de um colorido latino em acção durante a Idade Media, veio a ser tão indiscutivel, que mesmo os elementos celticos ainda não inteiramente assimilados e que se encontram em algumas regiões estão todos subordinados ao rythmo de uma unica mentalidade nacional.

O caso da Suissa é o exemplo da submissão de um grupo identificado com determinada cultura a outro, que imprimiu á nacionalidade a sua physionomia caracteristica. A sociedade helvetica tem um cunho inequivocamente allemão, que se estende á própria Suissa franceza, para não falar no insignificante elemento de origem italiana. O suisso da região do Lemano é um allemão que fala francez, mas cuja mentalidade se identificou por tal forma á do grupo dominante, que a ella não sabe mais resistir. Aliás no caso suisso o problema da democracia teve solução facilitada pela natureza restricta dos interesses e pela uniformidade destes em todas as zonas daquelle pequeno paiz alpino. Quanto á Hollanda e ainda mais em relação á Dinamarca, á Suecia e á Noruega, a homogeneidade ethnica e cultural é simplesmente evidente.

A correlação entre essa homogeneidade e o exito das instituições democraticas decorre de razões inherentes á propria essencia deste regimen. O predominio conferido ás massas numericamente preponderantes e o postulado equalitario que forma a base logica da demo-

cracia, são por tal forma incompatíveis com o conceito hierarchico identificado com a propria idéa de organização, qualquer que seja a natureza desta, que para o regimen democratico produzir os resultados satisfatorios, incontestavelmente obtidos nos paizes apontados, é preciso que a mentalidade collectiva de taes nações tenha conseguido encontrar uma formula pratica de aproveitar a theoria do regimen no que ella pôde ter de estimulante das actividades civicas, expurgando-a ao mesmo tempo das consequencias inevitaveis da sua applicação literal. Não é um paradoxo dizer-se que a democracia só pôde dar bons resultados entre os povos cujo temperamento é essencialmente anti-democratico. Semelhante proposição corresponde rigorosamente á realidade social que se nos depara nos paizes que citámos como unicos casos de exito das instituições democraticas. Em todos elles, com excepção da Suissa que é antes una liga de municipios preocupados com a solução de problemas de exclusiva administração local, que um Estado no sentido politico da expressão, iremos encontrar o facto bem significativo das instituições democraticas terem evoluído dentro da orbita do regimen monarchico e com a persistencia de uma organização social, em que as formações aristocraticas asseguram una hierarchia ainda capaz de resistir á acção corrosiva das forças que lhe são adversas. Na propria Noruega, onde não existe aristocracia, sendo ali talvez maior que em qualquer outro paiz a aproximação de um nivela-

mento social, a instituição monarchica pela sua natureza assegura a hierarchização estrutural da sociedade.

Sómente a mentalidade collectiva em que se creou um automatismo, induzindo á reverencia espontanea dos valores de todas as categorias, pôde adaptar as idéas e os methodos de governo da democracia ás exigencias disciplinares da ordem social e politica e do funcionamento efficiente dos órgãos politicos e administrativos do Estado. Comparando o que se passa com a democracia nos paizes onde ella se tornou a expressão natural das actividades civicas com os effeitos que esse regimen causa entre as nações que a importaram, temos um caso semelhante ao que acontece com o Christianismo nos povos europeos e entre as populações de outras raças annexadas á orbita christã pela catechese. O europeu confere aos dogmas e aos valores ethicos da sua religião um sentido que se harmoniza com as necessidades praticas da existencia. É um crente relativista ao qual a sua religião não pôde perturbar, enquadrando-se harmoniosamente no complexo das suas idéas e actividades. O convertido de outras raças, cuja mentalidade não pôde assimilar com a mesma naturalidade a crença exotica, empresta aos seus postulados um sentido literal e mecanico, acabando quasi sempre por divorciar por completo as suas actividades praticas de uma disciplina ethica, cujos fundamentos ideologicos se tornam para elle absurdos pela accitação absoluta do seu sentido ostensivo.

Precisamente o mesmo é o caso dos neophitos da de-

mocracia que acreditando piamente nos seus postulados symbolicos, chegam na pratica das instituições desse typo á necessidade fatal de desvirtuar todo o systema que, applicado como se as suas bases logicas fossem verdades positivas, se torna de facto origem de uma extraordinaria confusão social e politica. Fóra dos manicomios ninguem encontrará um eleitor inglez que se julgue depositario de uma parcella de sabedoria politica, capaz de concorrer pelo suffragio para a solução dos problemas nacionaes. A ficção da soberania popular é sub-conscientemente apreciada pelo mais brorco votante com uma lucida comprehensão do sentido pratico do systema representativo. O eleitor resigna-se á fatalidade da sua situação pessoal e procura orientar-se por aquelles em quem deposita mais confiança e a quem o ligam vinculos mais perceptíveis de interesse e de sympathy. Se não nos contentarmos com o exame superficial das cousas e levarmos a analyse ao mais profundo contacto com a realidade, chegaremos á conclusão de que o eleitorado nos paizes onde a democracia tem dado bons resultados procede de um modo perfeitamente analogo ao dos nossos e'itores da roça, seguindo em matéria eleitoral os seus chefes locais, a quem implicitamente entregam a direcção da sua consciencia politica. A observação não deixa de ter algum interesse, porque se examinarmos a formação das nossas assembléas politicas, verificaremos que os resultados mais surprehendedentes e menos edificantes do suffragio não são os determinados por esse tão calumniado eleitorado rural, mas

exactamente os que sahem das urnas das cidades, onde a votação representa a somma dos caprichos individuaes de dezenas de milhares de eleitores mais ou menos emancipados de qualquer orientação partidaria.

Attingimos aqui o ponto crucial da questão. Não é possível obter exito mesmo relativo na pratica das instituições democraticas, sem organizações partidarias solidamente cohesas e estrictamente disciplinadas. O obstaculo deante do qual tem fracassado a democracia fóra daquelles paizes, onde ella se organizou espontaneamente pela acção natural das influencias de um meio socialmente peculiar, tem sido exactamente a falta de partidos do typo que apontámos. Na Italia, na França e na propria Alemanha onde certas apparencias poderiam induzir a uma conclusão diversa, os partidos nem de longe se approximam da organização estavel e disciplinada que se encontra nas formações partidarias da politica ingleza, scandinava ou ainda no caso dos Estados Unidos. Na Italia enquanto houve partidos no sentido democratico da expressão, não passavam elles de entidades fluidas em torno das quaes o eleitorado se agrupava e se dispersava conforme influencias completamente independentes da orientação daquelles grupos politicos. Em França os partidos embora representando realidades politicas mais solidas que a das antigas facções italianas, não possuem entretanto organização disciplinada como o exige a propria essencia do regimen democratico, para que este não se transforme em causa de anarchizante confusão politica e permanente desor-

dem administrativa. Os antigos partidos allemães tinham apenas as exterioridades da organização e da disciplina, cousa que aliás sempre occorre em todas as manifestações da vida collectiva dos germanicos. Os resultados electoraes desde o periodo imperial e sobretudo nos pleitos realizados nos ultimos annos constituem prova convincente de que a organização disciplinada de grandes partidos, como o social-democrata e o catholico, era nmittissimo mais apparente que real.

*
* *

No caso brasileiro a coexistencia de culturas contradictorias em permanente conflicto, não apenas na sociedade, como tambem na mentalidade individual de cada um dos productos da mestiçagem, parece crear uma causa irremovivel de inevitavel fracasso de todas as tentativas de adaptação ao regimen democratico. A estabilidade mental, a attitude equilibrada de relativismo no apreço dos postulados politicos e dos factos concretos a que elles têm de ser applicados não se podem encontrar em povos de heterogenea formação ethnica como o nosso. A democracia, isto é, em ultima analyse, o governo orientado pela media das tendencias que se manifestam na collectividade, é por esta propria definição uma forma de organização politica, em que se exige como base insubstituivel a possibilidade de um ajustamento de correntes intellectuaes e emotivas, de modo a que dellas

se possa tirar uma resultante, mais ou menos representativa de um psychismo commum. Esse psychismo não existe no Brasil.

Conforme predomina em cada um de nós a parcella desta ou daquella das raças de cuja mestiçagem somos producto, o nosso espirito segue directrizes peculiares e leva-nos a uma attitude européa, amerindia ou africana em face de qualquer problema economico, social ou politico. Somos logicos, accetamos postulados ethicos configurados pela geometria moral semitico-aryana, sentimos os imperativos do conceito da honra, desdenhamos quasi com repugnancia os appellos molles do sentimentalismo, enlibramo-nos animados pelo ideal da efficiencia, quando em nós fala a alma européa. Perdemos o sentido da individualidade, lançamos olhares não propheticos, mas de nostalgico saudosismo para a idéa communitista, desfallecemos deante da perspectiva do trabalho e enternecemos-nos com as expressões do sentido profundo da natureza e da terra, se nos vibra no espirito uma nota longinqua do psychismo aborigene. Tornamo-nos crianças bondosas e capazes ao mesmo tempo dos mais selvagens actos destructivos, somos pacientes e appellamos para o pulso rijo de um bom senhor, arras-tamo-nos na confiança de um optimismo primario, acreditando que uma Providencia supprirá todas as nossas deficiencias e podemos ser felizes na miseria, como o escravo negro sabia ser alegre no captiveiro.

Como organizar uma democracia com este povo em que se contradictam em collisões violentas os genios

de tres raças desviadas pelo destino das orbitas naturaes do seu curso evolutivo? Onde o denominador common que permitta determinar a formula geral dessas mentalidades incommensuraveis? Que rumo politico, social ou economico poderá guiar-nos simultaneamente ao burgo europeu, á taba amerindia e ao kral africano? Varias experiencias interrompidas pelo desastre já nos deviam ter convencido da impossibilidade de levantar até o seu terraço vencedor o nosso arranha-céu democratico, no meio das dissonancias babelicas dos psychismos raciaes inassimilaveis, que se contradizem no caldeirão da brasilidade.

Entretanto, insistimos na tentativa irracional de organizar uma democracia, sem partidos que a experiencia nos mostrou ser impossivel formar, diante da incapacidade em que nos achamos de submeter ao rythmo disciplinador de uma ideologia qualquer um grupo mais numeroso de brasileiros. E longe de progredirmos no sentido de tornar viaveis as organizações partidarias, sem as quaes o regimen democratico não passa de um contrasenso, tendemos a encontrar dificuldades cada vez maiores á accção espontanea de qualquer disciplina common por parte das massas da nossa população. No primeiro meio seculo do periodo imperial a ascendencia mais ou menos indiscutida do psychismo europeu permittiu um simulacro de organização partidaria, capaz de tornar soffrivelmente decente nas suas exterioridades a macaqueação do parlamentarismo britannico. Mas na ultima decada da Monarchia e sobretudo depois que a

molestia comprometter a habilidade do imperial director perpetuo do nosso circo politico, a pantomima parlamentar foi decalando até que as cousas chegaram ao desmoronamento das instituições por um pronunciamento militar improvisado em poucos dias, para ser em seguida acceto pela nação em peso, como expressão de uma irrevogavel sentença histórica.

E aquella foi das nossas experiencias democraticas a que mais se avizinhou da realidade desse regimen. Aliás assim tinha de acontecer, porque então o paiz era governado por uma oligarchia representativa da classe exclusivamente beneficiaria do trabalho nacional. Tivemos de facto no periodo monarchico uma democracia de modo algum comparavel ás que se nos deparam no mundo moderno, mas apresentando uma curiosa analogia com o regimen democratico das antigas polides gregas. Nestas tambem fôra possivel uma organização do typo democratico apesar da coexistencia na sociedade de grupos ethnica e portanto psychicamente differentes, porque toda a responsabilidade da gestão politica se concentrava exclusivamente em um só desses grupos.

Com o progresso do caldeamento e correspondente afrouxamento das barreiras de separação racial occorreu uma diminuição pelo menos temporaria da ascendencia do psychismo branco. Os valores não europeos foram se impondo cada vez mais à medida que os elementos ethnicos que os representavam iam adquirindo uma situação social mais preponderante e prestigiosa. O problema da democracia foi-se tornando assim de solução

mais difficil. Como vimos a pratica do regimen democratico só é possivel onde as massas populares espontaneamente acceptam uma hierarchia de valores e se submettem sem reluctancia á direcção espirital e politica de chefes implicitamente reconhecidos como guias e orientadores da collectividade. Mas o reconhecimento da superioridade presuppõe uma mentalidade commum capaz de apreciar expressões mais elevadas das suas proprias qualidades e de receber a influencia de forças directoras que, embora em plano mais elevado, synchronizam entretanto as suas idéas, sentimentos e tendencias com analogas manifestações do psychismo das massas. Um tal synchronismo é impossivel no caso de mentalidades respectivamente identificadas com culturas raciaes nitidamente diferenciadas entre si. O vinculo de *sympathia* espirital e de relativa comprehensão intellectual estabelece-se entre individuos pertencentes a uma mesma corrente cultural, ainda que entre elles occurram enormes differenças de nivel psychico. Mas os elementos collocados em orbitas culturaes distinctas têm uma extrema difficuldade para se comprehenderem mutuamente e isto só pôde realizar se e em escala sempre muito relativa, quando se trata de expoentes maximos das formações culturaes em apreço. Confucio poderia ter entendido Platão, Bacon, Descartes ou Kant; mas um representante da media espirital do povo chinez está em um mundo separado e é incapaz de decifrar o enigma da alma européa.

Analysando o que se passa no meio brasileiro, encon-

traremos a todo o momento a prova da incapacidade já não diremos de *communhão* espiritual, mas de simples compreensão íntima de valores por parte dos elementos das tres raças, que em contacto e que apesar da miscigenação não conseguem fundir-se em um homogéneo *autógena* psychico. Os valores brancos e os seus expoentes podem transitoriamente fascinar as massas onde predominam os elementos não europeos, como o missionario consegue deslumbrar os seus catechumenos com as astucias da technica da sua civilização. Mas a influencia não passa do effeito ephemero de um encantamento de pouca duração. Os heroes authenticos que se fixam como ídolos na consciencia popular são os que exprimem nas suas attitudes e nos seus gestos os traços mais fortemente anti-europeos do psychismo brasileiro. Levantem-se estatuas de Caxias, colloque-se a sua ephigie nos salões ministeriaes, como symbolo maior das virtudes militares encarnadas em um brasileiro. O soldado cavalleiresco continuará a ser uma figura fria que deixa insensivel a imaginação do nosso povo, voltada em um culto de profunda sinceridade e perpetuo enthusiasmo pelos traços caboclos de Floriano. Rio Branco que conquistou quatro provincias e teve uma decada de gloria no occaso da vida, já é hoje para a grande maioria dos brasileiros pouco mais que um predecessor do sr. Cavalcanti de Lacerda. E o proprio José Bonifacio, embalsamado durante o Imperio pelo carinho tendencioso dos adversarios da dynastia, já estaria talvez esquecido,

se o seu nome não se tivesse perpetuado em uma familia collocada pelos accidentes da politica em posição de destaque e de prestigio. Bem razão teve o proverbialista indigena ao affirmar por entre os truismos das suas maximas banaes que se o primeiro imperador fôra desthronado por não ser nato, o segundo viria a sel-o por não ser mulato.

*

* *

A situação assim creada pelo conflicto de culturas de que resultam antagonismos psychicos manifestados tanto no plano social e politico como em contradicções que se deparam na propria vida interior dos individuos, torna impossivel a solução dos problemas brasileiros pela applicação de methodos e de instituições de typo accentuadamente europeu. O predominio espiritual dos elementos brancos da população em tempos passados gerou a convicção de que para progredirmos no sentido da civilização e da cultura teriamos apenas de imitar a Europa e adoptar os padrões europeos. Todos os accidentes da nossa historia explicam-se pela discrepancia desses valores com a realidade brasileira.

Entretanto, as difficuldades que se oppõem á aclimação dos padrões europeos suscitam a questão egualmente seria da escolha de outras directrizes culturais e politicas que não nos incompatibilizem com as aspirações de uma grande civilização. Apesar dos signaes que se podem hoje observar da affirmação de culturas não europeas que se candidatam a disputar no scenario

do mundo uma situação de influencia senão mesmo de supremacia, é indiscutível que aos valores creados pela raça branca se prendem ainda as formas mais elevadas de organização da vida social e a conquista de um maior domínio sobre as forças naturaes pela extensão do campo do conhecimento. Renunciar a uma civilização de typo europeu importaria em condemnar o Brasil na propria America do Sul a uma situação de inferioridade relativamente á Argentina, ao Chile, ao Uruguay, que constituem no nosso continente formações europeas quasi inteiramente isentas de influencias amerindias e immunes por completo de miscigenação africana.

Mas o problema offerece perturbadoras difficuldades. O Brasil do seculo XX já não apresenta as condições que permittiram aos nossos antepassados manterem a ascendencia do espirito europeu quasi até o fim da epoca imperial. A estrutura da sociedade brasileira foi violentamente alterada pela abolição da escravidão. Por certo muito antes do movimento emancipador, a mestiçagem já havia assumido proporções sufficientes para conferir aos elementos não europeos uma formidavel influencia na vida social. Mas a escravidão conservava theoreticamente o predominio da raça branca e cercava as tendencias do *psychismo europeu* de um prestigio que lhes facilitava a ascendencia na orientação da sociedade. Com o nivelamento legal das raças desapareceu a ultima e já bastante fragil linha de defesa do europeismo no Brasil. A difficuldade em impedir a subalternização dos valores europeos no re-

gimen da egualdade civil das raças em paizes de formação ethnica heterogenea foi agudamente sentida pelos brancos da Colonia do Cabo, do Transvaal e do Orange que, ao constituírem na primeira decada deste seculo a União Sul-Africana, resistiram victoriosamente aos principios equalitarios do direito publico inglez, impondo ao parlamento imperial a accitação, hem a contra-gosto, de um dispositivo constitucional, desclassificando politicamente na União todas as pessoas de raça não europeá. Sem termos no caso brasileiro restricções dessa natureza, que aliás seriam inconcebiveis entre nós, ficamos sob a imminencia de vêr resolvido o problema do conflicto das culturas pelo predomínio majoritario dos elementos formadores das correntes amerindia e africana.

Póde-se por certo prevêr que esse problema tão complexo e por enquanto ainda mal posto em discussão para ser depois reduzido aos termos de uma equação sociologica, não venha afinal a ser resolvido pela fixação de um typo de cultura do qual tenham sido excluidos os elementos europeos, tal qual poderá acontecer em outros paizes da America Latina, como o Mexico e o Paraguay, e já ocorre em Haiti e em S. Domingos. No Brasil não existem mais correntes culturais amerindia e africana puras e capazes de proseguir no seu desenvolvimento immunes das acquisições europeás e que nellas já se integraram, embora ainda não estejam de um modo geral assimiladas como partes organicas das suas estruturas.

Seudo estes ensaios trabalho de mero criticismo sociologica e constituindo a sua finalidade antes a focalização de problemas que a indicação dos meios de solucioná-los, só nos resta assignar uma das possíveis consequencias do conflicto de culturas que se observa no Brasil. Referimo-nos á relação entre esses antagonismos e o problema de manter unida a nacionalidade brasileira.

*
* *

A heterogeneidade ethnica complicou-se no caso brasileiro com as irregularidades na distribuição das zonas geographicas da miscigenação. O factor economico em esca'a muitissimo maior que as differenças de clima representou papel principal no determinismo da formação de verdadeiras sub-ethnias bastante diferenciadas nas diversas regiões do paiz. Onde se desenvolveu a lavoura da canna de assucar a mestiçagem apresenta os signaes inequivocos do africano, não raro em um typo anthropologico no qual a subalternidade do elemento branco é evidente. Nas zonas pastoris a miscigenação formou o caboclo. E nas regiões onde as condições economicas permittiram o desenvolvimento da pequena propriedade predomina o branco aryano, enquanto que nas terras da mineração é claramente perceptivel a influencia do semita para ali attrahido em grande numero pela fascinação do ouro e das pedras preciosas.

Assim, o mappa ethnologico do Brasil pôde ser dese-

nhado em manchas raciaes correspondentes mais ou menos rigorosamente ás linhas de desenvolvimento economico seguidas pela civilização nas differentes zonas do nosso territorio. O problema que ora se apresenta é o da coordenação desses nucleos ethnicos assim concentrados e cada um dos quaes se acha identificado com uma forma de cultura peculiar. Entre os aryanos e semitas agrupados hoje principalmente na parte oriental do altiplano e nos Estados do sul da Republica não existem antagonismos psychicos capazes de reflectirem-se em dissonancias sociaes e politicas. Abstrahindo mesmo do facto de que os elementos brancos vindos para o Brasil até a epoca do inicio das immigrações em massa de europeos não ibericos eram na sua grande maioria portuguezes semitizados, quando não puros semitas, temos a considerar que sob o ponto de vista cultural os psychismos aryano e semita se conjugam muitissimo melhor, que poderiamos ser levados a crêr pelas declamações apaixonadas dos publicistas do anti-semitismo. Excepto em casos muito especiaes e mesmo nelles sob a influencia de agentes intencionaes de provocação, as populações aryanas e semitas convivem nas condições mais satisfatorias e mesmo quando não se opere a miscigenação, occorre invariavelmente uma symbiose cultural que apaga no dynamismo social as differenças psychicas das raças em contacto. O exemplo dos Estados Unidos basta para encerrar a discussão sobre este ponto, dando réplica decisiva a qualquer objecção formulada contra o que affirmamos. Póde-se,

portanto, considerar as populações aryano-semíticas reunidas na região que de um modo geral constitue o Brasil meridional, como capazes de proseguir no desenvolvimento de uma civilização, dentro de cuja orbita possam conviver e colaborar no dynamismo da sociedade todos os elementos constituintes da sub-ethnia em formação nesta zona do paiz.

O conflicto de culturas surge como factor de possíveis antagonismos politicos no futuro da opposição do psychismo dessa sub-ethnia aryano-semítica do sul do paiz ás tendencias culturaes das populações que se reúnem na parte septentrional da Republica. A existencia de duas correntes em que se polariza a nacionalidade, ameaçando crear duas formações ethnicas nitidamente diferenciadas, é um facto que sómente o sentimentalismo superficial pôde negar e cujas possibilidades indesejaveis excedem de muito as proporções actuaes de certas tencências regionalistas superficiaes e sem repercussão.

As differenças de nivel economico que se observam entre o norte e o sul e nas quaes já se traduzem os effeitos de situações ethnicas diversas e do sentido opposto de psychismos mais ou menos antagonicos, não representariam causas de enfraquecimento da unidade nacional, se não tivessem as origens que apontamos e das quaes promanam ainda outras contradicções mais difficeis de remediar entre os brasileiros das duas partes do Brasil. A questão torna-se mais complicada na epoca actual que o seria em uma ambiencia menos esti-

mulante dos particularismos raciaes, qual a do mundo contemporaneo. O traço talvez mais forte deste periodo historico é a accentuação das barreiras ethnicas, sobrepondo-se aos outros divisores que têm separado a humanidade nos ultimos seculos. Desde os regulamentos de immigração adoptados pelos povos que pareciam mais isentos de preocupações de defesa racial e applicam agora o regimen das quotas á entrada de estrangeiros differenciando-os ethnicamente, até as manifestações arrogantes do racismo allemão, assistimos a uma proclamação universal do sentimento da desigualdade das raças, que teria parecido inconcebivel aos homens da geração de Gobineau. Em torno do Brasil e acirrando entre nós as tendencias dos psychismos contradictorios das raças formadoras da nacionalidade, actuam as forças espirituaes que em todas as regiões do globo estão promovendo concentrações ethnicas e provocando a defesa cada vez mais energica e efficiente de cada um dos grupos humanos. E este movimento tem para imprimir-lhe direcção permanente e reforçar-lhe a tenacidade a origem dos seus postulados sociologicos, decorrentes das verificações da moderna sciencia da genetica. De todas as utopias do seculo XIX, nenhuma talvez esteja fazendo bancarrota tão espectacular, como o sonho da confraternização das raças.

O drama da ethnomachia universal terá talvez no Brasil o campo mais interessante para scenario de um conflicto triangular de culturas, que a catechese jesuitica, nem o humanitarismo comtista conseguiram fundir

em um rebanho *psychologico* confraternizado. O supremo interesse do problema consiste exactamente nessa incognita. Se a conseguirmos determinar com uma formula solucionadora do nosso caso nacional, teremos dado ao mundo a chave magica para chegar á origem profunda das divergencias, que ameçam ensanguentar a terra e talvez destruir as civilizações ao choque brutal das dissonancias das raças irreconciliaveis. O Brasil é no actual momento historico uma miniatura aliás em escala bem consideravel do mundo em que novos mappas se vão esboçando na polychromia de uma nova cartographia *ethologica*. E como aqui as forças raciaes se acham comprimidas em um contacto mais intimo, o problema tem de esboçar-se mais cedo. A solução d'elle será o padrão da formula mundial. A nossa sorte será a antecipação prophetica dos destinos da humanidade.

*
* *

Na logica das tendencias que dominam por toda a parte na orientação do problema das raças, o caso brasileiro terá de ser solucionado pela ascendencia de uma das tres culturas em conflicto, impondo autoritariamente ás outras o seu *rythmo* especial. Um exemplo recente e que ainda se desenrola deante de nós, mostra-nos como nos países de formação ethnica heterogenea uma das culturas em lucta póde assumir em determinado momento preflomnio esmagador sobre a outra. A significação profunda da revolução russa não foi a remo-

defeição económica, social e política de accordo com formulas marxistas, de que tinham a cabeça cheia alguns revolucionarios, trazidos pelos acontecimentos de 1917 á direcção dictatorial do disforme imperio dos tzares. O sentido da mais interessante revolução dos tempos modernos e talvez mesmo de todas as épocas historicas, foi a ascendencia dramaticamente conquistada pela cultura tartara sobre a civilização branca. A cultura europeia importada pelos Romanov, desde os dias de Pedro o Grande, ia-se infiltrando na mentalidade das populações slavas, a ella naturalmente predispostas. Mas os elementos ethnicos deixados na Russia pelas alluções da invasão tartara nunca assimilaram a cultura do Occidente. O esplendor da antiga S. Petersburgo e as manifestações do industrialismo creado nos ultimos *decennios* pela importação do ouro, com que a França comprava a alliança cossaca, eram phenomenos superficiaes, sob cuja brilhante encenação persistia a refractariedade da alma kalmouk, em perpetua rebeldia contra a noção europeia da disciplina e contra os valores occidentaes, impostos ás massas russas por uma casta burocratica e militar recrutada em grande parte entre os remanescentes das incursões dos Cavalleiros Teutonicos fixados na orla do Baltico.

No caso brasileiro, a possibilidade de uma analoga subalternização dramatica dos valores brancos ás culturas não europeas, é muitissimo remota. Embora a cultura branca não tenha conseguido no Brasil uma situação de dominio incontestado sobre as correntes do psychismo

amerindio e africano, ainda assim estas não possuem capacidade de impôr-se tão victoriosamente, como a mentalidade tartara pôde fazel-o na Russia bolshevista. O perigo que nos ameaça em consequencia do conflicto de culturas, não é o do collapso da civilização, que procura desenvolver-se com estylo europeu e vem sendo construida ha quatro seculos pelo esforço dos elementos ethnicos das raças brancas que para aqui emigraram. Temos antes a recear uma degeneração dos valores occidentaes sob a influencia corrosiva das correntes não européas. A mestiçagem psychica é como vimos uma impossibilidade, quando a miscogenação tem logar entre raças profundamente diferenciadas. Uma civilização em que se reflectissem as características combinadas do europeu, do amerindio e do africano, seria uma formação cultural instavel, dentro de cuja orbita as actividades creadoras do progresso se tornariam inefficazes. As tendencias contradictorias de tres culturas irreconciliaveis agiriam de modo paralyzador do desenvolvimento espirital da nação.

O progresso é evidentemente a expressão de uma lucta e a perfeição em qualquer esphera de actividade representa o attestado de que alguma coisa venceu e que outros elementos foram subjugados. A civilização brasileira não poderá ser a cultura tricolôr sonhada pelos que, illudidos com o resultado anthropologico da miscogenação no seu aspecto somatico, acariciam a utopia de uma mestiçagem psychologica. Os valores culturaes têm uma existencia real e são verdadeiras forças acti-

vas, que se manifestam no plano social e politico, determinando efeitos distinctos e constantes.

O Brasil tem de fazer a sua escolha entre a cidade europeia, a taba americana e o kral africano. Reunir no perimetro de uma unica civilização as tres formas de organização sociogenica, será extender um acampamento ephemero, uma especie de gigantesca feira sociologica, mas nunca fundar uma nacionalidade cohesa e orientada por uma taba de valores capaz de servir de base ethica a um grande povo.

O branco terá de firmar a sua supremacia espiritual, aproveitando-se apenas dos valores africanos e amerindios, quando muito como elementos decorativos do seu triumpho. Se não tiver força e coragem para fazel-o, se não puder impôr o rythmo da sua disciplina ethica peculiar e os seus proprios valores em um dominio incontestado, terá de resignar-se á decadencia e á esterilidade que é o fundo de sacco, onde desaparecem todas as tentativas de mestiçagem de raças sensivelmente afastadas entre si.

O fasciante interesse que o Brasil do seculo XX offerece sob o ponto de vista sociogenico, consiste na decifração desse enigma, suscitado entre nós pelo conflicto de culturas. Conseguiremos ser uma raça biologicamente mestiçada, mas tendo um psychismo exclusivamente branco nos traços essenciaes da mentalidade e do character nacional? As nossas e as proximas gerações parecem ter por destino historico dar uma resposta a esta questão.